

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

RAQUEL SHIRLEI FERREIRA DE SOUZA

**O SUJEITO DE UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA:
o deslizamento do significante no sujeito paranoico**

**JOÃO PESSOA
2012**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

RAQUEL SHIRLEI FERREIRA DE SOUZA

**O SUJEITO DE UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA:
o deslizamento do significante no sujeito paranoico**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof.^a Dra. Mônica Nóbrega

**JOÃO PESSOA
2012**

S729s Souza, Raquel Shirlei Ferreira de.
O sujeito de uma língua estrangeira: o deslizamento do
significante no sujeito paranoico / Raquel Shirlei Ferreira de
Souza.- João Pessoa, 2012.
114f.
Orientadora: Mônica Nobrega
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA
1. Linguagem na psicanálise. 2. Linguagem na linguística.
3. Forclusão. 4. Lalange. 5. Língua. 6. Paranoia. 7. Valor
linguístico.

UFPB/BC

CDU: 800:159.964.2(043)

Raquel Shirlei Ferreira de Souza

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Mestre, sob orientação da professora Dra. Mônica Nóbrega.

Aprovada em ____/____/____.

Banca examinadora

Profa. Dra. Mônica Nóbrega (PPGL/UFPB)
(orientadora)

Profa. Dra. Margarida Elia Assad (PPGL/UFPB)

Profa. Dra. Márcia Maria Rosa Vieira (FAFICH PPGL/UFMG)

Aos meus pais, José Ferreira e Maria
Araídes, pela transmissão do valor da labuta,
dedico.

AGRADECIMENTOS

Chegar até esse ponto não foi fácil, misturei-me como uma paranoica a esse trabalho e, atravessada pela angústia, tive nos meus melhores laços ponto de basta que me apaziguaram e me ajudaram a seguir.

Os laços que foram tecidos por conta da Universidade endossados pela psicanálise:

A Mônica Nóbrega, professora e orientadora, por ter me acolhido desde do PIBIC na pesquisa da psicanálise e linguística. A você agradeço pelas orientações e pelas conversas que foram além da teoria, com boas risadas, conselhos e palavras que me convocaram para a finalização. Soubemos fazer desse encontro, que o tempo cronológico demorou a fazer efeito, a melhor coisa. A dissertação está aqui finalizada. Muito obrigada.

À professora Margarida Assad, a minha admiração e respeito. Muito obrigada pela leitura e pelas indicações que como em análise foram aproveitadas como ato, foi dos poucos encontros que soube tirar proveito. Agradeço também a leitura caprichosa que fez na minha qualificação.

À professora Socorro Pacífico, pela leitura exigente e ética sobre o meu texto. As suas pontuações na qualificação foram essenciais para a organização da minha escrita.

Às professoras Héliida Magalhães, Eugênia Correia, Zaeth Nascimento, Henri Krutzen, agradeço pelos primeiros ensinamentos, ainda na graduação, sobre a teoria psicanalítica. Grata pelo desejo da transmissão.

Ao Projeto Aimée, pelas discussões teóricas e pelas alegrias dos encontros. Foi através das escutas dos pacientes psicóticos e as posteriores supervisões que pude decidir estar aqui, na psicanálise, desbravando o país estrangeiro dos loucos.

A Béa, com quem aprendi muito sobre a Psicanálise e, a partir desta, fizemos laço de poesia e amor.

A Regileide Lucena, uma amiga via teoria e via alegria. Aprendo sempre muito com você. Obrigada pelo carinho sempre.

A Rilma Medeiros, por termos compartilhado da mesma insistência em entrar neste mestrado e também finalizar, cada uma a seu modo e a seu tempo. Obrigada pelo carinho e pela torcida.

À minha Série querida: Thaís Teixeira, Roberta Mota, Silvana Nicodemos e Carmem Plácida. Obrigada pelo amor e pela preciosidade do nosso laço. Amo vocês, cada um de uma forma

diferente. Obrigada pela torcida e pelo entusiasmo com que cuidamos das nossas relações. Estamos sempre juntas!

A Elisangela Barrêto, com quem posso contar sempre. Recorro a você, teoricamente, mas também demandando acolhimento e amor. O nosso laço foi essencial para essa finalização.

A Paula Sobral, obrigada por nossa parceria de amor e admiração, obrigada por ter me segurado, mesmo com a interferência da distância geográfica, nos momentos de pura angústia. A sua fala chegava até mim como um alívio, como um acolhimento. Agradeço pela leitura do meu texto, mas mais ainda pela boa leitura que fez dos meus questionamentos subjetivos, sempre com amor e delicadeza.

A Francisco Xavier, meu grande amigo, uma parceria alimentada por conversas intermináveis e encontros deliciosos. Obrigada pelo ouvido, pelo entusiasmo e pela força. É impossível estar só e pelas águas intensas da amizade, como nos ensina Hilst, é bem mais fácil sair do lugar.

À minha analista, Ana Lucia Teixeira de Carvalho, que testemunhou a construção deste percurso e que me auxiliou, através da sua escuta e presença, a nomeação desse isso, que passou de redação infantil à dissertação.

Os laços tecidos na infância:

A Neila Maciel, Marcela Lopes e Patrícia Batista, por vibrarem com as minhas conquistas. Saboreio cada encontro nosso.

Os laços que foram tecidos por conta da origem:

Aos meus sobrinhos, Antonio Cabral II e José Ferreira II, por possibilitar um novo andar ' carruagem da nossa primeira família, vocês são a melhor inovação e alegria dos nossos dias.

Ao meu irmão, Paulo Alexandre, um amor intenso. Por dividirmos um tempo infantil. Fizemos dele, cada um a seu modo, um percurso diferente. Os nossos encontros continuam sendo bem vindos.

Ao meu pai, José Ferreira, pelas investidas que fizestes em vida a mim. Através das palavras pude continuar a te encontrar. Tento tirar do *a posteriori* grande proveito.

À minha mãe, Araildes Santana, por tanta dedicação e amor. Obrigada por confiar em mim.

O laço tecido por amor rumo à construção de uma nova origem:

A Wilson Luiz dos Santos Filho, por suportar poeticamente o meu sintoma. O meu amor por você transborda qualquer escrita. Você é o meu melhor encontro. Muito obrigada pela maior torcida. Te amo!

*É o olho copioso de Deus. É o olho cego
De quem quer ver. Vês? De tão aberto
Queimado de amarelo-
Assim me disse o louco (esguio e loiro)
Olhando o girassol que nasceu no meu teto.*

Hilda Hilst

RESUMO

Esta dissertação buscou, através da linguagem particular da paranoia, um diálogo entre a linguagem na psicanálise e a linguagem na linguística. Para isso, enfatizou os conceitos saussurianos que foram importantes para uma compreensão do tema central *O sujeito de uma língua estrangeira* como arbitrariedade, relações associativas, sintagmáticas, significante, língua como a parte social da linguagem e fala como a particularidade do ser falante. Foi feito a esses conceitos um contraponto com a teoria de Lacan - o inconsciente é estruturado como uma linguagem - máxima que identifica a clínica com primazia no simbólico, como também a clínica do último ensino de Lacan, onde teoriza sobre a lalangue, língua do inconsciente. A partir do delírio, sob a ótica da psicanálise, procurou-se compreender a constituição da língua como algo exterior ao sujeito, e qual o contorno feito pelo paranoico para fazer suas pequenas excursões sobre os laços sociais, qual o estatuto desta invenção e como ela é pensada, tendo base a linguística saussuriana.

Palavras-chaves: Forclusão; Lalangue; Língua; Paranoia; Valor linguístico.

ABSTRACT

This dissertation work sought, through the distinctive language of paranoia, a dialogue between the language on psychoanalysis and the language on linguistics. For do this, emphasized the saussurian concepts were important to comprehend the core theme of the subject of a foreign language as absolut, associative relations, syntagmatic, significant language as the social part of language and speech as the distinctiveness of being verbose. Was made a counterpoint to these concepts to the Lacan's theory – the unconscious is structured like a language – that identifies the highest primacy the clinic with symbolic as well as the Lacan's last teaching, which speculates about the lalangue, the language of the unconscious. From the delirium, from the perspective of psychoanalysis, was tried to comprehend the constitution of language as something external to the subject, and what the outline made by paranoid to do short excursions on their social connections, what is the status of invention and how it's thought, being based on saussurean linguistics.

Keywords: Foreclosure; Lalangue; Language; Paranoia; Linguistic value.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A MANIFESTAÇÃO CLÍNICA DA PARANOIA EM FREUD E EM LACAN	16
2.1 A VIA FREUDIANA DA PSICOSE	16
2.2 A PARANOIA NA PSIQUIATRIA	27
2.3 A PARANOIA NO PERCURSO DE LACAN	33
2.3.1 A paranoia e o Imaginário	39
2.3.1.1 Estádio do espelho	40
2.3.1.2 O visco imaginário	45
2.3.2 A paranoia e o Simbólico	49
2.3.2.1 Os três tempos do Édipo em Lacan	54
2.3.2.2 A forclusão do Nome-do-Pai	56
2.3.3 A paranoia e o Real	57
3 A INVENÇÃO PARANOICA: ENTRE A LALANGUE E A LÍNGUA.....	66
3.1 A LINGUAGEM DE FERDINAND SAUSSURE E A LALANGUE, UM ENCONTRO INTERMEDIADO PELA PARANOIA.....	66
3.2 O DESLIZAMENTO DO SIGNIFICANTE NO SUJEITO PARANOICO: COMO FICAM OS MOVIMENTOS DE LÍNGUA NA PARANOIA?	79
3.3 A LÍNGUA COMO DELÍRIO DE TODOS	89
3.4 O PARANOICO E A LINGUAGEM: UMA RELAÇÃO DE ESTRANHEZA	100
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
REFERÊNCIAS	108

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação se originou das indagações surgidas no grupo de estudo sobre linguística e psicanálise, aliadas à escuta a pacientes psicóticos na clínica, como ensina Elia (2000, p.24): “o analista-pesquisador deve dirigir sua escuta, sua intenção de pesquisa, sempre clínica, para o que visa saber, para um saber não previamente estabelecido”. Pela formação em psicologia, encontrei na psicanálise lacaniana o meu lugar de origem, e na linguística saussuriana realizei um passeio por um lugar novo, ainda estrangeiro, mas que foi possível, pela via das discussões, construir uma fronteira entre esses dois saberes: linguística e psicanálise.

A ideia de língua em Saussure (1916/2006, p. 17) como “um produto social da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” fez eco nas indagações primeiras, de como sujeitos foracuídos, aqueles que apresentam uma falha na função paterna. E, portanto, relacionam-se com o social de forma frágil, apresentam-se na língua. A partir dos estudos, da escuta do delírio na clínica, a pesquisa sobre sujeitos psicóticos e a linguagem foi mais delimitada, até a definição da paranoia como foco do nosso estudo. Todo sujeito tem inconsciente e todo sujeito tem o seu lugar na língua, porém, o inconsciente a céu aberto na psicose e as excursões que o paranoico faz nos discursos apontam um fazer diferente com a língua para além da paranoia inicial de todo sujeito - a relação deste transborda a linearidade da fala, provocando estranhamento tanto no sujeito como naquele que o escuta. Os paranoicos denunciam em nós, neuróticos, o que guardamos a sete chaves pela via do recalque.

A linguística tem questionado sobre o lugar do sujeito na linguagem; já a psicanálise tem perguntado qual é o lugar da linguística no campo do sujeito. Para alguns, esse diálogo não é visto com bons olhos, pois alegam que a única coisa que sai desta discussão é o significante saussuriano *versus* o significante lacaniano. Como traz Arrivé (1999, p. 14): “Só um ponto comum entre esses dois personagens (psicanalista e lingüistas): ambos escutam”. E é pela escuta com o terceiro ouvido que chegamos a esses dois campos. Atravessados pela linguagem, vamos até Saussure e é através de sujeitos habitados pela linguagem ou melhor, de sujeitos mergulhados em uma linguagem avassaladora, de um saber estrangeiro que vem de fora como nos paranoicos que buscamos compreender a relação destes com a linguagem. A psicanálise entra no campo da linguagem pela via da fala; já para o linguista o caminho é outro, o seu inverso. É claro que a linguagem vai muito além dos que os estudos teóricos

propõem, mas é importante ter em mente ao menos a ideia de que, com essas discussões, no nível do simbólico, podemos contornar algo que é da ordem do real, do impossível de se dizer tudo.

O Nome-do-Pai é a metáfora que vem substituir o desejo da mãe, que separa o sujeito e o coloca na norma fálica da falta. Com a forclusão, o sujeito fica à mercê de uma ordem outra, que não a fálica, e sim uma lei, uma ordem de linguagem sem dialética, que impõe regras, fazendo do sujeito gozo e não desejo.

Lacan (1955-56/2002, p. 24) afirma que um rapaz lhe perguntou se as psicoses eram ou não orgânicas, e ele responde: “(...) eu lhe disse que esta questão estava completamente superada (...) e que certamente não se torna louco quem quer”. Essa frase tão famosa para a psicanálise possibilita *a posteriori* interpretar a postura de Lacan frente à psicose. Esta é considerada uma estrutura clínica e, portanto, uma estrutura de linguagem, uma estrutura de significantes. Há algo nela que a marca, e só é louco quem pode.

O retorno que Lacan faz aos textos freudianos, a partir da década de 1950, possibilitou-o pensar as estruturas clínicas – neurose, psicose, perversão – como estruturas de linguagem, apresentando um modo particular da relação do sujeito com o Outro. As afirmações dos anos 1950 levam a ideia de que o inconsciente é o discurso do Outro. A célebre frase de Lacan (1966, 1998, p.555) enfatiza: “o estado do sujeito S (neurose ou psicose) depende do que se desenrola no Outro A”.

Lacan ainda (1955-56, 2002, p.20) aponta: “É clássico dizer que, na psicose, o inconsciente está à superfície, é consciente”. Continua afirmando que esse inconsciente não é puro e simplesmente da forma como Freud sublinhou, de um traço negativo, a *unbewusst*, um não consciente, pois o inconsciente tem a sua função:

(...) guarda sua eficácia. Traduzindo Freud, dizemos – o inconsciente é uma linguagem. Que ela seja articulada nem por isso implica que ela seja reconhecida. A prova é que tudo passa como se Freud traduzisse uma língua estrangeira e mesmo a reconstituísse recortando-a. O sujeito está simplesmente, no que diz respeito à sua linguagem, na mesma relação que Freud. A se supor que alguém possa falar numa língua que lhe seja totalmente ignorada, diremos que o sujeito psicótico ignora a língua que ele fala (LACAN, 1954-55, 2002, p. 20).

Tanto em Freud como em Lacan, a psicose tem como tipos clínicos a esquizofrenia e a paranoia. Nos dois, a forclusão se apresenta como mecanismo essencial, porém, há diferenças clínicas fundamentais. Na esquizofrenia há um predomínio de distúrbios de associação, e na paranoia há o predomínio das interpretações.

Freud situa a esquizofrenia como uma regressão ao autoerotismo, e a paranoia como regressão ao narcisismo. Em seu texto *Sobre o narcisismo: uma introdução*, Freud (1914) indica pontos importantes para se pensar a teoria do eu. O narcisismo seria um estágio na evolução da libido que vai do autoerotismo ao amor objetal. Anterior à estrutura do eu, há um estado inicial da libido, que ele nomeou de autoerotismo. Neste momento, o eu não existe, mas é necessário que se desenvolva. É o início, então, do narcisismo primário, que é a fonte de diversas influências e faz parte do desenvolvimento normal da libido.

Na esquizofrenia há um desinvestimento dos objetos do mundo exterior, fazendo com que a libido retorne ao próprio ego. Este passa a ser tomado, então, como objeto de amor. No estágio do autoerotismo as pulsões são desordenadas e o corpo ainda não está unificado, mas fragmentado, passando a ser lugar de satisfação. A pulsão se satisfaz de uma forma autoerótica e ainda não unificada. É o início de uma constituição do eu, do narcisismo primário que será base para o narcisismo secundário, momento de investimentos no mundo exterior. O eu passa a se organizar em uma imagem unificada, indo do autoerotismo ao narcisismo secundário, passando a ser objeto de amor. Há uma transição da satisfação pulsional autoerótica para o amor objetal. A relação e o investimento com os objetos do mundo externo abrem espaço para a linguagem e a relação especular com o outro, que Lacan falará posteriormente. Freud traz que a paranoia carrega em seu interior traços de megalomania, acarretando liberação da libido no próprio eu, causando seu engrandecimento. Está aqui o retorno ao estágio do narcisismo e sua fixação.

Já em Lacan, a questão do gozo diferencia a esquizofrenia da paranoia, diferentemente da forclusão, que é algo comum em ambas. Na paranoia o caminho do gozo é o seu retorno no Outro, e na esquizofrenia o seu retorno é no corpo. Nas duas situações há uma falha na função significante, que seria justamente a de separar o gozo do corpo. Não há, portanto, a falta, a negação desse gozo para depois ocorrer a sua recuperação no seu mais-de-gozar.

Lacan (1954-55, pp.308-309) relaciona a forclusão à paranoia, a qual lhe serve de modelo. Comenta que o Outro “é, portanto o lugar onde se constitui o eu que fala com aquele que ouve”, e continua: “há sempre um Outro além de todo diálogo concreto”, finalizando: “o Outro deve ser em primeiro lugar considerado como um lugar. O lugar em que a fala se constitui”. O Outro é o lugar dos significantes, lugar da linguagem; mas como fica esta questão no sujeito de estrutura paranoica? Lacan responde: “há para ele (Schreber) um outro, um outro singularmente acentuado, um Outro absoluto, um Outro completamente radical”. A experiência clínica em Lacan leva a crer que na esquizofrenia o Outro não existe, mas é difícil afirmar isso também para a paranoia, pois o Deus de Schreber é a figura do Outro na

paranoia, porém, com algumas especificidades, pois o Outro na neurose aparece barrado, não toma o sujeito, é relativizado. A relativização do Outro só é possível na paranoia de uma forma capenga.

É assim que o paranoico fala, pelo delírio, mas estando no lugar de objeto do Outro, em um discurso cheio de sentido, porém de um sentido fixo. O Nome-do-Pai é a metáfora que vem substituir o desejo da mãe que separa o sujeito e o coloca na norma fálica da falta. Quando este foraclui, fica à mercê de uma ordem que não é a do Nome-do-Pai, e sim do supereu que impõe uma lei sem dialética, que não legaliza nada e impõe regras, fazendo do sujeito gozo e não desejo.

A neurose é estruturada então pela norma fálica, e a psicose pela forclusão do significante do Nome-do-Pai. O inconsciente, através da psicose, passa a ter uma função distinta do recalque. Tomando este como mecanismo que estrutura a neurose,

(...) o sujeito, para advir como falante teve que operar a estranha operação psíquica – chamada ‘recalcamento originário’ – que consiste em esquecer que ele só é o emissor da palavra porque é previamente receptor dessa palavra que lhe vem do Outro: a alucinação delirante do sujeito psicótico vem nos mostrar o que acontece com o sujeito que, não podendo realizar essa operação de esquecimento, é reduzido a viver como puro receptor de um Outro inesquecível; da mesma forma que, para escrever, é preciso uma página branca, é necessário, para falar, um esquecimento, um branco, um silêncio absoluto do Outro, sem o qual a fala não pode ressoar” (DIDIER-WEILL, 1996, p.136).

A psicose sem o recalque fica do lado de uma transmissão de algo que não foi transmitido. Um linguagem outra, ou uma outra forma de estar na linguagem simbólica que guia o mundo.

Recorremos a Lacan:

O perigo de que evocaremos, de delirar com o doente, não é para nos intimidar, como não intimidou a Freud. Com ele, que convém escutar aquele que fala, quando se trata de uma mensagem que não provém de um sujeito para além da linguagem, mas de uma fala para além do sujeito (LACAN 1956-7, p. 581).

O sujeito paranoico tem a sua fala, mas uma fala para além dele, uma fala que não lhe dá pertencimento e, sim, o coloca em um lugar de estrangeiro ao seu saber. Esta dissertação parte do intuito de compreender a linguagem do sujeito paranoico. Como é estar estrangeiro a este saber? Para tanto, buscamos a ideia de língua em Lacan, que é o uso singular que cada sujeito faz da linguagem. A partir dela fazemos ponte em outro território, a linguagem em Saussure.

O modo como o sujeito paranoico se organiza e funciona na língua nos questiona e nos põe a trabalhar. Somos convocados a pensar que a linguística saussuriana e a psicanálise lacaniana contribuem teoricamente para a discussão do sujeito de uma língua estrangeira. Para isso, pensaremos sobre os movimentos de língua saussuriana, um passo a frente sobre como a linguagem, a língua e a *lalangue* transformam o infans. Não se trata aqui de uma revisão completa dos dois campos, já que temos consciência da vastidão teórica que os compõe. O encontro aqui é da linguagem que passeia em ambos os campos teóricos, atravessados por ela. A partir da paranoia, vamos de Saussure a Lacan, é ela que faz este empuxo.

A dissertação compreende dois capítulos de desenvolvimento, a partir desta seção introdutória, subdivididos segundo tópicos trabalhados. No primeiro capítulo o objetivo é percorrer a teoria de Freud e Lacan, focalizando os pontos relevantes à questão da dissertação. Com Freud, a psicose passa a ter uma especificidade que a diferencia da neurose, a *verwerfung* e com Lacan. A partir disso, teremos a forclusão do Nome-do-Pai.

O segundo capítulo dá continuidade às discussões, mas enfatiza a questão central, a linguagem do sujeito paranoico, a questão da língua que todos falam e a invenção de cada um diante disso, focalizando na invenção paranoica que, por não ter o recurso simbólico, fica à mercê do Real, e o enlace com a linguística que nos auxilia teoricamente nessa compreensão. Recorremos, neste trabalho dissertativo, para facilitar a compreensão da linguagem do paranoico, à poesia, com o seu enlouquecimento das palavras, de alguns casos publicados e de falas de pacientes, já que acreditamos que a pesquisa em psicanálise é clínica. Ao final, apresentamos a clínica borromeana caracterizada pela forclusão generalizada e pelas diferentes formas de suplência, os arranjos singulares de cada sujeito com o seu gozo, tanto neurótico como a paranoico.

2 A MANIFESTAÇÃO CLÍNICA DA PARANOIA EM FREUD E EM LACAN

2.1 A VIA FREUDIANA DA PSICOSE

A primeira base de raciocínio de Freud foi a histeria. É a ela que a psicanálise deve seu nascimento, pois, como médico, logo, ao lado da ciência, Freud percebeu que havia algo nas histéricas que a medicina com o seu saber diagnosticado não dava conta, não mais. As histéricas sinalizaram um enigma para a ciência, algo que não poderia ser respondido ou resolvido por ela. Freud se encantou pela fala de suas pacientes e fez disso seu começo, junto com o recalque. As neuroses, especificamente a histeria, definem um novo campo de experiência que se opôs, de certa forma, ao saber médico psiquiátrico, culminando na construção de um novo saber: a psicanálise.

Apesar do foco de Freud estar voltado para as histéricas, a psicose não escapou do seu olhar atento. Foi, inclusive, na paranoia que ele deteve mais interesse. Para afirmar isso, Lacan fala em seu seminário dedicado às psicoses:

Naturalmente, Freud não ignorava a esquizofrenia. O movimento de elaboração desse conceito era-lhe contemporâneo. Mas se certamente reconheceu, admirou e mesmo encorajou os trabalhos da escola de Zurique, e pôs a teoria analítica em relação com o que se edificava em torno de Bleuler, ele, no entanto, se manteve suficientemente afastado. Ele se interessou primeiro e essencialmente pela paranóia. E para indicar-lhes imediatamente um ponto de referência ao qual vocês poderão se reportar, lembro-lhes que no fim da observação do caso Schreber, que é o texto de maior doutrina concernente às psicoses, Freud traça uma linha divisora de águas, se assim posso me exprimir, entre paranóia, de um lado, e, de outro, tudo o que gostaria, diz ele, que fosse chamado de parafrenia, e que corresponde exatamente às esquizofrenias (LACAN, 1988, p. 12).

Freud deixou registrada sua obra de 1894 a 1938, em 23 volumes traduzidos em várias línguas, também para o português. Existem em algumas formulações sobre a psicose, como também a paranoia, baseadas no mecanismo do recalque. Ele não formulou de forma precisa – como Lacan o fez posteriormente – uma estruturação específica para a psicose. Em *Psiconeuroses de defesa*, Freud (1894/1996, p.71) aponta para um mecanismo de defesa na psicose: o ego rejeita (*verwerft*) a ideia incompatível juntamente com seu afeto, e se comporta como se a ideia jamais tivesse chegado ao ego. Freud caracteriza essa defesa contra a representação insuportável como uma “fuga para a psicose” e defende a ideia que, ao rejeitar

essa representação, o ego arrasta com ela parte da realidade, que só pode ser qualificada como “confusão alucinatória”.

Freud tinha uma atividade extensa na clínica e foi de lá que tirou suas conclusões teóricas. Ao se deparar com a psicose, pode teorizar sobre o que o psicótico apresentava na sua fala, suas alucinações e delírios, diverso daqueles pacientes que apresentavam o mecanismo do recalque. Freud traz o caso de uma moça apaixonada por um homem, que a via frequentemente em sua casa. A moça entendia como um investimento para com ela, portanto, havia uma correspondência do que sentia por ele, mas houve um engano. Certa feita, ela o esperou para uma festa da família, mas ele não apareceu. Ao perceber que não viria, ela entrou em um “estado de confusão alucinatória: ele chegara, ela ouvia sua voz no jardim, e apressava-se a recebê-lo em suas vestes noturnas” (FREUD, 1894/1996, p.71). Depois disso, ela passa a viver como se ele estivesse ao seu lado. Vivia em um sonho, delírio, o que Freud coloca como “fuga para a psicose” (Idem, p.72). Para esta mulher, era inadmissível aceitar que esse homem não a amava, repreendia tal ideia com a psicose, ou seja, uma fuga da realidade.

O estudo freudiano das psicoses corresponde aos seus escritos sobre a melancolia, as neuroses narcísicas, a parafrenia – como ele preferia chamar a esquizofrenia, apesar de usar este termo no final de sua obra – e a paranoia. Considerando a amplitude da obra freudiana, ater-nos-emos aqui à construção do conceito de paranoia, por se tratar do foco do presente estudo.

Rascunho H é o primeiro escrito de Freud sobre a paranoia, descrita como uma defesa patológica do aparelho psíquico diante de representações inconciliáveis com o eu, e que por isso são projetadas para o mundo externo. Ou seja, é um “modo patológico de defesa” (FREUD, 1895/1996, p.284). O indivíduo precisa ter uma predisposição à paranoia, e isto vai depender também da intensidade do conflito.

Freud ilustra essa formulação escrevendo o caso de uma mulher de 30 anos, encaminhada por Breuer, que recusava a se acreditar uma mulher de má fama. Freud afirmava que o que deveria ser um julgamento próprio se apresentava como algo exterior que se apresentava nas vozes e gestos das vizinhas. O ponto central da paranoia é a rejeição a uma representação incompatível com o eu, que afirmava em 1894, mas em 1895 acrescenta a projeção, pois o eu rejeita o que é incompatível e projeta isso no mundo exterior: “Portanto, o propósito da paranoia é rechaçar uma ideia que é incompatível com o ego, projetando seu conteúdo no mundo externo” (FREUD, 1895/1996, p. 256). Mas esse modo de defesa Freud também estende à histeria e à neurose obsessiva:

Ora, sucede que a paranoia, na sua forma clássica, é um modo patológico de defesa, tal como a histeria, a neurose obsessiva e a confusão alucinatória. As pessoas se tornam paranoicas diante de coisas que não conseguem tolerar, desde que para isso tenham a predisposição psíquica característica (Idem, p. 254).

O que o paranoico visa, através da projeção, é se livrar da sua autocensura. As ideias obsessivas são defesas que substituem ideias inaceitáveis por algo delirante. Freud, nesse momento, ainda não coloca a psicose como estrutura. Conceitualmente, trata a paranoia da mesma maneira que o faz em relação às neuroses, ou seja, a paranoia é uma defesa como as neuroses de transferência.

Outro caso tratado por Freud é o de uma cozinheira que perdeu a beleza e deve se acostumar a estar só. Relata Freud: “é este o momento certo de aparecer o cavalheiro da casa em frente, que, evidentemente, deseja casar-se com ela, e cujo constrangimento só faz aumentar o grau da certeza dela”. Segundo ele, trata-se de um delírio erotomaníaco com caráter megalomaníaco (mania de grandeza). Uma substituição de uma ideia penosa por uma delirante, e é por isso que o paranoico se agarra tanto ao seu delírio, “as pessoas amam seus delírios como amam a si mesmas” (Idem, p.289).

Nas cartas a Fliess, percebe-se o interesse de Freud em explicar o fenômeno da paranoia. Na carta de 24 de Janeiro de 1895, Freud já a caracterizava como uma neurose de defesa, cujo mecanismo principal é a projeção (JEFFREY, 1996). Freud continuará defendendo esta ideia, posteriormente, no caso Schreber.

No *Rascunho K*, enviado a Fliess, Freud (1896/1996, p.267) descreve a paranoia a partir da neurose: “São aberrações patológicas de estados afetivos psíquicos normais: de conflito (histeria), de autocensura (neurose obsessiva), de mortificação (paranoia), de luto (amênia alucinatória aguda)”. Há algo de comum entre essas neuroses, sua etiologia que diz respeito à natureza sexual da experiência. São as neuroses de recalque, as quais têm a seguinte evolução (Idem, pp.302-03):

1. A experiência sexual que é traumática e prematura e deve ser recalcada.
2. Seu recalque, em alguma ocasião subsequente, desperta a lembrança correspondente; ao mesmo tempo, há formação de um sintoma primário.
3. Um estágio de defesa bem sucedida, que é equivalente à saúde, exceto quanto à existência do sintoma primário.
4. O estágio em que as ideias recalçadas retornam e em que, durante a luta entre elas e o eu, formam-se novos sintomas, que são os da doença propriamente dita.

O que vai diferenciar cada uma é a forma do retorno do recalado. No caso da paranoia, Freud afirma que o recalque acontecerá após uma experiência primária desprazerosa. Na neurose obsessiva, o recalque ocorrerá depois de uma autocensura. O sintoma primário que é formado pela lembrança que causou desprazer é a desconfiança, atribuído a pessoas que se relacionam com o paciente, segundo o mecanismo da projeção.

Freud, ainda no mesmo ano, retoma a questão da psicose no artigo *Novas observações sobre as psiconeuroses de defesa* (1896/1976). Defende que a paranoia é uma psiconeurose de defesa, junto às histerias e obsessões. Seriam formadas a partir do recalque de lembranças angustiantes originadas na infância do sujeito. O sintoma é formado pelo retorno do recalado que será marcado originalmente na paranoia por um mecanismo de repressão.

Neste mesmo artigo, escreve sobre o caso de Frau P., mulher de 32 anos que teve uma depressão seis meses após o nascimento do filho, tornando-se arredia com as pessoas de seu vínculo social. Recorria à ideia que as pessoas a hostilizavam, além de conseguir ler os seus pensamentos. Depois de tratamento em determinado estabelecimento, passou a ter novas alucinações visuais – geralmente com conteúdos eróticos: mulheres nuas, genitais masculinos e alucinações auditivas – com um tom de censura e ameaça. Neste caso, Freud analisou a etiologia da paranoia e o mecanismo das alucinações: as autoacusações retornam como algo exterior, restando ao eu se adaptar às construções delirantes. Ela escuta o que nela estava recalado inconscientemente. As vozes são “pensamentos ditos em voz alta”. Mas, tem algo em comum na paranoia, histeria e neurose obsessiva, pois as alucinações são “sintomas do retorno do reprimido” (FREUD, 1896/1996, p.207).

A mudança do que seria um julgamento íntimo para algo externo e os pensamentos em voz alta antecipam o que surgirá como conceito de *verwerfung*. Entre 1893 e 1906, Freud elabora e distingue os mecanismos de defesa apresentados na neurose obsessiva, histeria, paranoia e demência precoce.

Na *Carta 125 a Fliess*, Freud (1899/1996, p.211) teoriza sobre um ponto de fixação da paranoia e da esquizofrenia no desenvolvimento libidinal. A paranoia se fixa no narcisismo, e por isso se fixa em suas relações antigas e cinde o eu em diversas pessoas. A voz do supereu pode se transformar no “cortejo de todas as pessoas”. Há, portanto, um despedaçamento do plano imaginário. Na esquizofrenia, a libido retirada se voltaria para o corpo, para o órgão e daí a ausência de uma imagem corporal unificada. O eu na paranoia fora constituído. Freud fez essa distinção, porém, colocava que sintomas paranoicos e esquizofrênicos se combinavam em muitos momentos. Freud via a esquizofrenia como “um mal termo

nosográfico”, pois a *spaltung* (divisão) não era característica só dela. Chegou a propor o uso de parafrenia como termo que poderia ser emparelhado à paranoia e demarcar sua unidade nas psicoses, dividindo-a em dois ramos principais.

Em dois textos, *Metapsicologia* (1914-1916/1974) e o *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos* (1915/1974), Freud se interessou pela linguagem do órgão para explicar que o esquizofrênico não tem inconsciente, e concluiu que o paciente tratava as palavras como coisas, e disso veio a ideia de que o inconsciente não é formado de representações de palavras (*wortvortellungen*), mas de representações de coisas (*sachevorstellungen*).

Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/1976) traz a transformação do amor em ódio e da agressividade na paranoia. Em 1908, em uma carta a Ferenczi e Jung, há a ideia da relação da paranoia com a homossexualidade. Posteriormente, avança em Schreber sobre esse assunto: haverá uma defesa contra a homossexualidade, mas mais importante que isso é a questão narcísica atualizada no ideal do eu. É um outro que o paranoico coloca para fora. Lacan tratará bem desta relação com o Outro perseguidor e gozador, este que fala nele e dele.

Já em 1906, no trabalho sobre Gradiva, Freud aponta os dois importantes pontos do delírio. O primeiro é que o delírio afeta o pensamento e daí se diferencia da histeria por esta afetar o corpo; e o segundo, que a fantasia passa a ser vivida no lugar da realidade. Freud exemplifica essas considerações com uma análise de Norbert Hanold, personagem do livro do escritor alemão Wilhelm Jensen (1837-1911). Freud afirma que Hanold foi até Pompéia para ir atrás das pegadas de Gradiva nas cinzas guiado pelo seu próprio delírio. Ele era apaixonado pela escultura de Gradiva e é por isso que Freud classifica esta interpretação como “erotomania fetichista” (FREUD, 1907, p. 52).

O grande marco sobre a psicose-paranoia na obra freudiana pode ser encontrado nas *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (dementia paranoides)* (1911/1996). Esta obra traz uma análise da autobiografia de Paul Daniel Schreber, considerado um dos casos mais emblemáticos de Sigmund Freud, já que o pai da psicanálise nunca teve um encontro com Schreber. O encontro foi com a leitura de seu livro, *Memórias de um doente dos nervos* (1903). Freud utiliza argumentos sobre a paranoia que foram sendo ressignificados e ampliados ao longo de sua obra e posteriormente a ele, pois se trata de um caso de grande relevância para a psicanálise, o que para Lacan significou o primeiro paradigma sobre o tema da paranoia.

Freud, através da sua técnica psicanalítica, ou seja, método interpretativo, utiliza-se dos relatos delirantes de Schreber e constrói sua teoria sobre a paranoia. Utiliza a tríade

frustração-regressão-fixação que traz dos *Três ensaios* como utilizada para os neuróticos. A frustração vem como a não satisfação da pulsão homossexual, o eu se encontra no estado do narcisismo e a ele se fixa. A causa do delírio de Schreber passa a ser a questão homossexual. Há uma pulsão homossexual frustrada que resulta no sintoma, delírio. O sintoma é uma defesa à pulsão.

A causa ativadora da enfermidade é situada na manifestação da libido homossexual e na defesa projetiva contra esse desejo. Segundo Freud (1911/1996, p.68), o papel desempenhado pelo desejo homossexual é preponderante na paranoia e decorrente de uma fixação em um estágio do desenvolvimento da libido, o narcisismo:

O que acontece é o seguinte: chega uma ocasião, no desenvolvimento do indivíduo, em que ele reúne seus instintos sexuais (que até aqui haviam estado empenhados em atividades auto-eróticas), a fim de conseguir um objeto amoroso; e começa a tomar a si próprio, seu próprio corpo, como objeto amoroso, sendo apenas subsequentemente que passa daí para a escolha de alguma outra pessoa que não ele mesmo, como objeto.

Em seguida, o autor fala que este processo talvez seja indispensável normalmente, porém muitas pessoas demoram tempo demais no mesmo. O desenvolvimento seria escolher um objeto externo com órgãos genitais semelhantes, e daí se vai do homossexualismo ao heterossexualismo. No caso Schreber, as escolhas objetais foram o médico Fleschsig e Deus. Ele luta contra seus impulsos, e o delírio é a sua transformação na mulher de um Deus absoluto para procriar uma nova raça na terra.

Ainda no mesmo texto, reafirma que o cerne do conflito, nos casos de paranoia entre indivíduos do sexo masculino, é uma fantasia de desejo homossexual de amar um homem, que pode ser representada como contradições de uma proposição única que seria “eu (um homem) o amo (um homem)” e suas derivações: o delírio de perseguição, a erotomania, o delírio de ciúme e a megalomania (Idem, p.86).

Delírios de perseguição: “Eu não o amo – Eu o odeio”. A formação de sintomas na paranoia exige que percepções internas sejam substituídas pelas externas. Portanto, “eu o odeio”, através da projeção, transforma-se em outra proposição: “Ele me odeia (persegue), o que me desculpará por odiá-lo”. O sentimento surge como se fosse a consequência de uma percepção externa: “Eu não o amo – eu o odeio, porque ELE ME PERSEGUE” (Ibidem). O perseguidor foi alguém que já foi amado.

A proposição “Eu o amo” que se contradiz no delírio de perseguição como “Eu não o amo” aparece na erotomania como: ‘Eu não o amo’ – eu a amo’. Tanto no delírio de

perseguição como no delírio erotomaniaco ocorre a rejeição do pensamento homossexual, e como consequência o sujeito lança mão do mecanismo da projeção, o que explica a proposição “Eu não o amo – eu a amo, porque ELA ME AMA”. Freud afirma que o que desencadeia um delírio erotomaniaco é a “percepção externa de ser amado”, e não uma “percepção interna de amar” (FREUD, 1911/1996, p.86).

A terceira modalidade, o delírio de ciúme, apresenta-se nas formas características em cada sexo. “Não sou eu quem ama o homem – ela o ama”, ou na forma feminina: “Não sou eu quem ama as mulheres – ele as ama” (Idem, p.87).

A proposição *eu o amo* pode ser constatada por três formas diferentes. Os delírios de ciúme contradizem o sujeito, os delírios de perseguição contradizem o predicado, e a erotomania contradiz o objeto. Há outra forma que contradiz a proposição como um todo: “Não amo de modo algum – não amo ninguém”. Freud afirma que a libido precisa ir para algum lugar, e o equivalente a esta proposição é: “Eu só amo a mim mesmo”. Esta última forma seria a megalomania, ou seja, uma supervalorização sexual do ego (Ibidem).

A partir da gramática do delírio *eu o amo*, Freud estabelece: eu, homem, amo um outro homem. A falha do Édipo e a fixação no narcisismo fazem a transformação da libido. A análise morfossintática da sentença *eu o amo* reside no fato de uma mudança de lugar, pois: “todos esses amores desembocam não na percepção de que se ama, e sim na percepção, vinda de fora, de que se é amado” (Ibidem). Esse mecanismo é essencial e regular de toda repressão, o que foi internamente abolido retorna desde fora. Há aí outro mecanismo diverso da repressão, para a qual Freud utiliza o termo alemão *verwerfung*, de modo a explicar que o que foi rejeitado no interior volta no exterior como projetado no outro. A projeção é um mecanismo que vai depender do narcisismo, daí a fixação. Eu projeto no outro o que é meu.

O que caracteriza a paranoia segundo Freud, seria o mecanismo de formação dos sintomas ou o acontecimento do recalque, porém, se isso ocorre também na neurose, a que corresponde uns se tornarem paranoicos e outros não? A explicação de Freud é encontrada em Schreber. Nele relaciona a repressão com o desenvolvimento da libido. Aquele ocorre em três fases: a fixação, a repressão propriamente dita e o retorno do reprimido (FREUD, 1911/1996, p. 74-5). A fixação é a condição necessária de toda repressão e se caracteriza pela inibição de um determinado componente pulsional que é deixado para trás em algum estágio anterior, fazendo parte do inconsciente. São essas fixações que formaram a base para a disposição de uma enfermidade posterior. O recalque ou repressão (*verdrängung*) provém dos sistemas mais desenvolvidos do eu. É um processo ativo, diferente da fixação que parece se tratar de um retardamento passivo. O recalque ocorre quando há uma repulsa pelo consciente e quando, ao

mesmo tempo, há uma atração pelo inconsciente. O retorno do recaiado, fracasso do recalque é, para Freud, a terceira fase, a que caracteriza os fenômenos patológicos, a formação dos sintomas. Sobre a paranoia: “Foi incorreto dizer que a percepção suprimida internamente é projetada para o exterior; a verdade é, pelo contrário, como agora percebemos, que aquilo que foi internamente abolido retorna desde fora” (FREUD, 1911/1996, p. 78).

A ideia de Freud era lançar um olhar investigativo sobre o mecanismo do recalque na paranoia (FREUD, 1911/1996). Neste tipo de adoecimento, o paciente deposita a catexia libidinal, antes dirigida às pessoas e ao mundo, no seu mundo interno, ocorrendo uma destruição deste. O delírio entra como uma tentativa de reconstrução, de desfazer o processo do recalque, fazendo com que a libido retorne aos objetos anteriores. Porém é uma tentativa fracassada, ou incompleta. O único curso da libido, na paranoia, é o engrandecimento do eu. Ao invés de buscar outros objetos, o eu é o único objeto sexual e a fixação ao narcisismo passa a ser a característica fundante da paranoia.

Lacan, a partir de Freud, caminha do retorno do reprimido para a foracclusão. Freud, ao afirmar que incerteza vem ao pensar o delírio pelo mecanismo de projeção, aponta que talvez não seja o que estava recalcado dentro que se projeta para fora, mas, sim, o que foi recusado dentro volta do lado de fora. Lacan faz da dúvida, da ausência uma construção, afirmando que o que é foraccludo no Simbólico retorna no Real. Há uma diferença estrutural, então, o recalque é diferente da foracclusão (*verwerfung*). Esta passa a ser o mecanismo específico da psicose, a foracclusão de um significante único, o Nome-do-Pai.

Nos *Ensaio de metapsicologia e outros textos* (1915/1996), Freud desenvolve intensamente os conceitos de inconsciente, pulsão, recalque. Sobressaem, nesse momento, três artigos. Em *Luto e melancolia* (1917/1996), Freud defende, através dos investimentos libidinais e as identificações regressivas que formam o supereu, que as ideias hostilizadoras contra os pais constituem na paranoia o centro dos delírios.

O segundo artigo é *Um caso de paranoia que contraria a teoria psicanalítica da doença* (1915/1996). Neste trabalho, além de confirmar a tese da ligação da paranoia com a homossexualidade, também questiona sobre a tese de que o sexo do perseguido é o mesmo do perseguidor. O caso se refere a uma mulher de 30 anos, atraente, filha única, pai falecido e que vive com a mãe. Não havia se relacionado com ninguém, até que se interessa por um colega do trabalho. Decide encontrá-lo no apartamento em que mora, sozinha. Lá trocam carícias e, de repente, ela escuta um barulho e se assusta. Depois, imagina que tinha alguém a fotografando com o namorado, no momento de intimidade. Ela começa a suspeitar dele, a atormentá-lo e persegui-lo com suas ideias paranoicas.

Freud (1915/1996, p. 299) reafirma aqui a tese que vem desde Schreber: “os pacientes que sofrem de paranoia lutam contra uma intensificação de suas tendências homossexuais – fato que aponta para uma escolha objetal narcisista”. A questão é: por que a mulher escolhe seu namorado, ou seja, sexo oposto para perseguir? Para Freud, a moça se sentia perseguida por sua mãe, representada por uma mulher mais velha que trabalhava com os dois. A mãe passa a ser a perseguidora hostil. Um complexo materno, uma não separação entre mãe e filha fortalecida pela ausência do pai.

A mulher se protege de amar através do seu delírio paranoico, que para Freud é defesa do amor de uma mulher. Ao se deparar com o seu desejo sexual, identifica-se com a mãe; uma forma de não escolhê-la como objeto – o amante ficou no lugar do pai. Esta foi a saída para se defender de sua “dependência em relação à mãe” (Ibidem, p.304).

O terceiro artigo de destaque é *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914/1996). Neste artigo, Freud pesquisa sobre as parafrenias, a paranoia, sobre alguma doença orgânica, a hipocondria e a Sua Majestade, o Bebê. Todas essas categorias vem falar do retorno da libido ao estágio do espelho. Ao falar do bebê, aponta para a constituição do narcisismo, tanto o primário como o secundário. Aquele relacionado aos dois objetos sexuais que todo ser humano tem, ele próprio e a mulher que cuida dele. Já o secundário:

Ele (o parafrênico) parece ter realmente retirado sua libido de pessoas e coisas do mundo externo, sem substituí-las por outras na fantasia. Quando realmente as substitui, o processo parece ser secundário e constituir parte de uma tentativa de recuperação, destinada a conduzir a libido de volta a objetos. (FREUD, 1914/1996, p.82)

Freud dá ênfase à palavra realmente por não haver substituição, o que Lacan coloca posteriormente como a forclusão: por falha da metáfora paterna não há substituição na fantasia. O narcisismo primário não é inato ao sujeito. Freud deixa claro que é preciso uma ação psíquica para que o narcisismo (primário) se estabeleça, a qual se dá simultaneamente à formação do eu.

(...) uma unidade comparável ao eu não pode existir no indivíduo desde o começo; o eu tem de ser desenvolvido. Os instintos auto-eróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que seja adicionado ao auto-erotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo. (FREUD, 1914/1996, p.84)

Em Lacan, o eu será o lugar das primeiras identificações narcísicas que serão estruturadas com a ajuda de um pequeno outro, aquele que na relação imaginária do estágio

do espelho nomeará a criança; serão as primeiras relações de identificações. Graças à sua fixação no narcisismo é possível ao paranoico sua unificação corporal – houve aí uma constituição imaginária, houve uma primeira simbolização.

O paranoico permanece no lugar do eu ideal, aquele a quem colocamos como ideal, de corpo unificado. Talvez seja por essa constituição imaginária que o paranoico se apresenta com um discurso tão unificado e coerente, ou seja, há uma fixação no narcisismo que possibilita a unificação corporal, houve um outro primeiro que o permitiu se unificar. Não é a anarquia pulsional que há no autoerotismo, e sim uma unidade egoica propiciada pelo narcisismo primário (FREUD, 1914/1996). É possível perceber a relação entre o narcisismo primário de Freud e o estágio do espelho teorizado por Lacan. Existe uma relação com um outro que permite o sujeito advir.

O eu ideal é o narcísico e onipotente. Ao se deparar com a castração, sofre modificações. Desta forma, uma outra instância será formada no psiquismo, o ideal do eu, um desdobramento narcísico.

O narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção a esse novo ego ideal, o qual, como o ego infantil, acha-se possuído de toda perfeição de valor. Como acontece sempre que a libido está envolvida, mais uma vez aqui o homem se mostra incapaz de abrir mão de uma satisfação que outrora desfrutou. Ele não está disposto a renunciar à perfeição narcísica de sua infância; ao crescer, vê-se perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico. De modo a não mais poder reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a nova forma de um ego ideal. O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância, na qual ele era o seu próprio ideal (FREUD, 1914/1996 p. 101).

O ideal do ego, protótipo do superego, é esse outro que faz em nós uma exigência ideal. O olhar e a imagem atribuída pelo outro, na relação especular, conduz ao infans um efeito de totalização corporal, denominada por Lacan de ortopédica, que conduz a um mito de unidade perdida. É o ideal do ego que abre as portas para o desejo, é esse objeto perdido que o mobiliza, porém, na paranoia ocorre uma frustração da satisfação dentro da esfera do ideal do eu. É a catástrofe vivida pelo paranoico, justamente por não ter o recurso simbólico para mediar o imaginário. O ideal do eu faz a vez do superego, e trabalha como interditor, coloca uma lei que barra o gozo desenfreado que anda na contramão do desejo. Freud aponta que os delírios de Schreber são tentativas de construção de seu mundo, uma forma de devolver a libido novamente a seus objetos.

É importante salientar que, a partir de 1919, Freud se interroga quanto ao efeito do tratamento da psicanálise na paranoia. Escreve o artigo *Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e na homossexualidade* (1922), em que diferencia três graus de ciúme: competitivo, projetado, delirante. Este último é encontrado nas formas mais clássicas da paranoia, e é uma defesa contra os impulsos homossexuais. Freud diz que “os casos de paranoia não são sensíveis à investigação analítica” (FREUD, 1922/1996, p.273), e cita duas vinhetas clínicas de paranoia, reafirmando que os paranoicos projetam o que não suportam em si, e a fantasia homossexual está no centro do conflito deste tipo de ciúme. No delírio paranoico persecutório o sujeito espera de “(...) todos os estranhos algo semelhante ao amor”, e a indiferença do outro responde a “(...) essa indiferença como ódio, em contraste com a sua reivindicação de amor” (FREUD, 1922/1996, p. 274).

Freud revela também a relação entre ciúme, rivalidade, homossexualismo e sentimento social: “(...) contudo, o fato de a escolha homossexual de objeto não sem frequência provir de um anterior sobrepujamento da rivalidade com os homens não pode passar sem relação com a vinculação entre homossexualismo e o sentimento social” (FREUD, 1922/ 1996, p. 281).

Lacan, em sua tese (1932), considera este artigo como sendo um trabalho tanto sociológico como clínico, e aponta uma origem social nos mecanismos psíquicos da paranoia, como também a origem da inversão de afeto presente nesta estrutura. Há uma inversão anormal que transforma hostilidade em desejo, desejo de ser como o objeto que está no lugar de ideal do eu.

Em 1926, em *Inibições, sintomas e ansiedade*, Freud traz a importância do delírio para o eu, justamente pela satisfação narcísica que ajuda o eu a “incorporar” o sintoma. No verbete *Psicanálise*, Freud (1996) é afirmativo ao trazer que a psicanálise tem uma influência duvidosa no que diz respeito ao tratamento da demência precoce e da paranoia.

Em *O humor* (1927), afirma que o delírio de perseguição se forma precocemente e fica adormecido até que um determinado acontecimento o incite. Na *Conferência XXXI – A dissecção da personalidade psíquica* (1933), ratifica a tese de que a paranoia é uma defesa contra a homossexualidade, o que há de novo é que o ideal do eu vem tomar este lugar. A partir do supereu, Freud elabora que o eu tanto pode ser sujeito como objeto de amor ou de hostilidade. Há uma divisão egoica, mais clara no paranoico. Nos delírios de perseguição o sujeito se sente hostilizado, insultado. Freud lança a questão:

Como seria se essas pessoas insanas estivessem certas, se em cada um de nós estivesse presente no ego uma instância como essa que observa e ameaça punir, e

que nos doentes mentais se tornou nitidamente separada de seu ego e erroneamente deslocada para a realidade externa? (FREUD, 1933 (1932)/1996, p.77).

O superego passa a ser a exigência, vai pela via do ideal do ego em busca de perfeição. Para Freud, não é da homossexualidade que o paranoico se defende, e sim do seu superego que o pune pelos seus impulsos proibidos. A diferença da psicose para neurose é que a primeira fica presa na trama imaginária mortífera, sem mediação simbólica. A paranoia é a confusão, é a alienação do sujeito com a sua imagem mortífera do superego.

No texto *Neurose e Psicose* (1923-1925/1996, p.189), Freud aponta uma diferença básica: “A neurose é o resultado de um conflito entre ego e o id, ao passo que a psicose é o desfecho análogo de um distúrbio semelhante nas relações entre o ego e o mundo externo”. Ainda afirma que a neurose se caracteriza por uma recusa do ego em aceitar a poderosa pulsão do id, recusando assim a posição de satisfação pulsional. O ego trabalha a serviço do superego e da realidade, e tem como mecanismo de funcionamento o recalque. O material recalcado insiste em fazer parte da consciência, porém logo escolhe outras vias substitutas, como o sintoma, por exemplo. Já na psicose, em consequência do conflito entre ego e mundo externo, o sujeito cria uma nova realidade, e esta fica à mercê dos impulsos desejosos do id. Há nessa estruturação uma perda da realidade, uma forclusão, como ensina Lacan. A saída do psicótico é criar o delírio e a alucinação como uma reparação na sua relação do ego com o mundo externo.

Um dado importante encontrado por Freud foi a criação do sujeito diante da perda da realidade. Na neurose o sujeito encontra como substituto a fantasia, e na psicose os substitutos são o delírio e a alucinação. Com Freud a psicose passa a ter uma especificidade que a diferencia da neurose, a *verwerfung*. Ela nega a castração, esta como o lugar da interdição, da perda e da separação. Freud buscou, teoricamente, explicar a psicose, como também a paranoia. Como resposta encontrou, além dos seus inquestionáveis avanços, a impossibilidade do tratamento psicanalítico das psicoses, por não haver possibilidade de uma relação transferencial. Jacques Lacan continuou os estudos com a psicose e avançou, deixando sua própria marca. Foi a partir de sua tese de doutorado, em 1935, que Lacan pode estabelecer uma passagem entre epistemologias distintas, da psiquiatria clássica à psicanálise.

2.2 A PARANOIA NA PSIQUIATRIA

Lacan, em 1955, começa o seu seminário sobre as psicoses. Neste, afirma que Freud “traça uma linha divisora de águas, se assim posso exprimir, entre paranoia de um lado e, de

outro, tudo o que gostaria, diz ele que fosse chamado parafrenia, e que corresponde exatamente ao campo das esquizofrenias” (LACAN, 1988, p.12). Aponta a importância que aquele deu à paranoia e remete isso ao caso Schreber. Porém, não se baseia somente em Freud, mas também na psiquiatria – esta que o levou à psicanálise. O termo paranoia foi para psicanálise uma herança da psiquiatria clássica. Claro, esse encontro foi enxertado por diferenças e rupturas.

O termo paranoia tem sua origem na psiquiatria clássica. As escolas alemã e francesa foram as mais representativas para o desenvolvimento deste termo. Elucidaremos, então, seus principais representantes.

J. C. Heinroth, um dos representantes da escola alemã, em 1918 usava os termos *wahnsinn* para definir a loucura, delírio; o *verrücktheit* também como loucura e demência; e a paranoia para traduzir uma síndrome delirante e alucinatória sistematizada, ou seja, sem déficit intelectual (HERREROS, 1995).

Wilhelm Griesinger, em 1845, utilizou pela primeira vez o termo paranoia, e foi constantemente mencionado por Freud. O psiquiatra alemão sempre salientou o caráter efetivo e decisivo dessas ideias inconscientes, e Ernest Jones lembra que o próprio Freud várias vezes mencionara a obra de Griesinger, quando este aproximava o sonho e a loucura como formas de realização de desejo (JONES, 1989, p. 355).

Em 1863, Karl Kahlbaum se serviu dele, porém, é a Emil Kraepelin que se deve a definição do termo. Emil Kraepelin descreve, em 1896, a esquizofrenia como demência precoce, a qual levava este nome por ocorrer ou no começo da juventude ou na primeira etapa da vida adulta. Já em 1899, a diversidade clínica era tão grande que o fez dividir a demência precoce em hebefrenia, descrita por Hecker; catatonia, descrita por Kahlbaum; e a própria demência precoce que se caracterizava por um delírio instável, incoerente e menos sistemático (HERREROS, op. cit.).

Freud publica Schreber em 1911. Concomitante a isso, Eugen Bleuler propõe a mudança do termo de demência precoce para esquizofrenia. Enquanto Kraepelin se detinha ao caráter evolutivo da doença, Bleuler atenta para algo de comum em todos os esquizofrênicos, a *spaltung* das funções psíquicas, ou seja, uma cisão que faz jus à origem etimológica da palavra esquizofrenia: mente dissociada.

Kraepelin, baseado no tipo de delírio, na coerência e sistematização deste, faz a diferenciação entre esquizofrenia paranoide e a paranoia. Para ele, a paranoia é uma enfermidade autônoma, constituída por um sistema delirante, coerente, lógico e produzido por causas internas: “um sistema delirante inicialmente característico, permanente e

inquebrantável, mas com total conservação das faculdades mentais, e da ordem dos pensamentos da vontade e da ação” (MAZZUCCA, 2004, p.60).

Às descrições de Kraepelin, P. Sérieux e J. Capgras acrescentam formas de delírios interpretativos que possibilitarão à Clérambault a diferenciação dos delírios passionais dos delírios de reivindicação, de ciúme e da erotomania (MAZZUCA, op. cit.).

De Clérambault (1872-1934) para a psiquiatria francesa vieram a sua teorização da síndrome do automatismo mental e as descrições sobre a erotomania. Considerado um gênio da observação clínica, os testemunhos sobre a sua prática são unânimes em relatar que dedicava horas a seus pacientes e não os deixava sem ter uma ideia clara dos seus diagnósticos (PEREIRA, 1998). Clérambault também se utilizava da técnica de Esquirol (1817), as “apresentações de pacientes”, e nelas demonstrava sua habilidade clínica no atendimento de um paciente na frente de uma plateia. Lacan herda essa técnica de Clérambault, porém, vai colocar aí a sua marca, pois é do lugar de analista que ele fará as suas apresentações. Desta forma, manteve a entrevista pública, mas não mais com uma função didática de demonstração teórica, e sim com um caráter clínico em que a palavra, a fala do paciente poderia mudar os rumos de um caso, ou seja, é o paciente que fala, é este que ensina.

Segundo Clérambault, a erotomania constitui um quadro delirante crônico caracterizado por uma fase inicial na qual o sujeito acredita ser amado por outra pessoa, e esta última é alguém que começa a assediá-lo: “Foi o objeto que começou, é este quem ama mais ou é o único que ama”. O quadro delirante desenvolve-se em três fases: 1) esperança, o sujeito acredita que o outro se declarará; 2) desdém; e 3) agressividade, onde o sujeito humilhado passa a odiar, reivindicando os prejuízos, fictícios, sofridos. Nesta, ocorrem riscos de agressão e de homicídio contra o objeto. Clérambault acreditava que o grupo das psicoses paranoicas deveria ser dividido em duas subcategorias: as psicoses passionais; e o delírio de interpretação. Os primeiros são considerados erotomania ou delírios de reivindicação e de ciúmes. Já o delírio de interpretação tem sua base em um sentimento de desconfiança difuso e generalizado, caráter do paranoico (PEREIRA, 1998).

O interesse de Lacan pela erotomania vem desde sua tese em medicina. Tanto discute a relação de Schreber com Deus como, futuramente, destaca a relação de Schreber com Flechsig para exemplificar a relação de uma “erotomania mortífera” entre eles. Em sua *Apresentação das Memórias de um doente dos nervos* (1966/2003), Lacan aponta a importância do vínculo estabelecido entre o paciente e o clínico, em que este responde de um lugar de objeto. A própria fotografia do Dr. Flechsig encontrada na abertura da versão inglesa das *Memórias de um doente de nervos* (1903), demonstra o sentido dado ao sujeito suposto

saber nessa transferência. Segundo Miller (1996, p.156), “efeito da epistemofania sobre o psicotizado — efeito, por sua vez, de paranoização: quem se oferece como suporte da epistemofania torna-se um objeto erotomaniaco.” A epistemofonia é o efeito de um sujeito ficar na posição de saber, encarnar esse lugar para o psicótico. No caso de Schreber, Flechsig é colocado por ele nesta posição, como também Deus.

Em 1920, Clérambault cria o conceito de psicose com base no automatismo ou síndrome S. Seu objetivo seria deixar de lado a base teórica psicogenética sobre as psicoses, ou seja, elas não estariam baseadas em processos ideativos mórbidos, em postulado como um conceito único, mas sim na instalação de um quadro sindrômico fundamental derivado diretamente do estado doentio dos neurônios cerebrais, ao qual o psiquismo reagiria, dando origem à manifestação psicopatológica complexa. O automatismo mental se caracteriza na concepção de Clérambault a um grupo elementar de sintomas, da ordem de alucinações sensoriais, estas na base dos quadros de psicose (PEREIRA, 1998).

Essas alucinações, segundo Miller (1997, p. 131) fazem parte da: “‘Xenopatía’ ou sentimento de que as coisas nos vêm de fora, as palavras e o pensamento são escutados. Antes de serem formulados os pensamentos são comentados ou mesmo impostos e, sem mediação, se fazem ouvir no interior do sujeito, que assim imagina a voz do Outro”.

Freud (1914/1996) coloca que a voz do supereu se manifesta nos delírios que o paranoico tem em ser notado ou vigiado. Lacan trabalhará a incidência da voz, do olhar do Outro e o congelamento do desejo. O mesmo é enfático ao afirmar no *Seminário 3*:

Como não ver na fenomenologia da psicose que tudo, do começo ao fim, se deve a uma certa relação com essa linguagem (...) que fala sozinha, em voz alta, com seu ruído, seu furor, bem como com sua neutralidade? Se o neurótico habita a linguagem o psicótico é habitado, possuído pela linguagem (LACAN, 1955-1956/2002, p.284).

O neurótico conta com o mecanismo do recalque, e isso o protege da voz do Outro, já o paranoico ouve a voz imperativa do Outro e a toma ao pé da letra. Trata-se de uma voz real, que não se deixa apreender pelo significante. Como exemplo, a cadeia de significante que se apresentava nas frases interrompidas de Schreber (1984, p. 210): “Você deve...”; “Nisso eu quero...”. A mensagem vinda do Outro não se completa, o sentido fica suspenso. Nas mensagens interrompidas, o interlocutor divino de Schreber termina a frase onde o sujeito poderia se situar, havendo uma impossibilidade de este se apropriar do sentido em questão; há uma imposição que coloca o sujeito com estrangeiro, expulso ao saber.

O interlocutor divino de Schreber se apresenta como Outro não barrado. Miller traz uma referência importante sobre o Outro e o automatismo mental: “Toda uma parte do ensino de Lacan que o conduziu a distinguir entre o outro semelhante e o Grande Outro, lugar da fala, está apoiada na experiência do automatismo mental, já que ele pôs às claras a função grande Outro do discurso, que fala no interior da própria identidade” (MILLER, 1997, p.131).

O automatismo mental foi um ponto importante na teoria lacaniana da psicose, que sustenta não existir psicogênese em psicanálise, ou seja, algo que se aproxime do sentido da experiência daquele que sofre. O automatismo mental será percebido como uma metáfora, como algo que abre espaço para o exterior, algo da ordem da linguagem, do significante. Clérambault, além de abrir um espaço para Lacan posteriormente pensar em uma clínica guiada pelo sujeito de uma estrutura de linguagem, deixou também o rigor da sua clínica e da escuta de seus pacientes, fato este que fez Lacan o reconhecer como seu “único mestre em psiquiatria”.

Como se pode perceber, a paranoia tem uma referência vasta no século XIX, mas passou a se restringir, no século XX, na França, só ao delírio de perseguição sem alucinação. Lacan defendia, embasado na sua formação psiquiátrica, que a paranoia tem de ser questionada a partir da crença do paranoico em sua ideia, ou seja, na sua convicção delirante.

Uma crítica de Lacan aos psiquiatras de sua época é de terem deixado de lado a questão causal, enquanto autores como Sérieux, Capgras, Genil-Perrin defenderam para o diagnóstico da paranoia traços como a desconfiança, a inadaptabilidade social, a falsidade de julgamento, a superestimação do eu ou a constituição paranoica. Lacan julga a paranoia em suas relações com a personalidade. Em sua tese de medicina, três elementos contam no termo “personalidade”: o desenvolvimento biográfico, a concepção de si-mesmo e a tensão das relações sociais (QUINET, 2002).

Lacan, desde 1931, dá ao social um lugar importante no estudo da paranoia. Mantém de Jaspers o termo reação, que sinaliza a dimensão de descontinuidade da doença, como também a diferenciação dos delírios de ciúme das ideias de perseguição e seus efeitos na personalidade (QUINET, 2002). Em Kraepelin, valoriza o rigor nosológico do seu trabalho, mas discorda no que refere ao início e à evolução da doença.

Krestschmer propõe o *sensitive beziehungswhan*, ou delírio de relação dos sensitivos, como modelo para a paranoia. Admite a base biológica dos delírios, mas também relaciona as manifestações clínicas desse delírio à psicogênese, segundo três ordens: o acontecimento, o meio social e o caráter.

O primeiro corresponde a uma experiência vivida pelo sujeito, como o amor tardio das solteironas, os fracassos profissionais, os conflitos dos masturbadores etc. O meio social fica como a influência etiológica, ou seja, a tensão do amor próprio em uma situação opressora. Essas duas primeiras ordens são externas ao sujeito. Tanto o acontecimento traumático do sujeito como o meio correspondem a algo de fora. Já o último, o caráter, diz respeito à personalidade, segundo Kretschmer, à subjetividade do sensitivo. Cada um reage de uma maneira aos acontecimentos com forte carga afetiva. Na histeria há um desvio da representação do acontecimento traumático para o inconsciente. Já no sensitivo não há desvio, e sim *verhaltung*, uma retenção dessa representação. Kretschmer opõe o mecanismo de retenção ao de recalque. Para Lacan, o fato de o sensitivo não descarregar afetivamente a representação do acontecimento tende a reproduzir indefinidamente isto na consciência. O delírio pode desaparecer, mas a retenção do acontecimento continua, retendo o sujeito a ele. A *verhaltung* é um termo que Lacan usará em sua tese de 1932 para explicar a fixação da paciente Aimée nos mecanismos autopunitivos (QUINET, 2002).

O percurso de Lacan nos anos 1930, segundo Miller (1987, p.179), é embasado na fenomenologia: “o Lacan da tese Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade é um fenomenólogo, um psiquiatra fenomenólogo”. Essa corrente de pensamento vai à contramão da psicologia mecanicista. Naturalmente, as ideias de Lacan sobre a erotomania e consequentemente sobre a paranoia eram pré-psicanalíticas. Em 1932, Lacan apresenta um exaustivo inventário das concepções psiquiátricas sobre a paranoia. Logo em seguida ao seu encontro com a psicanálise freudiana, ele passa a construir outro método clínico.

O que levou Lacan à psicanálise, para alguns, foi a leitura que o mesmo fez de um artigo de Salvador Dalí, O asno podre. O conhecimento paranoico de Lacan é contemporâneo do conceito de paranoia crítica de Dalí. Este ensina que a psicose é surreal. Através de Gala, Dalí nos indica o efeito empuxo-à-mulher; ele se torna Gala-Dalí e chega até mesmo assinar seus quadros assim. Ele se confunde com ela.

Já para Miller, o encontro de Lacan com a psicanálise foi a obra de Freud e o seu conceito de supereu, que vai fomentar a divisão do sujeito. Miller acredita que Dalí encontrou em Lacan o conceito de paranoia e chegou mesmo a afirmar que os surrealistas eram simpatizantes de Lacan. (HARARI, 2006).

Lacan nunca desfez definitivamente seus laços com a psiquiatria. Sua tese é uma aproximação com a psicanálise e um possível encerramento com a psiquiatria francesa. Para Harari (op. cit., p. 24): “É nesse sentido, então, que se deve entender a ruptura: seu método clínico deixa de contribuir para o avanço da psiquiatria”.

Em 1950, Lacan começou um retorno aos textos de Freud: “o sentido de um retorno a Freud é um retorno ao sentido de Freud” (LACAN, 1998, p.406). Somados a isso, os conceitos de estrutura e de significante, advindos das contribuições de Lévi-Strauss e de Ferdinand Saussure, foram decisivos para Lacan pensar o seu aporte teórico fundamental – o inconsciente estruturado como uma linguagem. A partir disto, Lacan defende que é no significante que o inconsciente encontra a sua articulação essencial. A articulação com a paranoia é entender a falha na inscrição da função significante que resulta em como a língua é usada. O texto delirante é um exemplo de como o sujeito paranoico procura dar um contorno imaginário à sua posição de perplexidade frente à sua relação com a linguagem.

2.3 A PARANOIA NO PERCURSO DE LACAN

Lacan iniciou seu trabalho na psicanálise com sua tese em psiquiatria em 1932, em seguida, realizou os Seminários, publicados em 24 livros, parte destes em português, e artigos reunidos em duas obras: *Escritos* (1966) e *Outros Escritos* (1966-73).

É uma tarefa difícil tentar ordenar, agrupar conceitos e épocas do ensino de Lacan. Ao optar por uma forma mais didática, a fim de viabilizar a escrita e o trabalho acadêmico, não é raro se perder nos textos. Há várias formas de abordar o pensamento lacaniano. Uma é a forma cronológica, outra seria a lógica do seu sistema de pensamento. Não existe uma forma mais correta de falar de seu ensino. Alguns autores, por exemplo, estabelecem um Lacan do Imaginário (1936-1951), do Simbólico (1951-1963) e do Real (1964-1980). De outra forma, segundo Miller (2003), o ensino de Lacan possui dois momentos notáveis.

No primeiro, a base conceitual foi a linguística estrutural. Aqui, as relações entre significante e significado reforçam a ideia do inconsciente estruturado como uma linguagem. Os seminários *A angústia* (1962-63), *Os nomes-do-pai* (1963), *Os quatro conceitos fundamentais em psicanálise* (1963-64) parecem apontar um momento de passagem para um outro tempo que marca um além da linguagem, ou seja, o tempo do Real. Um tempo além do sentido, do saber em que a ênfase se dará sobre o registro do Real e o conceito de objeto a. É quando Lacan se baseia na topologia e na lógica. A importância de fazer esse percurso sobre o avanço teórico de Lacan se baseia no entendimento da evolução do conceito do mecanismo da forclusão, o que funda a psicose e, conseqüentemente, sobre as definições da paranoia situadas em tempos¹ diferentes para disso entender a sua relação com a linguagem.

¹ Vale salientar que, apesar de se usar as palavras *tempo*, *momento*, não se trata de uma ordem de importância, onde um tempo exclui o outro, mas talvez um deslizamento onde nem as datas são tão precisas.

Lacan, logo após sua formação em medicina, especializou-se em psiquiatria e trabalhou na enfermaria especial de alienados da Chefatura de Polícia, sob direção de Clérambault, conforme citado, renomado psiquiatra francês, criador do conceito de automatismo mental. Harari (2006, p.17) aponta: “Lacan, portanto, tem em seu mestre Clérambault, inserido na época das grandes estruturas, um antecessor na questão do Simbólico, permitindo-nos indagar em que medida Jean-Martin Charcot teria representado algo semelhante para Freud”.

Para esta enfermaria eram levados criminosos que, por apresentarem algum tipo de distúrbio mental, não podiam ser responsabilizados pelos seus atos. A partir deste cenário, Lacan fez sua tese (1932), em que relata o fato de alguns pacientes se curarem após cometerem um delito. Criou, então, o diagnóstico de paranoia de autopunição. A característica principal desta paranoia é o efeito da cura que o ato criminoso produz no sujeito que o cometeu em consequência de um delírio. Lacan estudou um caso clínico seu, observado por cerca de 15 meses: o famoso caso Aimée, que foi um marco na psicanálise lacaniana, por servir de referência aos analistas. O caso está descrito em quatro capítulos da tese de forma contínua, já que alguns pontos só são esclarecidos no decorrer da leitura.

Aimée chamou a atenção de Lacan por se tratar da autora de um atentado ocorrido em 1931 contra uma atriz famosa. À época, nomes e datas foram velados, a fim de impedir identificações, e a tese é cheia de censuras a respeito de datas, nomes etc. Posteriormente, veio à tona o nome verdadeiro de Aimée, porque seu filho, Didier Anzieu, tornou-se psicanalista após ter feito análise com Lacan entre 1949 e 1953. “Ela? – Essa mulher que há pouco passamos a poder designar pelo seu nome, Marguerite Anzieu. Jacques Lacan relatou sua psicose; deu-a a conhecer sob o título que lhe deu então, exatamente em 1932: ‘o caso Aimée’.” (ALLOUCH, 2005, p.9).

Lacan (1987, p.86), ao escrever a tese, não quis narrar um fato, mas como diz no capítulo final: “Nossa tese é, antes de tudo, uma tese de doutrina”. A ideia foi propor uma teoria da personalidade que pudesse falar do fenômeno psicótico, especificamente da paranoia, que representou para Lacan o que a neurose, especificamente a histeria, foi para Freud.

Lacan, ainda como estudante, juntou à formação psiquiátrica de orientação francesa dos anos 1920 e 1930 o seu convívio com personagens da efervescente vida cultural e o encontro com a teoria freudiana. O encontro com esta última foi uma consequência da sua investigação. Soler (2002, p.97) chega a afirmar que “Com Aimeé, a psicose esteve nos

primórdios do ensino de Lacan como causa de sua passagem da psiquiatria para a psicanálise”.

Lacan pode observar no caso o delírio passional da paciente e a sua passagem ao ato. Miller aponta (1997, p. 132):

Lacan diz que tinha vinte casos como aquele, mas fez a monografia, escolhendo trabalhar não com a generalidade, com o traço comum aos trinta casos, mas, pelo contrário, no particular, no mais preciso, considerando que Lacan publicou os escritos da paciente nos quais estão expressos seus delírios.

A passagem ao ato foi o que fez o delírio de Aimée desaparecer, ou seja, foi o seu desejo de autopunição. O que curou a paciente não foi o ato cometido, e sim o castigo decorrente dele. “Foi o que levou Lacan para a psicanálise. Encontrou na obra de Freud dos anos 20 o conceito de supereu como instância do mecanismo de autopunição. E considerou o caso de sua paciente como protótipo de uma paranóia de autopunição” (MILLER, 1997, p.132). Lacan, em *O Seminário 3, As Psicoses* (1955-56) aproxima o supereu ao significante, pois o S1, como significante que representa o sujeito, assume a posição de comando e de imperativo, e destaca o supereu como uma lei que não tem noção da realidade, uma lei tão exagerada que, no limite, é a própria negação ou desconhecimento da lei. Neste ponto Lacan é bem freudiano, pois define o supereu, tratando da crueldade em relação ao eu.

Na paranoia, quando algo aponta que o eu daquele sujeito não corresponde ao ideal, o supereu surge com toda a sua força, porém não recalcado, mas vindo de fora, daí as alucinações e delírios. As vozes denunciam a existência da instância do supereu. O ensino de Lacan mostra que o delírio é verbal, porém não é reduzido a um órgão do sentido. A cadeia significante se impõe ao sujeito em sua dimensão de voz.

Com o caso Aimée, Lacan pode investigar sobre esse outro do espelho imaginário, esse eu que é amado e odiado, que possibilitou na década de 1950 pensar na questão do significante e daí se questionar: “Quem fala?” na paranoia. Uma pergunta que aparece na certeza delirante, nos delírios de ciúme, onde o significante é tomado como material e real. É esta a grande originalidade da sua tese, marca a paranoia além de uma visão organicista. Leva em consideração a etiologia e desenvolvimento da psicose em relação ao meio social e subjetivo, pois aponta para a relação do paranoico com um Outro que fala, provocando no sujeito perplexidade e exaltação.

Logo em seguida, Lacan (1933) publica dois textos: *O problema do estilo e a concepção psiquiátrica das formas paranoicas da experiência* e *Motivações do crime*

paranoico: o crime das irmãs Papin. Este um relato do caso de duas irmãs, Christine e Léa, empregadas de uma família burguesa da França que, por um motivo banal, a falta de energia elétrica, golpeiam e mutilam as patroas, mãe e filha, aparentemente sem nenhum planejamento.

Lacan (1933, p. 381 e 382) descreve o crime:

(...) cada uma delas subjuga a adversária, arranca-lhe, em vida, os olhos da órbita – fato inédito, dizem, nos anais do crime – e a espanca. Depois, com a ajuda do que encontram a seu alcance, martelo, pincel de estanho, faca de cozinha, elas escarniçam o corpo de suas vítimas, esmagam-lhes as faces, e, deixando-lhe à mostra o sexo delas cortam profundamente as coxas de uma para ensangüentar as da outra. Lavam, em seguida, os instrumentos desses ritos atrozes, purificam-se a si mesmas, e deitam-se na mesma cama: “agora está tudo limpo!” Esta é a fórmula que trocam e que parece dar o tom de desilusão, esvaziado de qualquer emoção, que a elas sucedem à orgia sangrenta.

Uma curiosidade sobre o caso é que as irmãs não remetem ao crime nenhum mal estar pregresso e nenhuma motivação. Comum às duas era um compartilhamento de se responsabilizar pelo crime. É importante salientar neste caso de loucura a dois a constituição do sujeito e a função do duplo, ou seja, a constituição do eu a partir do Outro, a constituição tendo outro como especular. Isso se dá através do registro do Imaginário. Neste, a função do olhar é um dos fatores determinantes na constituição do sujeito, tanto que as irmãs arrancam os olhos de suas patroas. O olhar é importante na constituição paranoica e na formação do delírio.

Com esse texto, Lacan avançou em sua tese, pensando que o outro é o que o criminoso quer ser. Desta forma, já que não pode haver dois, ele anula o outro para que possa se fazer existir. O ato criminoso seria uma realização de fantasias arcaicas estruturantes do criminoso, fantasias estas que Lacan chamou de corpo despedaçado. Freud falou das fantasias neuróticas, e Lacan das fantasias paranoicas, que estão presentes em qualquer sujeito, só que o paranoico as coloca em ato.

Com o referencial do inconsciente estruturado como uma linguagem, Lacan define três tipos de estruturação: a neurose, a psicose e a perversão. Ao lado da esquizofrenia, a paranoia, tanto em Freud como em Lacan, é um dos tipos da psicose. O mecanismo essencial da psicose, a forclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro – melhor estudada adiante – se apresenta nos dois tipos de psicose, mas algumas coisas a diferenciam: na esquizofrenia predominam os distúrbios de associações (Bleuler); na paranoia, as interpretações (Sériux e Capgras). Para Freud, há na primeira regressão ao autoerotismo, e na segunda uma regressão ao narcisismo. Outra diferença seria o estilhaçamento do gozo no esquizofrênico, já na

paranoia o gozo é direcionado ao Outro. É raro ter um significante que represente o esquizofrênico: no outro, o significante se congela a um significante ideal.

Na obra de Lacan, houve ressignificações de seu ensino. Para Laurent (1995, p.110): “Pode-se dizer que, de 1936 a 1976, a cada dez anos, houve no ensino de Lacan uma reformulação sobre o enigma da psicose”. Para este autor, em 1936 houve a articulação da tese de Lacan com o estágio do espelho, determinada pela psicopatologia de Jaspers sem levar em conta a parte do processo orgânico. Em 1946, surge o texto *Sobre a causalidade psíquica*, em que a loucura se apresenta como limite da liberdade, já que o ideal se articula com a infinitização da liberdade.

Ainda nesse tempo há uma oposição entre o ideal e a função do Outro, que se apresentará de forma mais abrangente em 1956, com *As psicoses*, o terceiro dos seminários, que uniu os resultados anteriores com a tese do inconsciente estruturado como uma linguagem. O ideal não é tomado apenas como função do estágio do espelho, mas também da estrutura do Outro e em oposição a ele. Outro ponto importante foi a questão do desencadeamento: anteriormente se tomava a psicose como uma acumulação de traumas que, em determinado momento, produzia um surto psicótico, embora o sujeito já fosse psicótico por vários anos. A ideia de desencadeamento é algo da descontinuidade, tomando o significante como descontínuo.

Em *De uma questão preliminar a todo tratamento das psicoses* (1957-58), Lacan propõe uma abordagem das psicoses que permita descartar o conceito de projeção, ou seja, o sujeito responde não com projeções, e sim no próprio lugar da pergunta, articulando uma resposta advinda do real. Lacan (1998, p.576), remetendo a Schreber, escreve “o inconsciente preocupa-se mais com o significante que com o significado e, nele, ‘fogo, meu pai’ pode querer dizer que este era o fogo de Deus, ou então ditar contra ele a ordem fogo!”. Para Schreber, além de utilizar a língua dos homens, ele utilizava a “língua básica” (FREUD, 1911/1996, p. 33-4), à qual o ser humano não tinha acesso, mas ele, sim, pois seus nervos eram sensíveis aos nervos de Deus. Essa língua de Schreber aponta para uma relação particular entre significante e significado. O inconsciente é real e se apresenta do lado de fora como Deus, esse Outro que fala nele.

Lacan (1996) ainda propõe em seu texto *Apresentação da tradução francesa das Memórias do presidente Schreber* a oposição entre o sujeito do significante e o sujeito do gozo. O período de 1964 a 1969 foi muito promissor no avanço teórico das psicoses. O *Seminário 11* foi um texto em que Lacan situou a psicose infantil, em que o sujeito se articula com a fantasia da mãe.

No seminário sobre Joyce, *Le sinthome*, Lacan (1976) produz uma nova orientação, novas formas de estabilização na psicose, ou seja, o próprio sujeito psicótico fabrica seu eu. Faz uma equivalência entre Schreber e Aimée: o ato de defecar e o ato agressivo de Aimée produziram em ambos uma estabilização, foi a reunião do sujeito em ato. Neste momento, há uma separação dos sujeitos da cadeia significante. É o momento de avesso à linguística em que o significante aparece sozinho (LAURENT, 1995).

Freud demonstrou, através da leitura do delírio de Schreber, que a loucura segue uma ordem, uma lógica. O delírio do paranoico inventa um Outro que goza dele, que o persegue, mortífero. Essa estrutura se distancia da esquizofrenia justamente porque sua fala, sua palavra vem carregada de significação, e é por isso que é tão fácil e recorrente se deixar enganar por um paranoico. Com um discurso organizado e cheio de sentido, comanda qualquer seita, qualquer partido político, ao encher os olhos de neuróticos faltantes. Tudo que o neurótico quer é não se deparar com a castração, por isso que é seduzido a ir ao encontro de um sujeito perfeito, com discurso eloquente e onde não há falta. No final do seu ensino, Lacan identifica a paranoia com a personalidade por conta da estrutura narcísica que dá a marca megalomaniaca da estrutura. Além do delírio, apresenta-se como o retorno no real do que não é possível simbolizar, daí os fenômenos de autorreferência, a interpretação é o que o diferencia como o Um, da exceção. O mundo passa a fazer referência a ele. É um olhar que o vigia, que faz laço com a sociedade escópica contemporânea, uma sociedade de câmeras, onde somos monitorados e monitoramos a todos. Daí também o grande número de adeptos a *sites* de relacionamentos, um olho que tudo vê.

Lacan, a partir de *O Seminário 3*, desenvolve a forclusão do Nome-do-Pai, os transtornos de linguagem, as construções delirantes. Durante seu ensino, a paranoia pode ser lida em dimensões diferentes, que foram se moldando às modificações do estatuto de sujeito, de inconsciente, de gozo. É preciso considerar a paranoia e os tratamentos propostos ao gozo nos três registros: Imaginário, Simbólico e Real.

No sujeito paranoico a relação do Imaginário com o Real se sobressai mais do que os distúrbios de linguagem relativos ao Simbólico, pois a paranoia cola no Imaginário, o delírio e o conhecimento paranoico exemplificam isso. Lacan, inicialmente, localiza a causalidade da paranoia na identificação narcísica, a relação com a imagem reúne a alienação de um eu primordial. A interpretação é algo da relação que esse sujeito tem com o Simbólico, tendo com base o mecanismo da autorreferência. Já no registro do real está a presença massiva do olhar com o objeto a.

“Todo mundo tá me perseguindo. As outras pessoas já sabem o que eu to pensando... que todo mundo faz parte de um grupo que eu não faço ainda...”. Essa fala de um paciente paranoico exemplifica a fixação do sujeito, identificado e alienado ao significante. O paranoico tem essa identificação imediata ao significante mestre, S1, que o fixa e o representa para todos os outros significantes, S2. Identificado ao Um, não se inscreve a falta (-1) nem ao significante e nem ao gozo. Ele é o Um a que todos se referem, como observamos em outra fala do mesmo paciente:

Estava assistindo a TV... e tinha uma prova que o percurso era em forma de S, com grande grau de dificuldade que as pessoas estavam tentando vencer. Sabia que do outro lado tinha uma recompensa, mas para isso a pessoa tinha que fazer o percurso só. Ao assistir isso, me deu uma luz na mente, veio direto o S – tem certas coisas que precisa fazer só. O S tem que fazer só. Aquilo foi para mim.

Seria uma autorreferência mórbida, pois a significação é certa, é o sentido sem furo que o sujeito paranoico faz do significante primeiro, o significante mestre. Os sinais se transformam em signos enigmáticos que se referem ao sujeito e que ele dá um sentido sem relativização. A mediação não existe entre o paranoico e o Outro, o sujeito fica preso nas malhas do Outro como um objeto. Este Outro tudo sabe a seu respeito, isso para ele é uma certeza e não uma suposição como ocorre na neurose. A fala desse paciente demonstra claramente isso, o percurso em S da prova na televisão era um aviso a ele que “tem coisas que é preciso fazer só”, é um significante no Real e a resposta advém daí sem enigmas, não existe aí uma dúvida, um “o que será o que isso quer dizer”, mas um “aquilo foi para mim”. O Outro que fala para o paranoico não é suposto desejar, e sim gozar.

2.3.1 A paranoia e o Imaginário

O registro do Imaginário se sobressai na obra de Lacan no período de 1936 a 1951 (JULIEN, 2003, p. 8), entre a publicação de sua tese e o artigo publicado nos *Escritos, A agressividade em psicanálise*, de 1948. É deste momento a construção sobre o estádio do espelho, correspondente ao momento de unificação do eu.

Freud (1914) teoriza sobre o narcisismo primário, quando a criança investe toda a sua libido em si mesma. Ela passa a ser o seu próprio objeto de amor antes de investir sua libido em outros objetos externos. Esse momento é o da unificação do eu, que Freud chamou de eu ideal (*ideal ich*). Lacan leva isso em consideração, e faz um contraponto entre o eu do narcisismo primário ao que ele desenvolve sobre o título de estádio do espelho, inserindo-se

no registro do Imaginário. O estágio do espelho é um tempo importante para a constituição do sujeito e também para se entender a paranoia.

2.3.1.1 Estádio do espelho

Em *Estádio do espelho como formador da função do eu*, Lacan (1949/1998, p.97) aborda a atividade jubilatória da criança ao se portar em frente do espelho. Nesta fase, dos seis aos 18 meses, a criança passa por uma identificação, “a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem”. Esta assunção jubilatória é anterior até mesmo à independência motora e antes mesmo da própria linguagem do infans.

A instância do eu passa a ser então constituída antes mesmo de qualquer imposição social. Passa a ser um processo ficcional, já que o corpo passa a ser constituído através de uma gestalt, ou seja, através de uma miragem anterior ao desenvolvimento orgânico. A forma total do corpo “lhe aparece num revelo de estatura que a congela e numa simetria que a inverte, em oposição à turbulência de movimentos com que ele experimenta animá-las” (Idem, p.98). É a experiência que temos ao estar em frente de um espelho: a nossa imagem é invertida. A partir do movimento da criança e sua imagem refletida o eu se constituirá, um eu unificado ortopedicamente, pois a imagem virtual não existe como realidade, já que quando a criança sai de frente do espelho a imagem não permanece. A imagem passa a ser a primeira identificação de um si mesmo. O eu é então constituído de forma alienante, estaremos sempre ligados aos fantasmas e à imagem de uma imagem, de um Outro, tesouro das significações.

No início do estágio do espelho como formador da função do eu, a tradutora, numa nota de rodapé, coloca o eu como *je* (sujeito do inconsciente). Porém, Lacan refere a constituição do *moi* como primeiro esboço de um eu, o ego ideal que servirá como polo para as identificações secundárias, para o narcisismo. O *je* e o *moi* são articulações possíveis do *ich* freudiano – ego. O primeiro corresponde ao sujeito que fala, e o segundo como instância narcísica. Em 1949, Lacan não os diferenciava claramente, é por isso que o texto transcorre por eu. Quando uma criança começa a ter a aquisição da língua, é interessante observar que ao falar em primeira pessoa requer mais domínio subjetivo (eu-*je*) do que falar o mim (*moi*). Fala-se, por exemplo, “Maria quer doce”, há então uma autonomeação (da criança que fala) em terceira pessoa (Maria); a nomeação vem do outro, pois o sujeito se coloca no lugar do outro. No mesmo tempo ela diz “dá para mim”, já que o mim corresponde ao eu. O eu, que fala Lacan (*moi*) se constitui sobre a imagem do próprio corpo.

O eu passa a ser efeito de uma imagem. Esta auxilia a criança a pôr ordem na desordem de um corpo fragmentado, ela antecipa uma imagem futura, uma ficção. É a partir disto que o júbilo, o sorriso aparece, a imagem tranquiliza a desorganização. A ideia fantasiosa de que um dia a criança será assim, Um, terá domínio sobre seu próprio corpo. A fala da mãe é antecipadora “Olha como ela é sabida, como já é grande”; “É tão inteligente, vai aprender bem rápido na escola”. Essa ilusão que a criança busca, a fim de capturá-la, mas na verdade acaba sendo a própria presa desta captura.

O estádio do espelho é a matriz simbólica da constituição do eu, um primeiro rabisco de subjetividade. É importante frisar que este eu que trata aqui não é o eu do pensamento cartesiano. Há uma crucial diferença em *O Seminário 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*: “o encaminhamento de Freud é cartesiano - no sentido de que parte do fundamento da certeza” (LACAN, 1964/1998, p.38). Este é o pensamento cartesiano, o “penso, logo existo”, diz respeito ao sujeito do *cogito*, o sujeito senhor de seu próprio pensamento, da sua certeza. Esta, por sua vez, não é da ordem da verdade para a psicanálise. Mesmo que um paciente venha duvidar dos seus sonhos, para Freud a verdade do sujeito se presentifica ali na sua dúvida. Não é da ordem da consciência, “se penso, sou”. Ainda neste seminário, Lacan (op. cit., p.39) refere:

Freud, onde duvida, está seguro de que um pensamento está lá, pensamento que é inconsciente, o que quer dizer que se revele como ausente. É a este lugar que ele chama, uma vez que lida com outros, o eu penso pelo qual vai revelar-se o sujeito. Em suma, Freud está seguro de que esse pensamento está lá completamente sozinho de todo o seu eu sou, se assim podemos dizer, - a menos que, este é o salto, alguém pense em seu lugar.

O eu do estádio do espelho não está na relação percepção-consciência, mas sim do desconhecimento, do Imaginário, um eu falso iludido por uma promessa de completude, mas que escamoteia sua fragmentação. Apontamos a diferença: o eu do pensamento não é senhor consciente de si, para a psicanálise a sua certeza está no Outro. O eu está mais para escravo da ilusão de ser Um do que para mestre de si.

A captura do eu se dá pela mensagem, que através do espelho chega invertida como vinda do Outro. Daí, o eu se enfeitiça por essa miragem de um corpo inteiro, que não passa de imagem virtual, mas que o possibilita se sentir amparado, olhado, já que o infans não tem maturidade neurológica para dominar os movimentos do seu corpo. Um aspecto ao menos instantâneo da imagem que faz a criança esquecer que é amparado, sustentado pelo Outro, a mãe. Mas, qual o efeito do estádio do espelho na subjetividade?

A matriz simbólica da constituição do eu se dá através do estágio do espelho. Lacan, em *A agressividade em psicanálise* (1998), fala de uma relação específica que o homem tem com o seu próprio corpo, as imagens do corpo despedaçado. As brincadeiras de criança são um bom exemplo desta herança: “entre os dois e os cinco anos, para saber que arrancar a cabeça e furar a barriga são temas espontâneos de sua imaginação, que a experiência da boneca desmontada só faz satisfazer” (LACAN, 1998, p.108). A criança experimentará uma tensão entre a imagem que o espelho lhe dá de um corpo unificado e a sua imaturidade motora, gerando uma tensão agressiva entre um corpo fragmentado e a sua imagem, seu outro. A criança rivaliza consigo mesma, pois fica entre a sedução da imagem unificada e a ameaça da fragmentação. Porém, neste primeiro momento a rivalidade fica entre esse duplo dela mesma, para só depois passar a ser uma rivalidade dela com outra criança, seu semelhante.

O medo de perder a imagem unificada faz com que o infans antecipe sua unidade, tomando o lugar da sua própria imagem. “Eu sou a minha imagem”, foi o que Lacan denominou de libido erotoagressiva. O processo escópico é acompanhado de sentimentos de alegria, porém, de rivalidade – eu e minha imagem – e agressividade.

A criança antes reconhece a imagem do outro no espelho, para só, em outro momento, reconhecer-se. Porém, responde com um sorriso ao ver a imagem de sua mãe no espelho, mas estranha caso a mãe fale com ela, ou seja, não havia diferenciado até então o que era a imagem e o que era a mãe (modelo). O que faz a criança reconhecer o outro e ainda não se reconhecer?

Existiram duas imagens visuais da mamãe: a que o espelho aponta e a imagem que a criança capta do modelo – mãe. Só que de si própria a criança só dispõe de uma imagem, ficando em desvantagem, então. Sua única imagem é de um corpo integrado presenteado pelo espelho. Ademais, a imagem que papai e mamãe fazem deste corpo desorganizado é de um corpo integrado, no lugar de seu ideal – pais neuróticos idealizam um bom futuro para seu bebê: será esperto, falará cedo etc. O espelho disponibilizará para a criança sua identificação imaginária com o falo materno. “Sou aquilo que mamãe precisa”, mas também através deste olhar do Outro se formará o ideal do ego, concentrando tudo que a criança poderia ter sido.

Lacan trata de uma encruzilhada estrutural entre a natureza da agressividade no homem e sua relação com o formalismo de seu eu e de seus objetos. Uma relação erótica, em que o indivíduo humano se fixa em uma imagem que o aliena, ou seja, “eu sou aquilo o que o Outro quer de mim, mas o que ele quer de mim?”. Um bom exemplo disto foi uma paciente que no divã relata uma estorinha da infância. Diz não entender porque a ideia que tem de um acontecimento – sua boneca quebrada – é diferente da ideia que sua irmã faz. Fala com clareza

que foi a irmã a autora da destruição da sua boneca preferida, mas já a irmã diz ter certeza de ter sido a analisanda a culpada e autora do crime, e se justifica pelos fatos guardados na memória.

A criança que bate diz que bateram nela, a que vê cair chora. Do mesmo modo, é uma identificação com o outro que ela vive toda a gama das reações de impotência e ostentação, cuja ambivalência estrutural suas condutas revelam com evidência, escravo identificado com o déspota, ator com o espectador, seduzido com o sedutor (LACAN, 1998, p. 116).

Há, então, uma dialética entre o eu especular para o eu social, começando a concorrência, a ameaça do outro. O eu tomará forma na tensão conflitiva. Isto determina o despertar de seu desejo pelo objeto do desejo do outro. Através desta concorrência agressiva é que se estabelece a tríade do outro, do eu e do objeto.

Quando o sujeito nega a si e acusa o outro, tem-se aí a estrutura paranoica do eu que encontra sua analogia nas negações fundamentais valorizadas por Freud nos três delírios, o do ciúme, o da erotomania, como já referido acima, e o de interpretação. Lacan se refere “justamente, do delírio da bela alma misantrópica, que rechaça para o mundo a desordem que compõe seu ser” (Idem, p. 117).

Um exemplo pertinente trazido por Lacan, ao tratar da agressividade original, é o de santo Agostinho, que trouxe uma imagem exemplar do nó central da agressividade: “Vi com meus olhos e conheci bem uma criancinha tomada pelo ciúme: ainda não falava e já contemplava, pálida e com uma expressão amarga, seu irmão de leite” (LACAN, 1998, p. 11). A questão não está em se olhar no espelho para se constituir subjetivamente, mas sim se olhar no espelho apoiada pelo olhar do Outro, do cuidador. Este que garantirá, através de sua castração, o lugar de falo imaginário para o filho. A imagem especular antecipa o que a criança desejaria ter: corpo unificado, um domínio de si. Um falo imaginário que completaria sua mãe. Tamponaria a falta desta, ou seja, uma mulher castrada, faltosa. O ideal do eu – Simbólico – organizará a estruturação imaginária do eu.

A imagem para a criança servirá de impulsionadora da libido, que circulará do corpo à imagem, desta ao eu e ao mundo. A imagem não serve na sua objetividade, e sim na sua participação para o deslocamento e a fixação da libido. Garantirá unidade ao corpo e é por isso que se fixa a ela, pelo encantamento de uma promessa futura, um corpo em seu estágio mais uno.

A função do olhar vem intermediar a relação do eu com o ambiente. A função escópica não é direta, trará consequências na subjetividade de cada um. A função do olhar no

animal com o meio é atravessada pela visão, só que esta nos seres humanos produz efeitos em seu psiquismo, ou seja, é além de mimetismo. Na verdade, trata-se de uma pulsão escópica, pulsão do olhar, que faz com que o sujeito se aliene na própria imagem, e isto não corresponde ao instinto animal que faz com que os gafanhotos ou as pombas se transformem pela imagem que vem do parceiro, como forma de se desenvolver.

A imagem que o espelho devolve à criança faz efeito em seu psiquismo, dá a ela um corpo unificado. Este processo vai além do especular, de um modelo, como as pombas que precisam de um semelhante para desenvolver suas gônadas. O que importa para a criança é o olhar que recai sobre ela, ou seja, ela acaba através do olhar do outro se reconhecendo a si mesma e não o seu semelhante, como acontece com os animais.

O que o estágio do espelho possibilita à criança é a passagem do autoerotismo, em que o que existe é um corpo desorganizado para o narcisismo, onde a imagem do corpo unificado garante a identificação da criança com o seu ego ideal. Esta identificação será a base futura para as identificações secundárias. Só um eu formado permitirá haver relações com objetos outros. Então, inicia-se o dinamismo libidinal do eu com os objetos.

Haverá um desencontro eterno do sujeito, do eu da imagem e a própria realidade. É a chamada curva assintótica que Lacan busca exemplificar através da matemática, uma função geométrica tangente entre uma reta e uma curva que só se encontrarão no infinito. Existirá sempre uma diferença, um desencontro entre o eu da imagem e sua realidade. Será sempre um desconhecido para si. “Eu é um outro” (LACAN, 1998, p. 120). Para Lacan, a história e, conseqüentemente, a linguagem se apoiam no ponto do *ergo sum*, em que o eu se engana em comandar os verbos em primeira pessoa: “eu realizo”.

A psicanálise faz o contraponto, afirmando que o eu se constitui de forma alienante, que precisará de reconhecimento, da mirada da mãe para assegurar sua imagem. O desencontro fundamental do que é e sua própria imagem faz o sujeito buscar no outro uma resposta. Quando a mãe diz “Você é a coisa linda da mãe”, a criança se coloca neste lugar. Desta forma, o conhecimento humano se estrutura de forma paranoica, sempre na ameaça de perder a unificação corporal, sempre na rivalidade com a própria imagem. Miller (1998, p. 258) teceu considerações importantes a respeito dessa questão: “o narcisismo é a paranóia e, nesse sentido, vale para todo sujeito”. Vejamos, no próximo tópico, como fica a constituição especular, o imaginário na paranóia.

O eu para a psicanálise lacaniana é um lugar de alienação, e que cabe ao desconhecido. Um sujeito sem promessas: “é para esse ser de nada que nossa tarefa cotidiana consiste em

reabrir o caminho de seu sentido, numa fraternidade discreta em relação à qual sempre somos por demais desiguais” (LACAN, 1998, p. 126).

2.3.1.2 O visco imaginário

A paranoia é um visco imaginário... É uma voz que sonoriza o olhar que aí é prevalente. É um assunto de congelamento de desejo.

(LACAN, 1975, p.57)

O registro imaginário é a questão comum entre a paranoia, o conhecimento paranoico e a megalomania. Lacan, até o final dos anos 1940, desenvolveu o conhecimento paranoico nos textos sobre o estágio do espelho, *Formulações sobre a causalidade psíquica*, *O estágio do espelho* e *Agressividade em psicanálise*. Retoma essa temática em 1966, na sua apresentação sobre Schreber, quando dá ao objeto olhar uma primazia no estágio do espelho. Para ele, o conhecimento paranoico é das vestes do Imaginário, e por isso tem a ver com o desconhecimento, com o saber não sabido, mas que por ser do Imaginário nos engana, fazendo-nos crê-lo.

Miller (1984, p. 12), em uma de suas conferências em Caracas, relata sobre o estágio do espelho e dá pistas de como diferenciar o conhecimento paranoico da paranoia-psicose: “O que quer dizer que a relação do homem com seu objeto é paranoica? Quer dizer que o objeto o interessa na medida em que o outro está disposto a tirar-lhe... Isto dá conta do caráter histérico do desejo humano, que é sempre fundamentalmente desejo do outro”.

Há uma paranoia primeira que faz nascer no homem o desejo pelo objeto e outra que foraclui um significante primordial que marcaria o sujeito como um sujeito de desejo. Entendemos que as duas não são da mesma ordem. Segundo Beividas (1999), o conhecimento paranoico seria uma vocação epistemológica, e a segunda se trata de um registro clínico.

O paranoico permanece no lugar do eu ideal, aquele a quem colocamos como ideal, de corpo unificado. Talvez seja por essa constituição imaginária que o paranoico se apresenta com um discurso tão unificado e coerente. Segundo Freud, há uma fixação no narcisismo que possibilita a unificação corporal. Existe uma cola no Imaginário que se fundamenta na *verhaltung* de um significante mestre que é do sujeito ideal, uma forma de se fazer representar e se identificar ao Outro. Nessa relação não há mediação simbólica, e por isso o sujeito cola ao significante imaginarizado, ou seja, o significante adquire a consistência imaginária. É a paixão de ser Um que o faz prepotente, como na fala de um paciente paranoico: “Sempre

estou certo”. A significação aqui se refere sempre ao sujeito, os significantes se transformam em sinais incompreensíveis que se dirigem a ele. O sujeito paranoico é retido por esse Um e é a partir dele que entra em relação com os outros. Outro exemplo: “Eu sei que os meus vizinhos falam de mim, me chamam de viado. Sou o viado que não come mulher. Sou o viado que não é macho, sou aquele que vê, V de viado”. Há aí o sentimento de ser único, encarnado no significante “viado”, aquele que sabe o que é ser “viado”. Há uma identificação imediata, não dialetizável com o significante unário. Não há divisão subjetiva, mas uma convicção. Há uma fixação a um significante ideal que Lacan situa no registro do Imaginário. O significante mestre tem esse aspecto imaginário de ser um ideal.

O Um do imaginário corresponde à imagem especular, e esta põe um véu na falta. Não há possibilidade de fazer imagem daquilo que não existe, que falta. É por isso que o Um paranoico propicia a unidade do corpo, mas também não dá possibilidade ao sujeito de se perceber dividido. Ele é inteiro, ele é o “viado” para todos os outros.

O visco imaginário prende o paranoico no sentido. Na paranoia o sujeito é colado ao Imaginário, e é por isso que há uma tendência de buscar sentido em tudo, ele é a referência. Esta autorreferência lhe garante um sentimento de ser único e de querer ser o Outro para todos os outros. Ele garante o saber, o futuro, enfim, ele sabe o que é melhor. Lacan chama a atenção, em 1956, para essas peculiaridades no discurso de Schreber, citando-o:

Dizem que eu sou um paranoico, e dizem que os paranoicos são pessoas que relacionam tudo a elas. Nesse caso, eles se enganam, não sou eu que relaciono tudo a mim, é ele que relaciona tudo a mim, é esse Deus que fala sem parar no interior de mim mesmo por meio de seus diversos agentes e prolongamentos (SCHREBER apud LACAN, 2002, p. 157).

No artigo *Formulações sobre causalidade psíquica*, Lacan (1946) traz a identificação imediata do paranoico, e compara ao rei Luís II da Baviera. Há um deleite de ser aquilo que se coloca como identificação ideal, que para qualquer neurótico é um lugar impossível de ser ocupado, só almejado. Neste mesmo texto, Lacan aborda a imposição da lei que o paranoico cria para ordenar o mundo, e o associa à “bela alma”, fazendo referência a Hegel. É aquele que denuncia os absurdos do mundo e vem para salvá-lo.

Sobre a epígrafe desta seção, há uma prioridade do olhar sobre a voz na paranoia e, como escreve Soller (2007, p. 209): “É como se, de certo modo, o olhar fornecesse a verdade das vozes do paranóico – isto quando ele as escuta, porque note-se, esse nem sempre é o caso: o paranóico puro não é forçosamente alucinado”. Há uma prevalência do olhar (imaginário escópico) sobre a voz (simbólico). A voz é áfona, justificando isso, temos o exemplo dos dois

pacientes surdos de Cramer (1896) que faziam referência a alucinações auditivas. Um surdo que ouve? Tratam-se de experiências mais do pensamento do que da sensopercepção, tais como inserção do pensamento, eco do pensamento. A voz e o olhar como objeto a, não estão vinculados a um registro sensorial. Tem uma esquizo, uma divisão entre o órgão e o objeto. A voz que sonoriza o olhar não é voz de verdade, como questiona Soller (2007, p.211) “um olhar que faz barulho?”. Um olhar que fala, que devora, que avalia, como cantou Adoniran Barbosa (1987): “Teu olhar mata mais que atropelamento de automover / Mata mais que bala de revolver...”.

O olhar e a voz não são órgãos do sentido, mas objetos pulsionais, condensadores de gozo. Na definição de Soller (2007, p.212): “(...) é realmente uma voz [voix], mas uma voz para a qual o caminho [voie], v-o-i-e, da metonímia não está livre. Uma voz grudada nas inércias escópicas, em sua fixidez siderante e, antes de mais nada, presa na armadilha do que sustenta a imagem fixa do narcisismo”.

Busquemos em Allan Poe uma pequena ilustração de um delírio paranoico. O conto *O coração delator* narra de forma alucinada a descrição de um louco que resolve assassinar um velho, pelo fato deste possuir um olho de vidro: “Um olho azul claro coberto por um véu. Sempre que caía sobre mim o meu sangue gelava, e então pouco a pouco, bem devagar, tomei a decisão de tirar a vida do velho, e com isso me livrar do olho, para sempre” (POE apud COSTA, 2007, p.196).

Este conto está cheio de “metáforas escópicas” (Soller, 2007, p.213), há uma riqueza no vocabulário da visão ao descrever o olho do velho:

Ele estava aberto, muito, muito aberto, e fui ficando furioso enquanto o fitava. Eu o vi com perfeita clareza - todo de um azul fosco e coberto por um véu medonho que enregelou até a medula dos meus ossos, mas era tudo o que eu podia ver do rosto ou do corpo do velho, pois dirigira o raio, como por instinto, exatamente para o ponto maldito (POE apud COSTA, 2007, p.198).

Há um retorno no real do significante foracluído que impossibilita o simbólico de dar significação à cena, não é algo que fala, mas algo que olha. O sujeito parece não ter recurso subjetivo de dar outro destino a esse olhar, ele se põe no real da cena. Sem o recalque, o olho o invade e se torna insuportável.

O personagem tem a certeza delirante que não é louco e afirma que os seus sentidos são hiperaguçados, há uma junção do olhar com a voz, uma sonorização do olhar:

E agora, eu não lhe disse que aquilo que o senhor tomou por loucura não passava de hiperagudeza dos sentidos? Agora, repito, chegou a meus ouvidos um ruído baixo, surdo e rápido, algo como faz um relógio quando envolto em algodão. Eu também conhecia bem aquele som. Eram as batidas do coração do velho. Aquilo aumentou a minha fúria, como o bater do tambor instiga a coragem do soldado (POE apud COSTA, 2007, p.198).

Tanto no início como no transcorrer do conto, o personagem afirma que não é louco, e através do delírio justifica que não o é. O sujeito paranoico, diferente da esquizofrenia, é representado por um significante para outro significante como na neurose, porém esta última conta com o recalque, enquanto que na paranoia há uma retenção, uma identificação imaginária a um significante, Um que o representa sem deslizamentos, permanece congelado. O personagem se retém em um significante mestre, o de não ser louco.

O personagem, depois do assassinato, esconde o corpo embaixo do assoalho do quarto e logo em seguida chegam três oficiais da polícia encarregados de vasculhar o local, alarmados por um grito escutado pelos vizinhos. O personagem convenceu os policiais de que o grito fora seu, porém, logo começou a ouvir um zumbido percebido por ele como algo que vinha de fora. O retorno do real, como um delírio de observação, em que se encontram as duas funções do supereu que se apresentam na realidade – o sujeito é visto e falado. Um olhar supereu na mira do Outro:

Andei de um lado para outro a passos largos e pesados, como se me enfurecessem as observações dos homens, mas o barulho continuava a crescer. Ai meu Deus! O que eu poderia fazer? Espumei — vociferei — xinguei! Sacudi a cadeira na qual estivera sentado e arrastei-a pelas tábuas, mas o barulho abafava tudo e continuava a crescer. Ficou mais alto — mais alto — mais alto! E os homens ainda conversavam animadamente, e sorriam. Seria possível que não ouvissem? Deus Todo-Poderoso! — não, não? Eles ouviam! — eles suspeitavam! — eles sabiam! - Eles estavam zombando do meu horror! — Assim pensei e assim penso. Mas qualquer coisa seria melhor do que essa agonia! Qualquer coisa seria mais tolerável do que esse escárnio. Eu não poderia suportar por mais tempo aqueles sorrisos hipócritas! Senti que precisava gritar ou morrer! — e agora — de novo — ouça! mais alto! mais alto! Mais alto! mais alto!
— Miseráveis! — berrei — Não disfarcem mais! Admito o que fiz! levantem as pranchas! — aqui, aqui! — são as batidas do horrendo coração! (POE apud COSTA, 2007, p.200)

O Outro do paranoico é um Outro que goza e não aquele que inclui a castração. Um Outro que marca com o seu olhar consistente e gozador que coloca o sujeito na parede, o persegue, fica à mercê, na mira do olhar do Outro. Diante da angústia escópica o sujeito tem reações de terror, podendo fazer ato, atacando o Outro, vazando o seu olho. Talvez a saída de se punir pelo ato cometido foi admitir o crime, fazer valer uma lei que simbolicamente é foracluída.

O Um do Imaginário é uma identificação com a imagem especular daquela passagem do estádio do espelho. A imagem põe um véu na falta, o que o impossibilita de ver seu corpo como não unificado e de não enxergar sua divisão, há uma negação nisso. O corpo é unificado pelo poder do imaginário, assim também como os belos delírios bem construídos, com construções sintáticas bem descritas, unificadas. Soller (2007, p.219), ao descrever o delírio de Rousseau, diz: “um escritor de gênio”. A interpretação do texto de Poe de um personagem dito aqui como paranoico possibilita uma ilustração das metáforas visuais congeladas que se repetem ao longo do texto, fixadas em um delírio construído de que o paranoico é mais visto do que vê: “Eles ouviam! — eles suspeitavam! — eles sabiam! - Eles estavam zombando do meu horror! — Assim pensei e assim penso” (POE apud COSTA, 2007, p.200).

2.3.2 A paranoia e o Simbólico

O Discurso de Roma em 1953 marca um momento ímpar no ensino de Lacan. Em menos de quatro páginas, ele apresenta uma nova nosografia que orienta seus estudos do lado do Simbólico. Através de Hegel, faz uma nova via na psicanálise, a busca do reconhecimento do outro. Hegel serve de inspiração para a sua compreensão do desejo.

Lacan critica explicitamente Hegel por restringir sua análise do desejo à autoconsciência. O resultado dessa operação é que o inconsciente se vê desconsiderado como significante da atividade consciente, e a consciência passa a ser privilegiada como falso lugar do significante. Na verdade, a divisão entre consciente e inconsciente traria consequências para a obscuridade fundamental do desejo (PEIXOTO, 2004, p.112).

O efeito significante faz advir o sujeito em sua estrutura de divisão. O sujeito é dividido pela ordem da linguagem. O inconsciente com Lacan é submetido à ordem significante. A tese lacaniana de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem exige um exame detalhado tanto dos seus princípios constitutivos como em suas aplicações.

À medida que Lacan começa a se aproximar da linguística, a psicose tem um momento de torção. Passa da influência psiquiátrica francesa para as estruturas fundantes. Esse momento é perceptível em *O Seminário, 3, As psicoses*: “Que o outro seja estruturalmente desdobrável, reduzível. Aí está manifesto claramente no delírio” (LACAN, 2002, p.116). A psicose se inaugura dentro dos referenciais Simbólicos, por se tratar de um tempo em que Lacan dava primazia a ele. Lacan retorna essa herança freudiana e orienta que a psicanálise não pode recuar diante da psicose. É preciso pontuar que a psicose foi fincada por Lacan

como estrutura, ou seja, o sujeito se estrutura na e pela linguagem. Esta estrutura se revelará na fala do sujeito, o que garante um modo particular de lidar não só com o Simbólico como iniciou Freud, mas com o real e o Imaginário. A psicose – como a neurose e a perversão – é estrutura de linguagem e marca uma relação do sujeito com o significante.

Lacan (1961-62) retoma a contribuição da linguística, especificamente de Saussure, em *O Seminário 9, A identificação*. Afirma que o que distingue um significante é o fato de ser tudo aquilo que os outros não são. O que o marca é sua pura diferença. Essa é uma marca importante que diferencia o que é o significante para a linguística e o que o representa para a psicanálise. Para esta, mesmo que o significante insista e se repita na fala do sujeito, ele não é o mesmo. Ele retorna em outro lugar capaz de mudar a posição subjetiva do sujeito. O significante é o mesmo, mas ao mesmo tempo não é. Lacan chama essa distinção de traço unário, algo que diferencia o sujeito, mas ao mesmo tempo pode fazê-lo identificar-se ao outro. Como um paciente neurótico que mal conheceu o pai. Lembra-se apenas de uma vez ter visto o pai, militar, em cima de um cavalo; refere-se muito à vestimenta deste. Isto parece fazer marca nele, que está sempre comentando sobre filmes de exército, de grandes líderes, a ponto de escolher este tipo de fardamento para ir a uma festa a fantasia. Este Um, para fazer síntese, parece ditar uma norma de agir, um significante mestre.

Freud ajuda a pensar sobre a identificação do sujeito a um significante. A noção de identificação aparece em vários textos ao longo de sua obra, identificações essas que demarcam o eu como uma instância identificatória. Em *O projeto para uma psicologia científica* (1895), Freud faz uma tentativa de explicar o aparelho psíquico via funcionamento neuronal. Dirá que o eu consiste, originalmente, de neurônios nucleares, que recebem Qn, estímulos endógenos, e as descarregam, porém, quando não há objeto a partir dos signos percebidos, ela inibe a descarga, como uma defesa primária. O eu constituiria a totalidade dos investimentos a partir da experiência primária de satisfação. A não coincidência entre a percepção e o acúmulo de excitações endógenas do bebê traria a alucinação do objeto desejado como consequência. Segundo Freud, isso seria a existência permanente de um corpo de neurônios catexizados, constituindo a base fisiológica do eu.

A memória e o próprio inconsciente seriam consequências do desencontro entre o desamparo, o estado de urgência e o objeto original que se perdeu. Restando deste último apenas os traços que permanecerão no aparelho psíquico. O eu surge a partir de investimentos no mundo externo, em busca de satisfação, criando uma identidade de memória (FREUD, 1895/1996). Como visto anteriormente, Freud (1914) ainda comenta que o eu também se tornará objeto de investimento, também é objeto. Só a partir da constituição do eu, do

narcisismo é que Freud pode teorizar sobre os fenômenos identificatórios. O eu quando assume a característica de objeto está forçando ao isso como objeto de amor e tentando compensar a perda do isso, tentando convencê-lo que pode amá-lo, já que é semelhante ao objeto, identifica-se a ele.

Tomar o eu como objeto de investimento é o que Freud aponta como ideal do eu. No cerne do ideal do eu está a primeira e mais importante identificação, a identificação ao pai. Em *Totem e Tabu* (1913), Freud explicou a origem da civilização pela morte do pai, aquele que instaura a lei, e aquele a que todos se identificam. Em *Psicologia das Massas e a Análise do eu* (1921), encontra pela via do amor uma justificativa para que os grupos façam laços, estes se formam pela via da identificação, a libido retorna ao eu para investir nos objetos narcisicamente.

Lacan retoma a identificação freudiana em *O Seminário 9* (1961-62), porém, colocando a identificação não de forma mítica, mas a que remeta a uma marca diferencial – o traço. Ao *einzigster zug* (FREUD, 1921) freudiano, um traço único, absolutamente despersonalizado. Há uma distinção entre traço unário e significante, pois estes representam imagens acústicas, são opositivos e negativos, não são idênticos a si mesmo. Já o traço unário é a marca de inscrição da diferença, não tem o aspecto de encadeamento que o significante porta, mas de uma unidade de contagem, da unicidade: “A fundação do um que constitui esse traço não está tomada em nenhuma parte a não ser em sua unicidade. Como tal, não podemos dizer dele senão que ele é o que tem de comum todo significante [de] ser, sobretudo, constituído como traço, [de] ter esse traço por suporte” (LACAN, 1961/2003, p.35)

O traço unário, Um é um S1 que representa o sujeito para outro significante. Um discurso do inconsciente. O sujeito se encontra pulado, ausente nesta relação. É o (-1) barrado e faltoso, pois o significante “militar” não representa totalmente o paciente, mas como traço unário o faz se identificar ao pai. É o Um da unificação, o significante traumático, aquele que se repete. Enquanto significante “militar”, o sujeito pode dar significados outros (S2), mas há nele um traço distintivo de repetição, de unicidade (S1). O que ocorre na paranoia é que o significante mestre, do trauma não está recalcado nem disperso (esquizofrenia), e sim submetido à *verhaltung* (retenção). Logo, todos os significantes ficam retidos, submetidos, fixando o sujeito a um gozo traumático de um real impossível de suportar. O S1 representa o paranoico, porém, de uma forma mortífera e total.

Para compreender sobre a linguagem do paranoico, é preciso compreender alguns conceitos teorizados por Lacan. Em *O Seminário 3*, Lacan coloca que o que há de novo no seu ensino é que o sentido das cadeias dos fenômenos não é aquele que se compreende: “O

que teríamos aprendido de novo, de acordo com o que se pensa de maneira ambiente nas salas de plantão, expressão do *sensus commune* dos psiquiatras, é compreender os doentes. É pura miragem” (LACAN, 2002, p.14). Logo depois: “a compreensão só é evocada como uma relação sempre no limite. Desde que dela nos aproximamos, ela é, a rigor, inapreensível” (Ibidem, p.15). Isto é para afirmar que a psicanálise não é psicogênese. Durante quase 20 anos Lacan quis compreender a psicose. A partir de 1953, ele passa a utilizar a linguística saussuriana para explicar a psicose.

Lacan (op. cit., p.20) afirma: “Traduzindo Freud, dizemos – o inconsciente é uma linguagem”. E justifica que não é porque é articulada que precisa ser reconhecida. Finaliza: “o sujeito psicótico ignora a língua que fala”. Isso porque o inconsciente aparece no Real, há uma forclusão do Simbólico. No delírio, as palavras adquirem uma significação irreduzível e a intuição delirante, uma insistência estereotipada, como na fala do louco de *O Coração delator*:

É impossível saber como a idéia penetrou pela primeira vez no meu cérebro, mas, uma vez concebida, ela me atormentou dia e noite. Objetivo não havia. Paixão não havia. Eu gostava do velho. Ele nunca me fez mal. Ele nunca me insultou. Seu ouro eu não desejava. Acho que era seu olho! É, era isso! Um de seus olhos parecia o de um abutre (POE apud COSTA, 2007, p. 196).

Não há enigma no motivo do ato, não se sabe o porquê de cometer o assassinato, e ainda se refere que é da ordem do impossível saber, porém, é de um impossível de certeza. O olho percorre o texto insistentemente, ou seja, essa ideia se fixa e não dialetiza, não há uma dúvida por que matá-lo, e sim que o olho do velho o atormenta, e é preciso acabar com isso. O sujeito paranoico ignora a língua que fala, porque não comporta que ela tenha falha, ela é completa e concisa, não é da ordem das possibilidades, mas da impossibilidade.

Ainda em *O Seminário 3*, a admissão do Simbólico é possível pela *bejahung* primordial, porém ela pode faltar. Freud, segundo Lacan, admite um fenômeno de exclusão, onde o termo *verwerfung* é propício: “Pode acontecer que um sujeito recuse o acesso, ao seu mundo Simbólico, de alguma coisa que, no entanto, ele experimentou e que não é outra coisa naquela circunstância senão a ameaça de castração” (Ibidem, p.21).

Neste mesmo seminário, Lacan questiona o papel da alucinação verbal na paranoia, e através de Schreber descreve a natureza do delírio. As palavras passam a ter uma significação irreduzível. A fala do psicótico é carregada de neologismo. Não é possível para o paranoico lidar com os furos da fala, da enunciação em si, pois eles vêm de fora. A forclusão não

possibilita que a relação do código com a mensagem seja realizada. A linguagem não divide o sujeito.

Lacan interroga: de que ele (paranoico) fala? E responde que ele fala de alguma coisa que lhe falhou. Alguma coisa toma forma de palavra falada. Acaba usando a dialética freudiana para explicar a estrutura do discurso paranoico. Através do enunciado “eu o amo”, há três formas de negar isso:

A primeira maneira de negar isso é a de dizer – não sou eu que o ama, é ela, meu cônjuge, meu duplo. A segunda é dizer – não é ele que eu amo, é ela. Nesse nível a defesa não é suficiente para o sujeito paranoico, o disfarce não é suficiente, ele pode ser atingido, é preciso que a projeção entre em jogo. Terceira possibilidade – eu não o amo, eu o odeio. Aí tampouco a inversão não é suficiente, é ao menos o que diz Freud, e é preciso também que intervenha o mecanismo de projeção, a saber – ele me odeia. E aí estamos no delírio de perseguição (Ibidem, p. 53).

O autor diferencia o delírio de ciúme – que tem como marca o gozo do Outro – da erotomania. Coloca a certeza como ponto em comum e que fundamenta a paranoia. O paranoico não é tão fácil de reconhecer, passa despercebido. Justamente, porque consegue levar sua vida através de identificações que lhes dirão o que é preciso para ser uma mulher ou um homem. A imagem do outro vai servindo de muleta. É possível viver sem surtar, a não ser que algo lhe ocorra, um encontro com o Real.

Neste momento, o psicótico passa a não ter possibilidades de responder, as significações o escapam, falta o saber que dê conta de uma morte inesperada, de uma traição, da paternidade. Algo cai no Imaginário e no Simbólico. No Imaginário caem os modelos e se junta a isso um apelo a um significante, o Nome-do-Pai.

Esse significante que o sujeito apela é chamado de Nome-do-Pai, que é transmitido ao sujeito graças ao desejo da mãe. Quando ele é foracluído, conceito que será mais bem estudado mais adiante, o sujeito lança mão de significações que, por não ter o amparo do Simbólico, delira. Lacan (1998, p. 559) conceituou esse significante primordial para sua clínica no texto *De uma questão preliminar a todo tratamento possível na psicose*, onde faz referências aos mitos freudianos de *Totem e Tabu* e Édipo. Na paranoia, a ausência de um pai Simbólico acarreta o encontro com o pai real. O Deus de Schreber, terrível gozador.

O Édipo é uma armadura significante mínima que permite a entrada do sujeito no mundo Simbólico. Para Lacan, a descoberta da fase fálica é reconhecer essa ordem simbólica. O complexo de Édipo só tem sentido porque Freud reconheceu a implicação de um terceiro termo para a estruturação do sujeito, pois o falo é a referência, não como castração via pênis,

e sim como referência ao pai, esse terceiro que vem mediar a relação mãe-criança e criança-mãe, colocando-se, pois, como sujeito da falta, do desejo.

A estrutura de linguagem antecede o infans – aquele que não fala – É a partir desta alteridade que se constitui um sujeito, pois a criança já nasce inscrita na linguagem, ela é falada, já possui um nome próprio, um lugar, expectativas. Os pais dão uma significação ao filho anterior mesmo ao nascimento, anterior a qualquer rastro de existência. Escolhe-se um nome mesmo sem expectativas de quando se terá um filho. A linguagem permite isso: “Pela razão primeira de que a linguagem, com sua estrutura, preexiste à entrada de cada sujeito num momento de seu desenvolvimento mental” (LACAN, 1998, p. 498).

A metáfora paterna e o recalque originário são mecanismos primordiais para o surgimento do sujeito. O recalque faz função através de uma substituição significante. Em outras palavras, um significante novo tomará lugar do significante originário do desejo da mãe, fazendo com que este seja recalcado. Houve uma renúncia do objeto inaugural do desejo.

2.3.2.1 Os três tempos do Édipo em Lacan

Ao sair da fase do espelho, a criança se encontra numa situação de indistinção com a mãe. Ela é o objeto que lhe falta, por isso o júbilo das mulheres grávidas ou puérperas ao se sentirem completas. A criança ocupa o lugar de falo. Como Lacan (1958, p.287) coloca bem: “O que a criança busca é poder satisfazer o desejo da mãe, quer dizer: To be or not to be”. O Estádio do espelho não dá conta para que a criança possa tomar posse de seu corpo, já que este se constitui como tal a partir de um corpo simbólico. O registro simbólico recorre então aos três tempos do Édipo.

Existe um assujeitamento do desejo da criança ao desejo da mãe, porém, satisfazer as necessidades do filho não é o único desejo desta. Além disso, desfila toda a ordem simbólica na qual está inserida, já que houve anteriormente à criança uma transformação do falo real em significante da falta.

No primeiro tempo do Édipo, o falo passa a ser o cerne da mediação mãe e criança. A problemática do falo se passa sob a dialética do ser. Há uma identificação fálica da criança em ser o objeto de desejo da mãe. A dialética posta é ser ou não ser o falo sem mediação de um terceiro. O pai neste momento é excluído.

O segundo momento é a entrada do pai (terceiro) como privador nesta dialética ser ou não ser o falo. A criança o imagina como dominador, ciumento, ameaça. Esta ameaça incide

sobre o corpo, daí a angústia de castração. Só existe um órgão sexual, o masculino, por isso o menino teme perder e a menina já perdeu. A ameaça vem do pai. Será a primeira experiência de frustração da criança, pois ela percebe que é para o pai que a mãe se dirige e a mãe também se vê impelida ao falo suposto. Neste momento, a criança entra na lógica da castração e introduz aí uma interrogação de ser ou não ser o falo. O pai entra aí como um objeto fálico possível, imaginariamente ele representa o falo a quem a mãe se dirige e por isso deseja. Há um deslocamento do falo para a instância paterna e que põe a criança em contato com a lei.

O desejo da mãe para a criança passa a ser submetido à lei do desejo do outro. Seu desejo passa a depender de um objeto que o outro pode ou não ter. Para Lacan, é nisto que está o essencial do Édipo, a relação que a mãe tem com o pai e com aquilo que ele é suposto possuir, que a satisfaz além da criança. O acesso da criança à lei é pela via da dialética do ter, o pai ditando a lei. À interrogação de ser ou não, o falo coloca a criança como questionando sua identificação imaginária de objeto fálico do desejo da mãe. A incerteza abre espaço para o desejo através da instância paterna. Assim como sua mãe, a criança descobre que não é e nem possui o falo.

O terceiro tempo é a dialetização com os outros dois. A criança descobre que a mãe está ligada ao desejo do pai, colocando o pai como aquele que tem o falo e não como aquele que o é. O pai passa a produzir algo que ativa na mãe a instância do falo como objeto de desejo dela e não mais como objeto do qual o pai pode privá-la. Há outro deslocamento do pai, de instância imaginária para pai Simbólico (LACAN, 1999). A ligação incestuosa com a mãe e a angústia de castração pelo pai declinam.

O deslocamento da criança do ser para o ter coloca em jogo suas identificações. O menino se identificará com o pai, seu suposto ter e a quem lhe garantirá todos os signos de identificação e virilidade que será cumprido aos poucos durante a sua adolescência. E a menina com a mãe, que não tem o falo, mas sabe onde encontrá-lo. A volta do falo ao seu lugar de origem, da mãe ao pai possibilita a instauração da metáfora paterna. Ela dirige também o seu amor ao pai à espera de receber de um homem que venha a ocupar o lugar de seu pai, o falo que ela não tem.

Para Julien (1999, p.33), quando Lacan (1953) inventou sua tripla nomeação – Simbólico, Real, Imaginário – não se trata de nada mais que uma forma de qualificar o pai e não a mãe: “Não se diz: a mãe simbólica, a mãe imaginária, a mãe real. Lacan quis revisitar o Édipo e salvá-lo e para salvá-lo, inventou três adjetivos que, naquela época, qualificavam o pai: o pai Simbólico, o pai Imaginário, o pai real”.

A mãe é quem impede a psicose, transmitindo o significante que lhe garanta uma posição terceira. Esta é o Nome-do-Pai que fica entre a mãe e a criança. A significação dele é o desejo da mãe. É por isso que quando o bebê chora nem sempre a mãe vem. Ela pode não responder, está interessada em outra coisa, pois já sabe que aquele choro representa um capricho do seu filho para tê-la perto. Lacan scandalizou seu auditório dizendo que “a mãe funda o pai”. O terceiro que garante a lei e o desejo da criança pela via da mãe. A transmissão ou não depende da mãe enquanto mulher. Foi no esquema R que Lacan relacionou o sujeito com o jogo dos significantes.

A castração articula a falta com o Complexo de Édipo (- ϕ). A falta é uma marca para psicanálise, ideia de que o “inconsciente é apenas a sede dos instintos” (LACAN, 1998, p. 498). É toda a estrutura de linguagem que a experiência psicanalítica descobre.

2.3.2.2 A forclusão do Nome-do-Pai

O psicótico paga um preço por foracluir o Nome-do-Pai no lugar do Outro. Há um fracasso da metáfora paterna. Em seu livro *A forclusão: presos do lado de fora*, Rabinovitch (2000, p. 09) deu uma conceitualização bastante clara de forclusão:

Assim, foracluir consiste em expulsar alguém ou alguma coisa para fora dos limites de um reino, de um indivíduo, ou de um princípio abstrato tal como a vida ou a liberdade; foracluir implica também o lugar, qualquer que ele seja, do qual se é expulso, seja fechado para todo o sempre.

Em *O Seminário 3, as psicoses*, a forclusão vai corresponder a uma falta do significante Nome-do-Pai, ou seja, uma falha da função paterna. Lacan (1956/2002, p.153) coloca que a forclusão do Nome-do-Pai corta qualquer manifestação da ordem simbólica:

o psicótico é um mártir do inconsciente, dando ao termo mártir seu sentido, que é o de testemunhar. Trata-se de um testemunho aberto. O neurótico também é uma testemunha da existência do inconsciente, ele dá um testemunho encoberto que é preciso decifrar. O psicótico, no sentido em que ele é, numa primeira aproximação, testemunha aberta, parece fixado, imobilizado, numa posição que o coloca sem condições de restaurar autenticamente o sentido do que ele testemunha, e de partilhá-lo no discurso dos outros.

Não partilha, não faz laço. Estão presos do lado de fora. Houve na estruturação uma negação ao Simbólico, e por isso um retorno ao Real. Fazendo um contraponto com a neurose, como foi no início para Lacan, há um retorno do recalcado, o sintoma; já na psicose há um retorno do foracluído, e daí as alucinações e delírios.

Há uma falha estrutural na ordem simbólica, e a suplência é algo que faz tentativa de metaforizar a função paterna foracuída através do delírio e de qualquer criação que estabilize o sujeito, já que ele não conta com a lei, com a ordem simbólica que o organize.

O complexo de Édipo quer dizer que a relação imaginária, conflituosa, incestuosa nela mesma está destinada ao conflito e à ruína. Para que o ser humano possa estabelecer a relação mais natural, aquela do macho e da fêmea, é preciso que intervenha um terceiro que seja a imagem de alguma coisa de bem-sucedido, o modelo de uma harmonia. Não é demais dizer - é preciso aí uma lei, uma cadeia, uma ordem simbólica, uma intervenção da ordem da palavra, isto é, do pai. Não o pai natural, mas do que se chama o pai. A ordem que impede a colisão e o rebentar da situação no conjunto está fundada na existência desse Nome-do-Pai (LACAN, 1988, p.114).

Percebemos que na paranoia o Outro existe. Toda a experiência de Schreber com o seu deus demonstra isso. A partir do Simbólico à foracclusão do significante é preciso criar um pai real que dê conta da lei que o próprio sujeito inventa. Pela metáfora delirante, o paranoico emerge, pois cria aí um saber S2 que o faz deslizar na cadeia significante. Nesse período do Simbólico, há a criação lacaniana do significante Nome-do-Pai e a questão do Outro.

Em um segundo tempo, depois da sua criação inaugural, o objeto a. O Real passa a modificar o olhar sobre os conceitos. A paranoia passa a ser ressignificada sobre novas vertentes e traz novas indagações.

2.3.3 A paranoia e o Real

O Real aparece na obra de Lacan desde os anos 1950, quando formulou os três registros. Ao longo disso, ele foi sendo ressignificado. Na primeira clínica, estava subordinado à estrutura de linguagem e, portanto, referenciado pela via do Simbólico. Já no último ensino, é colocado além do inconsciente. Isso modifica o saber, pois o Real se apresenta como “aquilo que não cessa de não se escrever”, como o indizível, aquilo que está fora da cadeia significante, não está subordinado a nenhuma ordem.

A década seguinte foi marcada pela conceitualização do objeto a. Foi a partir dele que se elaborou o campo do gozo e a teoria dos discursos como laços sociais. Lacan desejava que o campo do gozo fosse chamado de campo lacaniano. Nos primeiros anos do seu ensino, Lacan usou o termo gozo (*lust* ou *gennus*) como aproximação de Freud. O sentido seria alegria, prazer extremo de satisfação sexual. Freud, para evidenciar o caráter excessivo de um prazer, em vez de usar *lust* (prazer, desejo), usa *gennus* (gozo), que tinha a conotação de

horror ou júbilo mórbido. Houve aí uma definição por Freud do gozo, através do mais além do princípio do prazer. Seria um prazer na dor e uma repetição que leva à pulsão de morte. Lacan vem falar da pulsão de morte como uma pulsação de gozo que insiste na cadeia significativa do inconsciente.

Lacan encontra um impasse ao afirmar que a linguagem não dá conta de tudo e que o inconsciente é estruturado como uma. O que sobra disto? Foi a partir da ideia de que nem tudo é significativo que Lacan formulou a concepção de gozo. No seminário *A ética da psicanálise*, Lacan (1959-60) formula o conceito de gozo, fazendo um empréstimo ao discurso jurídico que tem na sua formulação a ideia agostiniana do *par uti-frui*. Santo Agostinho distingue duas formas de amor. Um amor que goza (*frui*) de seu objeto e um amor que utiliza (*uti*) esse objeto como meio para chegar ao gozo de outra coisa – o usufruto que indica algo de útil e um gozo disto.

O desejo e o gozo andam em lados contrários, mas juntos. O primeiro está ligado à lei de interdição do incesto, que insere o sujeito na linguagem e o proíbe do gozo – proíbe o sujeito de poder gozar de tudo, ou melhor, da mãe, para ascender ao gozo parcializado, não-todo. Só que este passa a existir através da fala, e é a partir dela que ele se modifica. Lacan afirma que a linguagem aparelha o gozo, mesmo sendo indizível e inefável o discurso, delimita-o. No *Seminário 7* há uma articulação do gozo ao registro do Real. Ele toma por base o texto freudiano *Projeto para uma psicologia científica*, que traz a ideia de *das ding*, apontado como um objeto perdido que jamais será reencontrado. Este objeto será definido como primeiro exterior, “O Outro absoluto do sujeito” (LACAN, 1997, p.69).

Das ding é um primeiro exterior que é ao mesmo tempo o mais estranho e o mais íntimo do sujeito, é êx-timo. A partir disso, o aparelho psíquico é organizado em sua relação com o mundo exterior:

(...) ele deve ser estabelecido como exterior, esse *Das Ding*, esse Outro pré-histórico impossível de esquecer, do qual Freud afirma a necessidade da posição primeira sob forma de alguma coisa que é (...) alheia a mim, embora esteja no âmago desse eu, alguma coisa que, no nível inconsciente, só uma representação representa (LACAN, 1959-1960/1997, pp. 91/92).

A ordem simbólica vai depender da ex-timidade de *das ding*. É preciso extração para que o mundo das *sachevorstellungen* (representações-coisa) da cadeia significativa possa se constituir, e tendo como anterioridade o Real. A extração do objeto possibilita a constituição da realidade. Daí o sujeito se posta como desejante em busca de algo inacessível. A saída são os objetos substitutivos, ou seja, os objetos da fantasia. Para Lacan (1997, p. 76), esse objeto

“nunca foi perdido, apesar de tratar-se essencialmente de reencontrá-lo”. Como pensar em um objeto que nunca foi perdido e ir à busca de um reencontro? A perda de objeto se faz por conta da linguagem. Ela garante a extração do objeto quando o significante retroativamente dá a significação da sua perda. Disso, o desejo é causado pelo objeto primordial da falta. A *das ding* escapa à significação, mas não está fora do campo da linguagem, e por isso o significante está numa relação tanto com o eixo Simbólico como Real.

A possibilidade da ascensão do infans ao sujeito vem com a interdição do incesto. O desejo pela mãe é um desejo insatisfeito, barrado por uma lei, o que fica é um reencontro deste objeto como saudade. A função do princípio do prazer é fazer o sujeito buscar “aquilo que ele deve reencontrar, mas que não poderá atingir que nesse ponto reside o essencial, o móvel” (LACAN, 1997, p. 87/88). Haverá sempre repetição da tentativa de um reencontro que é da ordem do impossível, do Real. Já que a *das ding* está ligada à falta primordial e à lei. Esta última, ao mesmo tempo em que proíbe o acesso à Coisa (*das ding*), orienta o desejo na direção desse objeto, fazendo o “desejo arder”:

eu não conheci a Coisa senão pela Lei. Porque não teria idéia da concupiscência se a Lei não dissesse – Não cobiçarás. (...) porque sem a Lei a Coisa estava morta. Quando eu estava sem a Lei, eu vivia; mas, sobrevivendo o mandamento, a Coisa recobrou vida, e eu morri. Assim o mandamento que me devia dar a vida, conduziu-me à morte (...) fez-me desejo de morte (LACAN, 1997, p. 106).

Há uma passagem no ensino lacaniano, especificamente do *Seminário 7, A ética da psicanálise* (1959-60) para o 11, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1963-64), que é da Coisa intocada pelo significante à Coisa como elemento de gozo que também está no campo da linguagem. O sujeito é libido que com a linguagem renuncia esse gozo, mas há sempre sobra. A própria linguagem faz esse retorno de ir à busca desta sobra. A partir disto, houve uma mudança no ensino de Lacan. O registro Imaginário, conceito inicial, refere-se a uma relação dual com o semelhante. O lugar do eu (*moi*), das ilusões, da alienação. A partir de década de 1960, com a conceitualização do objeto a, o Real passa a ocupar lugar dominante, antes ocupado pelo Simbólico e de início pelo Imaginário. Não se trata de excluir o ensino anterior, mas de uma continuidade. Passa a ter uma relação da lógica edipiana com o pulsional, um não exclui o outro. O inconsciente avança, os atos falhos, chistes continuam presentificando sua estrutura de linguagem, mas Lacan acrescenta algo do não realizável. O Real que marca o inconsciente com um movimento de abertura e fechamento, da ordem da pulsão. Entra em jogo o objeto a e a teoria dos discursos proferidos sem palavras, exemplificados pelos matemas.

Temos a passagem do conceito de objeto, *das ding*, à introdução do objeto a. Ele se torna articulável à pulsão, possibilita uma apreensão do inconsciente também na sua dimensão pulsional. O objeto a é o que resta da separação, como o jogo do *fort-da* de Freud, presença e ausência, e volta sempre para o mesmo lugar, daí a repetição. As cadeias significantes possibilitam novas significações, mas há algo que se repete como fracasso. A repetição insiste no objeto perdido, um objeto que nunca existiu, mas que insiste por fazer a repetição procurá-lo. Uma busca sem fim, que causa desejo. A repetição é da ordem do real, pelo qual ela falha, é o signo daquilo que, por não ter significação, não desliza na cadeia significante, e por isso se repete numa tentativa de operar a fissura que é efeito do Real: a repetição é do próprio objeto em sua falta. O significante não dá conta. Neste trauma com o Real, faz sintoma e repete. Não há inscrição, portanto, mas é isto que faz o Simbólico, o desejo, o ir em busca, o objeto a, isso pensando sobre a neurose. Já na psicose, não se repete nessa ordem, o carretel é a própria presença da mãe representada.

Portanto, o sujeito é marcado pelos significantes que vêm do Outro, mas é também sujeito de gozo, produz sua resposta de gozo à falta primordial. O objeto a é o que representa a falta no campo significante e é também objeto condensador de gozo, já que esse não se deixa apreender totalmente, está sempre escapando, transbordando.

O discurso passa a ser uma forma de condensar gozo e de fazer laço social; mas como fica isso para o paranoico? Nele a relação é com o Outro sem lei que quer prejudicar o sujeito. Para Lacan, esse Outro está excluído na psicose e o paranoico lida, na verdade, com o pequeno outro:

Temos a impressão de que é na medida em que ele não conseguiu, ou perdeu esse Outro, que ele encontra o outro puramente imaginário, o outro diminuído e decaído com o qual não pode ter outras relações que não as de frustração – esse outro o nega, literalmente o mata. Esse outro é o que de mais radical na alienação imaginária (LACAN, 2002, p.238).

O esquema L foi elaborado por Lacan (1954-55) e utilizado para estudar a topologia do espaço da fala. Neste esquema, as relações entre imaginário e simbólico aparecem na forma de dois eixos que se entrecruzam. Lacan figura os quatro lugares que suportam a palavra falada, o sujeito, o eu, o outro e o Outro. Respectivamente, S, a, a' e A. A relação do eu e o outro é atravessada pelo simbólico, neste caso, a palavra traz e atualiza a castração, pois conta com o recalque.

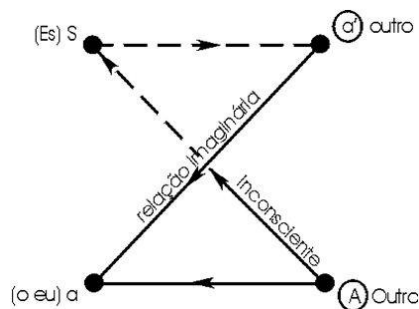


Figura 1: Esquema L
Fonte: Lacan (1998, p 555)

Já na paranoia, o Outro faz irrupção no pequeno outro, ocorrendo uma junção entre o eixo (S-a e o eixo a-A). A partir disso têm-se as vozes, os significantes que retornam de fora do registro Simbólico, o fenômeno da perplexidade, de ser falado pelo Outro; o psicótico fica à mercê deste Outro, a ponto de ser tomado por ele, buscando uma saída com o tratamento delirante de “ou ele ou eu”, ou “o velho ou eu”.

Em *Outros Escritos*, Lacan (1966, p.221) traz que “A paranóia é a identificação do gozo no lugar do Outro”. É um Outro que não faz laço social, mas um que goza que o sujeito não está separado. Segundo Quinet (2006, p. 51), “é uma relação onde não há tu, o tu do pacto da fala que cria o contrato social”. O velho, personagem de Poe, seria o Outro inicialmente do personagem louco, pois este ataca a ele mesmo na sua relação de duplo imaginário que condensa o ideal do eu e o supereu. É uma fala dirigida a ele mesmo e não acompanhada por uma segunda pessoa (tu), como afirma Quinet. Essa dialetização de falar e esperar pela resposta do outro não é possível na paranoia. Ele fala e ele mesmo responde. O psicótico aponta uma impossibilidade de estar nos discursos, de dialetizar suas relações, pois os discursos como laço social são formas de tratamento do Real do gozo pelo Simbólico. Em *O Seminário 20*, Lacan (1972-1973/1985, p.43) coloca o discurso como um liame social, fundado sobre a linguagem, algo que faz laço por se tratar de uma rede articulada de significantes: “um significante como tal não se refere a nada, a não ser que se refira a um discurso, quer dizer, a um modo de funcionamento, a uma utilização da linguagem como liame. (...) um liame entre aqueles que falam”.

O paranoico – o fora-do-discurso – faz um uso estranho da linguagem, faz um uso avesso dos discursos. Segundo Miller (1997, p. 45), no texto *Lacan Elucidado*, “É bem difícil constituir a psicose em laço social, ela não produz laço social (...) a psicose está basicamente fora do discurso”. Ele está fora, denunciando a nossa prisão aos discursos. Talvez seja por isso que nos sentimos tão invocados e questionados pela loucura: na verdade, ela interroga a prisão neurótica. Ainda Miller (2006, p. 53): “Essa marca do fora da foraclusão e do fora-do-

discurso é um traço indomável e impossível de enquadrar, que subverte, pulveriza, o que há, sendo por isso capaz de criar algo do nada, ex-nihilo, ex-discurso, como o real que ex-siste”. Tomamos um sujeito que está fora como um sujeito estrangeiro, estrangeiro ao país da simbolização, do simbólico, de um sujeito que não consegue compartilhar do seu próprio dialeto.

É importante pensar a relação do psicótico com a linguagem e com o discurso, mesmo estando fora-do-discurso. Em uma relação de exterioridade, o paranoico tem contato com os vários discursos que se estabelecem socialmente. Se é possível perceber que o seu discurso é delirante, é justamente porque se interpreta pela possibilidade de eles fazerem parte da linguagem, porém, a sua linguagem tem uma sustentação capenga nos discursos, pois é este que sustenta a fala. A literatura nos demonstra invenções bem-sucedidas de paranoicos que inventaram uma relação particular e de certa forma bem sucedida, como Rousseau.

O paranoico é, portanto, um psicótico privilegiado por conseguir fazer incursões nos laços sociais, mesmo se tratando, às vezes, de excursões. Ele circula por entre os laços sem, no entanto, entrar neles, podendo viver aí de forma mais ou menos estável. Como na fala de um paciente paranoico que se diz refém do mandado de sua mãe: “Você precisa virar gente e trabalhar”. Esse imperativo o perseguiu desde sempre. Em seu trabalho não tirava férias, um trabalhador incansável a ponto de dizer: “Preciso aprender a administrar isso. Ter limite”. Mas, esse limite na psicose é algo precário, algo que, não podendo ser simbolizado, retorna desde o Real, como as fortes dores de cabeça que o fazem parar de trabalhar. Todavia, sua tarefa sem fim não termina: “Fico trabalhando em casa, uma forma de faltar ao trabalho”. Na verdade, mesmo de forma capenga, o paciente consegue, pelo trabalho, circular em uma empresa. Claro que com consequências, pois não consegue relativizar as relações, sente-se perseguido pelos colegas, vigiado. Refere-se “Todos ali querem me prejudicar”. O olhar do Outro tem um peso real. O laço social pode ser uma possibilidade de parceria que o paranoico poderá se inserir, mas para isso é preciso uma invenção particular, uma forma de regular esse gozo mortífero, como o mandado superegoico do grande Outro encarnado pela mãe: “Você precisa virar gente e trabalhar”. Talvez essa hipótese seja mais bem justificada pelo final do ensino de Lacan, quando teoriza sobre outras formas de ordenação da subjetividade que não pelo Nome-do-Pai. Diante da ruína do Outro ou diante do fora-do-discurso é possível inventar um sintoma.

A topologia é a última fase de Lacan, que recorre à formalização topológica por reconhecer a insuficiência do matema em transmitir a clínica. A topologia dos nós surgiu como novo recurso para demonstrar como a clínica psicanalítica opera. Lacan (1972-73)

atribuiu os três registros – Real, Simbólico, Imaginário – como as três rodas do nó, utilizando-se disso para mostrar o Real na clínica. O Real ex-siste, pois encontra no Simbólico e no Imaginário a sua parada, seu limite. O nó borromeu de três aros demonstra bem isso, pois os anéis estão superpostos e, se forem soltos, dois ficam livres, Simbólico e Imaginário, formando um buraco; o do Real fica preso aos outros dois, demonstrando que não é apenas um anel do nó borromeu, mas é efeito da forma como ele se amarra. Posteriormente, Lacan propõe um novo nó, no qual os três aros estão livres uns em relação aos outros, estando apenas sobrepostos, o que vai sustentá-los é um quarto elemento, inventado por cada sujeito, que trará a característica borromeana ao nó. Este quarto elemento é o *sinthome* (LACAN, 1975/76/2007).

A neurose avança sobre o sinthoma, o sujeito passa a fazer algo novo com esse resto sinthomático, este algo que não desaparece, o que resta de inanalizável. A partir desse seminário, o sinthoma vai dar novos significados a clínica da neurose e da psicose. A forma típica do tratamento subjetivo na neurose é pela via do sintoma e já na psicose isso não é possível. Nesse período, Lacan pensa em outra forma que não seja pela metáfora delirante e as suplências. Procura uma nodulação que não é sem sinthoma. Vale, aqui, uma diferenciação entre sintoma e sinthoma. O primeiro é uma formação do inconsciente, articulação significativa e que está a serviço do gozo; já o último diz justamente do saber fazer com o seu sintoma, uma forma de não mais tamponar a falta estrutural do Outro, identificando-se a uma letra de gozo.

O sujeito passa do ter para ser o sintoma, vai além de Freud e do pai que nomeia. A psicose passa do ser para o ter. É o caso do escritor James Joyce, que pela escrita conseguiu ser o sinthoma, ou seja, o quarto elemento que mantém os outros juntos. Joyce é um psicótico sem delírio, já que o sinthoma não pede para ser decifrado, é puro gozo da letra. Joyce parece não crer no inconsciente como saber, justamente por não recorrer à decifração, e é por isso que ele se reduz ao seu próprio nome. O sinthoma não é mais algo que se produz metaforicamente, mas como gozo da linguagem, o significativo não é mortificador do gozo, mas trabalha também para sua produção. O *savoir-faire* (saber fazer) é a resultante, é o que o sujeito pode tirar proveito, mas não é algo passível de análise. Lacan coloca o sintoma como a manifestação do real e não verdadeiramente o real, o qual o sujeito pode se servir. Não é mais, no final de análise, por exemplo, se defrontar com um gozo irreduzível e sim um “sou isso” na sua diferença mais absoluta. Portanto, temos na neurose o Nome-do-Pai como um sinthome e os anéis do Real, Imaginário e Simbólico bem marcados. E na paranoia?

Lacan (1973) dá uma definição de loucura a partir dos três elos de barbante. Quando um é cortado, os outros se desamarram e por isso o paranoico delira. Já em *O Seminário 22, RSI* (1974), vai além, dizendo que a psicose não é simplesmente a desamarração, e sim uma não-nodulação a três. O que poderia amarrar esses três elementos seria um quarto elemento. Outro ponto importante ainda nessa obra é o que Lacan propõe a letra, a diferença do significante. É possível um significante se articular a outro, mas a letra não. Ela não se decifra, não tem sentido. A letra é diferente do signo, ela não tem significado algum e também não tem um outro que a signifique, se alguém a significar ela não será letra, mas signo. É algo do traço, o sintoma passa a ser uma forma de gozar do inconsciente.

No seminário seguinte, *Le Sinthome* (1975-76), faz alusão ao sintoma que até o século XV era chamado de sin-tema, que significa manter junto. O quarto elemento, então, é o que vai unir Simbólico, Imaginário e Real. Lacan elegeu James Joyce como paradigma desta última clínica e aborda neste período o sinthome em Joyce, que realiza um trabalho de decomposição da escrita. A linguagem é decomposta, sem palavra e sem sentido.

Na paranoia não há distinção entre os três registros devido à forclusão do Nome-do-Pai, porém há o Um, o que não ocorre na esquizofrenia. Para Lacan, a paranoia é o nó de trevo em que os três registros estão em continuidade e possuem a mesma consistência.



Figura 02: Nó de trevo.
Fonte: Lacan (1975-76/2007, p. 89)

Como se percebe isso na linguagem? O Um do significante é imaginarizado como ideal, mas também é o Um do Real do gozo; é este Um que possibilita a continuidade dos três registros: Simbólico: o significante que insiste é o significante-mestre fixado ao sujeito e o qual o representa para todos os outros significantes; Imaginário: a consistência do eu promove a idealização que chega a megalomania; Real: existência do gozo traumático, ao qual o sujeito se fixa e surge como gozo do Outro (LACAN, 2006).

O olhar está em todas as manifestações da paranoia, como também está topologicamente no centro do nó borromeano paranoico. Pelo imaginário, o olhar aparece no campo da realidade como o olhar opaco do velho de Poe. O olhar como real é sinal do gozo

do Outro que se interessa por tudo que ocorre com o paranoico, tornando-o importante, como o paranoico de Poe que acredita que seus sentidos são “hiperaguçados”. Existe um empuxo-à-fama. Por fim, o olhar, ao ser simbolizado, surge cheio de significações e repleto de intenções. O paciente se refere: “Os homens me olham para saber quais são os sinais que um viado dá”.

Para Lacan, tendo os recursos da topologia e dos matemas, o Real é o caminho. Ele sempre faz a tentativa de abordar a clínica por um novo olhar. Vemos a peregrinação do termo paranoia em seu ensino. A clínica do Real abre espaço para uma nova dimensão da psicose, podendo discutir porque muitos psicóticos não deliram e acabam tendo êxito na vida social. A suplência do sintoma proporciona isso, apesar de haver um preço a pagar pela forclusão do Nome-do-Pai. Recorremos à vida de Nora, esposa de James Joyce: “sua tragédia foi que nunca Joyce pareceu perceber que a vida familiar deles e o apetite sexual de Nora, que aliás ele admirava, eram sacrificados no altar de sua arte” (MADDOX apud JULIEN, 1999, p. 51). O sujeito tem recursos para construir uma ancoragem para seu gozo, mas é sempre uma forma única para cada um. Em termos de clínica, quando um sujeito entra em surto e, após informações colhidas, sabe-se que foi a primeira vez, não cabe perguntar: “O que aconteceu que o fez surtar?”, mas sim: “O que o fez não enlouquecer antes? Qual foi a sua amarração que o sustentou até hoje?” É preciso perceber em cada caso o estilo de amarração que cada um inventou, pois corresponde à forma que cada sujeito – psicótico ou não – encontrou de fazer suplência.

3 A INVENÇÃO PARANOICA: ENTRE A LALANGUE E A LÍNGUA

3.1 A LINGUAGEM DE FERDINAND DE SAUSSURE E A LALANGUE, UM ENCONTRO INTERMEDIADO PELA PARANOIA

A teoria de Saussure questiona tanto no que diz sobre a origem como também na definição de que língua é essa que fala a psicanálise. São questões que não são para serem respondidas, mas fazer um laço de discussão e diálogo com a psicanálise permite deslizar. A relação especular entre esses dois campos auxilia no reconhecimento do que é verdadeiramente de cada um. É o mecanismo de alienação e separação, um campo se intromete em Outro campo para poder conhecer e se reconhecer no lugar de onde se escolheu falar. Desde Freud, as relações entre linguística e psicanálise estão colocadas, e a linguagem é que intermedia esta relação, como nos artigos sobre a afasia, o relato dos sonhos, os chistes, os atos falhos. Porém, foi mesmo com Lacan, depois do advento da linguística estrutural, que se formalizou essa união. Foi ele que se intrometeu, através dos postulados freudianos e consequentemente de sua leitura inovadora das concepções do inconsciente, relacionando-as com a linguagem, em um campo outro. Utilizou-se das contribuições dos linguistas Roman Jakobson e Ferdinand Saussure para a contribuição do “Inconsciente estruturado como uma linguagem”. Com argumenta em *Radiofonia*: “A Lingüística entrega o material da análise, o aparelho no qual ela opera. Mas, um domínio não se domina senão de sua operação. O Inconsciente pode ser, como disse, a condição da Lingüística. Esta não tem portanto, sobre ele, a menor influência” (LACAN, 1970/2003, p.407).

Para este trabalho dissertativo, é importante entender alguns conceitos da teoria saussuriana, tais como signo, sistema, valor, relações sintagmáticas e associativas e a arbitrariedade da língua, pois são movimentos de língua que denunciam na paranoia uma particularidade. Os textos psicanalíticos sempre mencionam o significante lacaniano como uma ideia importada do signo saussuriano, porém, segundo Flores (2004), por mais que citem o conceito, os textos pouco teorizam. Postam o conceito já desproblematizado, criando um conceito repetitivo envolvido em um invólucro secreto. Acreditamos, pois, na relevância de entender mais sobre os conceitos linguísticos e a discussão destes com a psicanálise lacaniana. “Como dispensar o encontro entre lingüística e psicanálise?” (ARRIVÉ, 1999, p. 23).

É preciso pensar sobre os movimentos de língua saussuriana e, um passo a frente, sobre como a linguagem, a língua e a lalangue transformam o infans. Não se trata aqui de uma

revisão completa dos dois campos, já que temos consciência da vastidão teórica que os compõem. O encontro aqui é da linguagem que passeia em ambos os campos teóricos, atravessados por ela é que vamos atrás de Saussure e de Lacan, é ela que faz este empuxo.

Para entender a relação do sujeito paranoico com o sistema da língua e com a fala, teremos o uso próprio de Lacan de alguns conceitos da linguística, enfatizando a supremacia dada por ele ao significante, como também a experiência pulsional do sujeito paranoico. Como ele interpreta o gozo que lhe é enigmático, ou seja, uma experiência intraduzível pela linguagem, e como fazer diante deste impossível uma invenção. A relação do paranoico com a linguagem transborda a linearidade, provocando estranhamento tanto no sujeito como também naquele que o escuta. Não é a toa que o louco é reduzido a objeto a, rechaçado do laço social, justamente pelo que ele nos revela de mais íntimo em nós mesmos.

Saussure definiu a língua como “(...) um todo por si e um princípio de classificação. Desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação” (SAUSSURE, 2006, p.17). Quando Saussure afirma que a língua é um todo por si, parece afirmar que ela se fecha em si, que não há espaço para o que é exterior a isso, porém, ao continuar afirmando ser também um princípio de classificação, abre uma brecha para o exterior e nega a ideia do todo, pois ao se classificar algo, há uma escolha, e também uma exclusão. Não se sabe ao certo que classificação seria essa, porém, pode-se acolher a ideia de a língua ser as duas coisas. Em *O Seminário 18*, Lacan (1971/2009, p. 14) traz: “Ferdinand de Saussure fazia como eu, não dizia tudo. Prova disso é que se encontram em seus papéis coisas que nunca foram ditas em seus cursos”. São dois teóricos que marcam os seus estudos com a falta, com um não dizer tudo que a linguagem comporta justamente por estar ligada a alguma coisa que no Real marca um vazio, uma falta. Todo sujeito tem inconsciente e todo sujeito tem o seu lugar na língua, porém o inconsciente a céu aberto na psicose e as excursões que o paranoico faz nos discursos apontam um fazer diferente com a língua para além da paranoia inicial de todo sujeito.

Há uma separação na teoria de Saussure entre língua, linguagem e fala:

Para atribuir à língua o primeiro lugar no estudo da linguagem, pode-se, enfim, fazer valer o argumento de que a faculdade – natural ou não – de articular palavras não se exerce senão com ajuda de instrumento criado e fornecido pela coletividade; não é, então, ilusório dizer que é a língua que faz a unidade da linguagem. (Ibidem, p.18).

O estudo da linguagem comporta duas partes, a língua e a fala. Quando se pensa na reprodução dos mesmos signos e conceitos, têm-se a parte social da linguagem, ou seja, a

língua. Já a fala (*parole*) corresponde à sua parte individual. No *Curso de Lingüística Geral* (CLG) (1906) a língua é vista não como uma função do falante, mas um produto que o indivíduo registra passivamente. No entanto, a fala corresponde a um ato individual de vontade e inteligência. Não é esta o alvo de interesse de Saussure. O que o mestre propôs foi o estudo da língua, já que afirmava ser este um objeto homogêneo passível de estudo.

Entretanto, tanto a língua quanto a fala existem em uma relação estreita e mútua, e esta ideia também está nos estudos de Saussure. A fala é inteligível graças à língua e esta depende daquela para se estabelecer. Depende-se do outro para se entrar na vida de uma língua; por outro lado é a fala que permite a evolução desta mesma língua. Segundo Saussure (2006), existe uma interdependência da língua e da fala; sendo aquela ao mesmo tempo o instrumento e o produto desta. Porém, é imprescindível afirmar que se trata de duas coisas distintas.

A língua é um produto social, para o genebrino, diz: “(...) os signos inteiramente arbitrários realizam melhor que os outros o ideal do procedimento semiológico; eis porque a língua, o mais completo e o mais difundido sistema de expressão, é também o mais característico de todos” (SAUSSURE, 2006, p. 82). Pensando no paranoico, este sujeito em que o laço social é frouxo, é que as convenções sociais, a cultura não dão conta de explicar a língua. Os paranoicos falam a mesma linguagem que os neuróticos, a diferença é a relação do seu discurso com o ordenamento comum do discurso; nem sempre um delírio é compartilhado socialmente. Não se trata de compreender, do entendimento. Lacan (55-1956/2002, p.31) dá a dica: “O sujeito quis dizer isso. O que vocês sabem a respeito? O que há de certo é que ele não o disse”. E relata que há um núcleo totalmente compreensível, porém: “Não tem estritamente interesse algum que ele o seja. O que é, absolutamente surpreendente é que isso é inacessível, inerte, estagnante em relação a qualquer dialética”.

A linguística fica do lado da compreensão dos sentidos produzidos através da fala-língua, todavia, aparecem também questões que se apresentam como inacessíveis. Saussure afirma que a língua é uma faculdade natural do homem, ou então “o signo, que é social por natureza” (ibidem, p. 25). Parece que o próprio Saussure não consegue achar uma saída para essa questão sem saída, pois como ser natural, mas ao mesmo tempo social? No CLG esta discussão aparece limitada, mas percebemos um ponto de impossibilidade. Em 1897, Saussure já criticava a ingenuidade de se querer responder a questão da língua por um único ponto.

Seria ingenuidade querer edificar uma fonologia sobre a suposição de que o fato fisiológico é a causa da qual as figuras acústicas são o efeito; porque, se isso é verdade fisicamente, é claro, também em certo sentido, que são as figuras acústicas, a serem produzidas, a causa permanente de todos os movimentos fisiológicos executados. Não se deve lutar contra a primeira verdade e tampouco contra a

segunda; elas têm a mesma força e desafiam qualquer tentativa de descartar uma delas. Só resta reconhecer a sua solidariedade e ver que essa solidariedade é a própria base do fato FONATÓRIO, aquilo que permite distingui-lo, seja do fato fisiológico seja do fato acústico. Nós reconhecemos assim que o fato fonatório não começa nem na ordem acústica e nem na ordem fisiológica, mas representa, na sua natureza mais essencial, um equilíbrio entre as duas, constituindo uma ordem própria, que pede suas próprias leis e suas próprias unidades (SAUSSURE, 2004, p. 212-213).

O signo é social, e essa máxima está para todos, neuróticos e psicóticos, mas a paranoia fica à deriva dessa linguagem construída e compartilhada pela coletividade. A fala, enquanto parte individual da linguagem, também traz traços na paranoia, é marcada por um laço frouxo. A fala de pertencimento do paranoico é uma fala de lalangue, uma língua real. Lalangue é de outro mundo? Não, quando pensamos que a linguagem é elucubração de lalangue. Há um elo entre as duas, porém, o paranoico não pode contar muito com os mecanismos simbólicos que sustentam os semblantes.

O paranoico, na sua experiência singular e incomunicável, pode adentrar no laço social, que é a experiência do coletivo, da comunicação, da língua de todos, para isso discutiremos os conceitos saussurianos sobre o significante para logo em seguida discutir sobre a lalangue, a língua particular, conforme será visto adiante. A psicose fica do lado de uma língua própria, estrangeira ao coletivo. A questão é como ele interpreta o gozo enigmático, ou seja, a experiência de gozo que não consegue ser traduzida pelos significantes do Outro, um gozo além da lógica fálica e não é da ordem de um saber. Como o paranoico cria a sua invenção para lidar com esse real impenetrável. Para pensar na língua é preciso pensar no real em Lacan, “(...) que a linguagem está ligada a alguma coisa que no real faz furo -, não é simplesmente difícil, mas impossível considerar seu manejo” (LACAN, 1975-76/2007, p. 31); e continua “(...) Aliás a linguagem come o real” (Ibidem).

Em Saussure, a relação entre significante e significado representa um laço biunívoco, o signo.

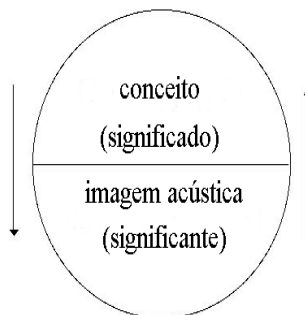


Figura 3: Esquema do signo
Fonte: Adaptado de Saussure (2006)

A figura mostra: “Esses dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro” (SAUSSURE, 2006, p.96). Lacan, do seu lugar de teórico de uma teoria do inconsciente, modifica isto e designa *s* para significado e *S* para significante. Elimina o círculo e as flechas, e o que para Saussure seria uma relação íntima entre os termos, para Lacan resta só traço que interpreta como uma barra resistente a significação. O algoritmo se funda assim: *S/s*, que se lê: “‘significante sobre significado’, correspondendo o ‘sobre’ à barra que separa as duas etapas” (LACAN, 1998, p. 500).

Saussure teoriza sobre a interdependência dos termos, significante e significado. O signo, segundo ele, é a união necessária entre significado e significante. Para Lacan esta união precisou ser desfeita justamente para que houvesse a possibilidade do deslizamento e a significação ficasse como *a posteriori*. Na ilustração que Lacan fornece nos *Escritos*, o algoritmo *s/S* também pode ser grafado desta forma: *f(S) 1/s*. No texto *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (1957/1998), Lacan aborda a diferença que é dada pelo significante e fornece um exemplo.

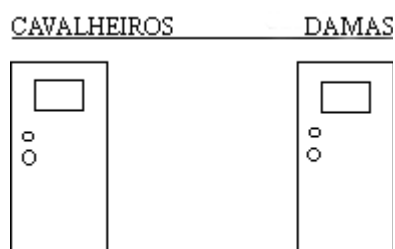


Figura 4: Duas portas que simbolizam o banheiro
Fonte: Adaptado de Lacan (1988, p. 502)

O exemplo que faz par com a figura é de um menino e uma menina, irmãos, que estão sentados em um trem, um de frente para o outro. Ao chegar à estação, o menino diz: “Olha! Chegamos a Mulheres!”; ‘Imbecil!’ Responde a irmã, não está vendo que estamos em Homens?” (LACAN, 1988, p. 503). A conclusão de Lacan é que existe uma antecipação do significante ao sentido. O seu valor é dado pela negatividade: “Ora, a estrutura significante está, como se diz comumente da linguagem, em ele ser articulado” (LACAN, 1988, p. 504). Cada significante vai remeter a outros numa cadeia fechada, sem dar lugar necessariamente ao significado. É como se ele não tivesse relação com o significado, algo de uma relação despretenhosa. Como na poesia de Leminski (2002, p.90):

de ouvido

di vi

di do

entre

o

ver

&

o

vidro

du vi do

A poesia de Leminski é uma demonstração de como o significante comanda o deslizamento das palavras. A sensação ao ler ininterruptamente é a da musicalidade que vem, e isso basta. A significação se dá *a posteriori*, na articulação significante. Ela vai além dos dicionários. Em uma análise, por exemplo, a significação que importa é a do sujeito com todos os seus mal entendidos. Na própria significação, o que se encontra é outro significante, e assim vai. O inconsciente é então constituído desta forma, pelo desfiladeiro de significantes que deslizam sem cansar e não se prendem a nenhum significado. Lacan, a partir da condensação e do deslocamento, propõe as duas formas de articulação significante-metáfora e metonímia, em *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (1957/1998).

Até os leitores menos assíduos notam o uso que Lacan faz das metáforas no seu ensino. Neste mesmo trabalho dissertativo já foram citadas muitas delas, como a metáfora paterna, o estádio do espelho ou metáfora do espelho, a própria metáfora e a metonímia como formações do inconsciente, além do uso corriqueiro de conceitos da linguística, da lógica, da matemática e da topologia. Discutiremos, então, a metáfora e a metonímia como os dois grandes mecanismos de linguagem e como elas aparecem na linguagem do sujeito paranoico.

Lacan, a partir da *traumdeutung*, afirma que Freud abriu caminho para as formalizações linguísticas. A *entstellung*, traduzida por transposição, foi o que Lacan correspondeu, tendo o recurso da linguística, ao deslizamento do significado sob o significante. A *verdichtung*, condensação, é “a estrutura de superposição dos significantes em que ganha campo a metáfora, e cujo nome, por condensar em si mesmo a *Dichtung*, indica a conaturalidade desse mecanismo com a poesia, a ponto de envolver a função propriamente tradicional desta” (LACAN, 1988, p. 515). Logo em seguida, “A *verschiebung* ou deslocamento é, mais próxima do termo alemão, o transporte da significação que a metonímia

demonstra e que, desde seu aparecimento em Freud, é apresentado como o meio mais adequado do inconsciente para despistar a censura” (Ibidem).

O que Freud chama de condensação é a substituição de um significante por outro, ou seja, é da ordem da poesia, da metáfora. Há um efeito poético. Um trecho de conto de Manoel de Barros (apud QUINET, 2006, p.44): “o doutor saiu da mesa com o seu andar de vespa magoadá”. Aí há metáfora, porém, trata-se de uma substituição que só Manoel de Barros poderia dizer exatamente, pois a poesia tem disto, deixar em suspenso, *non sense* o significado, gerando interpretações. Lacan construiu o algoritmo da metáfora:

$$f(S'/S) S \equiv S (+) s$$

O (+) demonstra a transposição da barra, o advento da significação. O sinal $\equiv$ indica congruência. A falta de um significado exato possibilita que esta articulação significante continue. Já em *O Seminário III*, Lacan desenvolve a fórmula da substituição, havendo dois significantes S e S' se relacionando.

$$S/S'. S'/x \rightarrow S (1/s)$$

x é a significação desconhecida e s o significado induzido pela metáfora. Esta consiste na substituição de S por S'. A elisão de S' é representada por uma rasura, e é no momento de ultrapassar a barra na metáfora que o sujeito aparece. Uma analogia a esta substituição é a metáfora paterna que Lacan também fala nessa obra.

$$\text{Nome-do-Pai/Desejo da mãe. Desejo da mãe}/x \rightarrow \text{Nome-do-Pai (A/falo)}.$$

O sujeito é confrontado com a incógnita da mãe, em ser o falo dela. A metáfora paterna é a operação pelo qual um nome vem substituir essa primeira simbolização e separar, barrar o desejo desta mãe com a criança e o falo. O significante fálico está no Outro. A lei metafórica é uma lei da própria linguagem. O pai não é só o pai simbólico, mas sim metáfora, cuja função é substituir o primeiro significante, o materno, introduzido na simbolização. A metáfora paterna é uma invenção de sentido que surge como resposta ao enigma da presença-ausência do Outro, que na paranoia ela é foracluída, é impotente.

A ausência da significação fálica cria no discurso paranoico consequências avassaladoras, que fica à mercê de uma enxurrada de significações. O sujeito não suporta o

não sentido, o fato de o significante não dizer tudo, seu equívoco, e passa a responder através dos fenômenos de linguagem que constituem o texto delirante. O paranoico coloca uma palavra na boca do Outro como verdade absoluta, não há enigma, como dirá Manoel de Barros (apud MÜLLER, 2003) “as palavras querem me ser”. O psicótico fica numa atitude de perplexidade anterior a conseguir restituir uma ordem, quando possível, o tratamento delirante.

O momento da perplexidade não faz o sentido aparecer satisfatoriamente. É o momento de espera de sentido enigmático que não preenche a satisfação. Não há metáfora e a metonímia é fixada em um sentido único, à medida que não desliza, pelo contrário, fixa e imobiliza, ou seja, os movimentos de linguagem não estão ligados a uma ordenação simbólica específica. A decifração dos sinais, a autorreferência está ligada a algo de real que retorna ao sujeito, o pensamento é exterior ao sujeito. Pode acontecer de surgir um único significante que fixa o sujeito, no momento da perplexidade, como a “mulher de Deus” em Schreber, mas sem que apareça o sentido completo. Miller (1995/2005) aponta que o fenômeno elementar apresenta como uma metonímia imóvel, por conta do estado difuso, e como metáfora impotente, uma fixação absoluta. Mesmo com essas marcas no movimento de linguagem é possível ao paranoico criar, inventar um delírio como possibilidade de subjetivação.

Lacan formula o delírio como um discurso articulado. Este como fenômeno psicótico é uma significação que surge do Real, fora do sentido, daí o psicótico ficar numa condição de estranheza e perplexidade. A perplexidade de Schreber frente ao pensamento “como seria bom ser uma mulher numa cópula”, ao ser nomeada possibilita uma ordenação delirante de “ser a mulher de Deus”. É o recurso da metáfora delirante como estabilização (LACAN, 1955-56/1988).

A segunda lei do inconsciente é a metonímia. É a articulação de um significante por outro e ocorre no deslizamento da cadeia. Quando Chico Buarque (1978) canta “devolva o Neruda que você me tomou e nunca leu”, percebe-se a possibilidade dada pela metonímia de empregar um termo no lugar de outro, no caso citado, articular o autor pela obra. Como mostra o algoritmo de Lacan:

$$f(S...S') S \equiv S (-) s$$

A metonímia coloca valor na articulação significante com significante. A significação fica noutro lugar, do outro lado da barra que fica aí representada com esse (-). A moça do desejo é a metonímia. Ela é a articulação que move o desejo. É a metonímia da falta, da

primeira ausência da mãe. O envio da significação sempre a um outro significante vai definir o desejo sempre como faltoso, pois este significante enviará a outro e assim por diante. Por isso que existe um x, um enigma que seria a significação do sujeito. Na neurose esta significação vai sempre escapar.

A metáfora delirante promove a substituição nos efeitos de sentido e a metonímia tem a função de deslizar o gozo que aparece como avassalador. Um significante representa o sujeito para outro significante na neurose, isto é, o sujeito fica pulado desta articulação significante, surge como enigma. A própria definição de sujeito é a base para a formação dos discursos. A fórmula é somada com o objeto a no lugar da produção.

$$\frac{S_1 \rightarrow S_2}{\$ // a}$$

Figura 5: Discurso do Mestre
Fonte: Lacan (1969-70/1992, p. 27)

O discurso do mestre corresponde à estrutura do inconsciente (LACAN, 1969/70/1992). Uma armadura significante mínima para o sujeito, o sujeito que habita a linguagem e que está dentro do discurso definido como laço social. O psicótico está fora do discurso, ele faz excursões. Na mesma obra Lacan aponta a holófrase de S1 e S2 como a cadeia significante na psicose, quando o primeiro par de significante se solidifica, desaparecendo o intervalo que aparece o sujeito. Nela a cadeia significante aparece como uma enxurrada de palavras, quase que em um único vocábulo. Nesta cadeia há o S1, o S2 e há também o sujeito, mas sem o recalque originário o par primeiro cola e o sujeito fica à mercê do objeto a que não cai, por conta da ausência do recalque. O Outro se presentifica. Com o recurso da metáfora delirante na paranoia é possível perceber uma produção de sujeito, uma separação capenga. Há diferenças pontuais, além das já aqui citadas entre paranoia e esquizofrenia.

No caso da esquizofrenia emerge o que Lacan chama de enxame significante, todavia, com uma diferença da paranoia, pois na esquizofrenia eles se encontram irremediavelmente dispersos, como uma pluralização do significante mestre. Na holófrase da esquizofrenia não há uma metaforização, há um estanque, qualquer palavra pode ser tomada por qualquer palavra. No lugar de o significante apreender o objeto, ele é apreendido sem passar pela metonímia.

Na paranoia há o significante Um, S1 que, sozinho, não significa nada, mas aparece o S2 que pode significar o S1. Há, portanto, um significante a interpretar, pois o delírio é equivalente ao S2. Quer dizer que o sentido ocorre a partir do delírio, sendo este uma produção de saber. Segundo Miller (1995/2005, p.20), Lacan argumenta que o delírio de Schreber existem falas plenas de sentido e há fórmulas vazias e repetitivas: “Creio que ordena muito bem a metáfora e a metonímia. A fala que condensa todo o sentido é de estrutura metafórica, indica a emergência do sentido sob a forma de uma intuição que preenche o sujeito; e a fórmula reiterativa e vazia permanece mais do lado da metonímia”.

O paranoico, frente à perplexidade ocasionada por sua relação com a linguagem, tenta através da metáfora delirante dar um contorno imaginário, como uma forma de burlar as leis simbólicas através de fenômenos de linguagem e da certeza delirante; já o esquizofrênico, na impossibilidade de criar um texto, fica à deriva como uma caixa de ressonância languageira, como percebemos na fala de Bispo do Rosário:

ESPINHA DORSAL ESTATURA MEDIANA DESSE ESQUEMA – TEM O CARATÊ – BUSTO – FISCO – CORPO – ALMA – E CIRCULATORIO DO SER HUMANO CABELOS PENDÕES E SEGURANÇA – 7 – SETE OUVIDOS ORELHAS TRAQUÉIA PELE FACE QUEIXO DENTES... (Hidalgo, 1996, p. 151).

É possível perceber o texto do sujeito paranoico como organizado sintagmaticamente, possui um início, um meio e um fim; a diferença é que a ideia central é delirante, faz uso da autorreferência, das metáforas escópicas, como no texto de Poe. É um texto que se lê, a metáfora delirante, por mais capenga que seja, consegue dar um sentido, uma finalização, consegue dar corpo ao texto. Já na esquizofrenia, tomando por base o texto de Bispo, há um texto verborrágico, sem início, meio ou fim, dá a ideia que é interminável, que o eixo sintagmático é fragilizado pelo associativo por não conseguir contê-lo, pela ausência da metáfora, ou do Nome-do-Pai ou da delirante.

Eis as propriedades do significante e de como elas se apresentam na paranoia. Primeiro, o significante não pode significar a si mesmo, outro significante é que garante a sua significação. Há, então, oposição significante. Esta é percebida até nas palavras iguais, como no verso de Caetano Veloso (1978): “Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto”. O mau gosto que se repete é o mesmo? Na nossa interpretação, não! A oposição significante aí se faz. O segundo mau gosto ajuda a significar o primeiro e os dois ao terceiro. A mesma coisa acontece com o *fort-da*. Em *Para além do princípio do prazer* (1920) Freud traz algo da repetição ao observar a brincadeira de seu neto que ficou conhecido como jogo do

fort-da. A criança joga para fora do berço um carretel amarrado no barbante ao som de “ooo”, que Freud traduz como *fort* (longe), e logo em seguida puxa para si o carretel de volta, gritando “aaa”: *da* (perto). Para Freud, a criança está representando a separação e a aproximação da mãe. É uma repetição do evento traumático. É algo da pulsão que faz com que ele tenha uma experiência ativa em razão da experiência diária de ser deixado pela mãe. A articulação do O e o A é uma articulação significante. Para o Simbólico se constituir é preciso que haja par de oposição significante. Retornando a *O Seminário 11*, Lacan diz que essa articulação O e A é a resposta do sujeito ao furo deixado pela mãe. Miller diz que esse texto aponta lições além dos dez seminários anteriores, pois esta repetição com o objeto perdido – mãe – é além do registro Simbólico, ou seja, existe repetição simbólica e laço com a perda de objeto. Através da repetição se observa que o significante anula o objeto, o significante mata a coisa. Não obstante, o que seria satisfação passa a ser repetição significante, pois disto sobra um resto que o significante não dá conta, e por isso repete.

Portanto, a metonímia desliza o desejo, mas desliza algo para além, o objeto que causa e que repete, o objeto a: “Até o Seminário 11, poderia parecer que a repetição seria pura e simplesmente rasura do objeto e que tudo que fosse de ordem do natural, dado no começo, real, passaria ao Simbólico sem deixar resto” (MILLER, 2005, p.167). Na paranoia, o significante não mata a coisa, ele é o encontro com o objeto; a oposição significante aparece no texto delirante, mas o efeito que tem para o sujeito paranoico não é de oposição, é de um sentido fixo.

A segunda propriedade significante é a sua composição de uma ordem fechada. Lacan (1988, p. 505) afirma a necessidade da expressão cadeia significante, que fornece uma aproximação:

anéis cujo colar se fecha no anel de um outro colar feito de anéis (...) são essas as condições estruturais que determinam – como gramática – a ordem das invasões constitutivas do significante, até a unidade imediatamente superior na frase, e - como léxico – a ordem dos englobamentos constitutivos do significante, até a locução verbal.

Um significante de cada cadeia faz também parte de outra cadeia significante, ligando-se a outros significantes. O primeiro mau gosto se liga ao segundo da música citada, mas não se determina de que cadeia ele faz parte, e sim que ele desliza sobre outras e a essas outras ele também pertence. O significante sobredetermina as formações do inconsciente. Um significante que representa o sujeito pode aparecer nos sonhos, em um ato falho, claro que sempre colocando na fala o acontecimento, pois só assim o sujeito garante a sua articulação.

O sentido insiste, mas ele não consiste em um momento determinado. Ele se dá deslizando sobre o significante, ou seja, o significado desliza sob o significante. Outra pontuação importante que Lacan faz é sobre a linearidade, a qual Saussure coloca como constitutiva da cadeia do discurso, ou seja, significantes na horizontal, um atrás do outro, não podendo se dizer dois ao mesmo tempo. O tempo é um fator importante. Contudo, Lacan defende que não só a linearidade é importante, mas que além deste caráter horizontal, a verticalidade é fundamental, pois é ela que substitui ou desliza um significante por outro, ou melhor, um significante fazendo rastro para outro. Isso garante o que é do sujeito. Ele fala uma língua de todos, mas coloca aí uma coisa particular, pois as substituições e condensações lhes são próprias e garantem o seu lugar na busca da verdade.

O fato de um significante pertencer a mais de uma cadeia lhe confere outra propriedade, a equivocidade. Esta propriedade diz respeito à ambiguidade semântica. Seriam as várias significações que o termo *bocó* tem no dicionário, como também na palavra “mau gosto” nos versos de Caetano. A equivocidade está ligada à oposição significante de um significante estar atrelado a outro de uma outra cadeia. Portanto, na estrutura, a equivocidade vai depender da posição significante e também da sua articulação com outros significantes. Lacan, ao traduzir o termo alemão de inconsciente (*Umbewusst*) para o francês *une bévue* (equivocação), garante a divisão do sujeito e a impossibilidade da existência de um único significante que lhe represente. No delírio paranoico, por exemplo, o sujeito é compelido pelo significante que o invade e que o comanda a fazer algo, um significante petrificado, sem possibilidade de ser conduzido a outra cadeia significante, as vozes imperativas demonstram bem essa ordenação.

O significante tem a propriedade de antecipar o sentido, desdobra-o. Lacan (1988, p. 505) dá este exemplo: “É o que se vê, no nível da frase, quando ela é interrompida antes do termo significativo: Eu nunca..., A verdade é que..., Talvez, também... nem por isso ela deixa de fazer sentido, e um sentido ainda mais opressivo na medida em que se basta ao se fazer esperar”. Em um diálogo comum, o simples “mas” vindo do outro no final de uma frase e dentro de um contexto pode trazer uma significação tremenda sem precisar de nada mais, principalmente na paranoia, onde o sentido é pleno e faz referência ao sujeito. É interessante, porque ao mesmo tempo isso é a prova de que um significante não significa nada e que ao mesmo tempo ele significa o sentido pleno da paranoia, o sentido único.

Na neurose, o sentido vem do sujeito e é por isso que as crianças fazem tantos equívocos que arrancam gargalhadas. Como uma criança que diz: “Você é uma lindoninha”, ela parece juntar linda com minha, ou linda com bonitinha, não se sabe, mas o neologismo

garante a espirituosidade significativa. O inconsciente está mais aberto, não há tantos recalques, daí a característica das crianças terem mais facilidade para isto. Um percurso de análise fomenta a ideia de que um significante nada significa e que pode vir a significar outra coisa. Como um analisando que repete em vários momentos a palavra “mentira” e depois diz “me tira” e isto já leva o sujeito a dar outro sentido à angústia produzida com a mentira que vinha do outro.

A metáfora e a metonímia são movimentos de linguagem possivelmente perceptíveis na fala, porém, um ponto importante de frisar é o que é linguagem e fala para Lacan. Contraponto com Saussure: para ele, a linguagem comporta duas partes, a língua e a fala. Quando se pensa na reprodução dos mesmos signos e conceitos, têm-se a parte social da linguagem, ou seja, a língua. Já a fala (*parole*) corresponde à sua parte individual. No seu *Curso de Linguística Geral*, Saussure estuda a ideia de que a língua não constitui uma função do falante, e sim um produto que o indivíduo registra passivamente. No entanto, a fala corresponde a um ato individual de vontade e inteligência, apesar de não ser o alvo de interesse do autor. Sua proposta foi o estudo da língua, já que afirmava ser este um objeto homogêneo passível de estudo. Já na psicanálise lacaniana, em termos de linguagem, corresponde à articulação significativa com as leis, metáfora e metonímia. Já a fala é a mensagem do sujeito e o reconhecimento pelo Outro que garante este pacto da verdade do sujeito.

O Outro da fala é o lugar da falta e da verdade do sujeito. Que a fala se apresente como o Outro do sujeito se deve (além do fato de o inconsciente se manifestar em significantes) a essa particularidade de o sujeito se ouvir quando ele mesmo fala e ao se ouvir se dividir, pois, por vezes, fala coisas que não queria, que não sabia (que sabia) e que o surpreendem como se fosse a fala de outrem” (QUINET, 2003, p.44).

O sujeito paranoico tem a sua fala, a parte particular, como também está na língua, parte social. Pois os paranoicos reproduzem conceitos existentes, sua fala é reconhecível muitas vezes pelo social. É um sujeito que fala a língua de todos, mas existem particularidades nos seus movimentos de línguas. O recurso da linguística saussuriana ajuda a psicanálise a perceber a particularidade do discurso paranoico, seu delírio; este revela a quebra do sujeito com a organização de linguagem que possuía anteriormente. O delírio rompe com a atribuição de sentido costumeira e requer uma nova produção de saber, que passa a exigir a convicção de todos os acontecimentos cotidianos que o cercam. O Deus de Schreber, por exemplo, era aquele que o perseguia, mas também aquele que o queria para a procriação, que exigia dele que não parasse de pensar, caso contrário seria tomado pela

idiotia. Ao sentir a interferência de Deus, fazia-o pensar ininterruptamente (FREUD, 1911/1996). Sua fala, seu delírio o coloca sempre como autorreferência, é o centro do interesse do outro, um sentido fixo, uma metonímia imóvel que não desliza para outro sentido.

3.2 O DESLIZAMENTO DO SIGNIFICANTE NO SUJEITO PARANOICO: COMO FICAM OS MOVIMENTOS DE LÍNGUA NA PARANOIA?

Na teoria lacaniana, há uma prevalência do significante na cadeia. É clara a hierarquia que o significante lacaniano exerce sobre o significado. Ele desconsiderou o círculo e as flechas que circundam o signo saussuriano e que diz respeito à relação de dependência do significante e do significado no interior do signo linguístico. Pensando assim, parece que o signo saussuriano seria capenga em Lacan, principalmente na fala do paranoico. A união entre os elementos ocorre, a qual ele denominou ponto de estofo, mas parece ser mais capenga quando comparada à indissociabilidade de Saussure. A fala de um paranoico em surto pode ser verborrágica, sem possibilidade de significação, um deslizamento significante quase sem fim. Ou o que Lacan fala de Schreber e sua escrita:

Nós poderíamos resumir a posição em que estamos em relação ao seu discurso quando tomamos conhecimento disso, dizendo que, se ele (Schreber) é com toda a certeza um escritor, não é um poeta. Schreber não nos introduz numa dimensão nova da experiência. Há poesia toda vez que um escrito nos introduz num mundo diferente do nosso, e, ao nos dar a presença de um ser, de uma certa relação fundamental, faz com que ela se torne também nossa (LACAN, 1988, p. 94).

Isso leva a crer que a significação é compartilhada, é sociável, dialoga com o outro e conduz a novas significações. No caso de Schreber, há uma significação que remete ao sentido único e central do seu delírio, “Ser a mulher de Deus”, porém, é uma significação capenga e que não vem dele, do sujeito. O saber vem de fora, deixando-o à margem, sem possibilidade de pertencer a esse dizer, permanecendo estrangeiro a este. Logo adiante, no mesmo capítulo, Lacan (idem, p.95) continua: “Em compensação, tudo o que ele faz existir nessas significações é de alguma maneira vazio dele próprio”. Uma linguagem em que o sujeito está excluído.

Para Saussure, o deslizamento significante apenas não seria possível: “A entidade Lingüística só existe pela associação do significante e do significado; se retiver apenas um

desses elementos, ela se desvanece; em lugar de um objeto concreto, tem-se uma pura abstração” (SAUSSURE, 1916/2006, p. 119).

O signo tem caráter imutável, pensando a língua como uma herança, que não se pode modificar repentinamente:

(...) os indivíduos em larga medida, não têm consciência das leis da língua; e se não as percebem, como poderiam modificá-las? Ainda que delas tivessem consciência, é preciso lembrar que os fatos lingüísticos não provocam a crítica, no sentido de que cada povo geralmente está satisfeito com a língua que recebeu. (SAUSSURE, 1916/1995, p 86-87).

Aqui cabe mais uma dicotomia da teoria saussuriana, pois outro caráter do signo é a mutabilidade, que corresponde à relação do signo com o tempo, pois para a existência da língua sobre o efeito do tempo é necessário a alteração da mesma. Ocorre que a relação do significante com o significado muda. Como o exemplo anterior do verbo *ficar*, que passou de estar em algum lugar para também, um namoro rápido, sem compromisso. O uso coletivo da língua, através da mutabilidade, cria novos significantes. Hoje o verbo *tuitar* referente à rede social Twitter é um exemplo. O avanço das mídias virtuais faz com que um verbo até então inexistente seja comunicável por grande parte da população, passa a fazer parte do uso coletivo. Os paranoicos têm possibilidade de usar de forma coletiva os signos, porém, em seu delírio, o uso dos signos fica mais preso do lado da particularidade do que da coletividade, é uma fala que usa mais da mutabilidade. É possível considerar este caráter da língua como isolado do social, pois não corresponde a fala particular, mas sim o sistema de língua, a coletividade. O paranoico não demanda que os novos significantes inventados sejam compartilhados socialmente. Freud nomeou as invenções significantes de Schreber de schreberismo: “eram os famosos schreberismo, neologismo fantástico – ‘ser miraculado’, imaginosos evocativos e extremamente citáveis” (GAY, 1989, p. 262).

Saussure diz que os signos de uma língua estão dispostos a partir da convenção estabelecida pelo meio social. Sobre esse ponto: “Com efeito, todo meio de expressão aceito numa sociedade repousa em princípio num hábito coletivo ou, o que vem a dar na mesma, na convenção” (SAUSSURE, 2006, p. 82). Continua: “Pode-se, pois dizer que os signos inteiramente arbitrários realizam melhor que os outros o ideal do procedimento semiológico; eis porque a língua, o mais completo e o mais difundido sistema de expressão, é também o mais característico de todos” (Ibidem, p.82). Como entender a língua como uma convenção social, mas ao mesmo tempo entender que são os signos arbitrários que realizam o ideal do procedimento semiológico? Cabe aqui nova analogia com Freud, que em seu percurso de

invenção e conceitualização da psicanálise, *a priori*, pretendia comprová-la cientificamente, debateu-se muitas vezes com avanços e recuos, escrevendo casos em que não obteve sucesso e desistindo da ideia cientificista. Talvez seja um pouco isso, um Saussure que na busca por um objeto linguístico pautado na ciência positivista recai nas impossibilidades e indagações. A psicanálise lacaniana a isso responde muito bem, teorizando sobre o que não era da possibilidade simbólica – disso ele respondeu com o Real.

O que dizer do paranoico que tem um elo frágil com as convenções sociais? Lacan (1988, p. 94) interroga:

Que vamos, pois, dizer afinal de contas sobre o delirante? Estará ele só? Não é tampouco o sentimento que temos, pois que ele é habitado certamente por todas as espécies de existências improváveis, mas cujo caráter significativo é certo, é um dado primeiro, e cuja articulação se torna cada vez mais elaborada à medida que avança o delírio. Ele é violado, manipulado, transformado, falado de todas as maneiras, é, eu diria tagarelado.

Talvez, sua língua seja arbitrária e da convenção social, não que ele não possa fazer um laço social com a língua de todos, mas um laço frouxo. A arbitrariedade em Saussure diz de uma ligação que não apresenta laços naturais de afinidades. Qualquer sequência de sons pode se associar a qualquer ideia ou conceito, não havendo nenhum impedimento nessa relação. O genebrino afirma que não se trata de uma livre escolha do sujeito falante, pois este não tem esse poder ilimitado. Ele vai responder à comunidade linguística da qual faz parte. Este conceito embasa todo o pensamento de Saussure, pois responde à causa motivadora da origem dos signos como também ao sistema linguístico: “um contrato teria sido estabelecido entre os conceitos e as imagens acústicas – esse ato podemos imaginá-lo, mas jamais foi ele comprovado. A ideia de que as coisas poderiam ter ocorrido assim nos é sugerida por nosso sentimento bastante vivo do arbitrário do signo” (SAUSSURE, 1916/2006, p. 86).

A arbitrariedade ajuda a compreender a causa da união significante e significado como algo que não pode ser previsto. Ela fundamenta toda a estrutura da língua. Mesmo que o uso desta seja individual, não é suficiente para ocasionar uma mudança no sistema linguístico: “(...) a arbitrariedade do signo nos faz compreender melhor por que o fato social pode, por si só criar um sistema linguístico. A coletividade é necessária para estabelecer valores cuja única razão de ser está no uso e no consenso geral: o indivíduo, por si só, é incapaz de fixar um que seja” (SAUSSURE, 1916/1995, p. 132).

Não há possibilidade de saber se primeiro surge o significante e depois o conceito, ou o contrário. Tanto significantes quanto significados correspondem a duas massas amorfas e

imotivadas e, a partir do corte, forma-se o signo. Não se sabe em que momento acontece isso, ou como se dá isso, ou o que é que promove esse corte.

A ideia vigente na época era entender a língua como nomenclatura, em que nomes são associados a coisas. A arbitrariedade vem contrapor esse argumento, pois para Saussure o signo linguístico não é unir uma coisa a uma palavra e sim um conceito a uma imagem acústica, os dois de natureza psíquica. Não é o som, mas a representação psíquica dele. Há um além da nomenclatura, afirma Milner (1987, p. 13): “a substância da língua revelando, enfim, o que ela é: o não-idêntico a si. (...) Há uma demanda que a língua não seja equívoca”. Talvez, para se garantir enquanto ciência, Milner acredita que o linguista deve se submeter ao seu desejo, só assim a língua deixará de ser uma máscara arbitrariamente construída, podendo de outra forma tocar o real.

A arbitrariedade é a responsável pela transmissão da língua. Não se estabelece uma ordem, não cabe sua inscrição nos moldes positivistas da época. É a justificativa para além do natural, biológico ou social da união entre o significante e o significado. Como defende Saussure (2006, p. 83): “Justamente porque o signo é arbitrário, não conhece outra lei senão a da tradição, e é por basear-se na tradição que pode ser arbitrário”.

A arbitrariedade da língua é um passo à frente no que diz respeito à língua como uma convenção social. A paranoia é um bom exemplo para justificar a arbitrariedade da língua, pois denuncia claramente que não há nenhuma explicação para a junção do significante ao significado, ou seja, não há nenhuma norma social que explique porque cadeira, objeto que serve de assento, tem como significante *cadeira*. O paranoico, muitas vezes, faz outra junção, que é possível observar em seu discurso. Ele denuncia a fragilidade dos discursos. Uma paciente, após parir, entra em surto, precisando ser internada. Sua irmã, ao visitá-la no hospital psiquiátrico, diz: “Seu filho tá tão gordinho, tão gostosinho”. E a paciente, em seguida, vai até o médico pedir sua alta e lhe diz: “Não vejo a hora de chegar em casa, passar uma manteguinha no menino e assá-lo”. O significante *gostosinho* parece lhe remeter ao sabor, à comida, e ela não compartilha com a língua de todos, onde o significado pode ser fofo ou lindo. A arbitrariedade é notória aqui e, neste caso, foraclui-se do filtro social, ou seja, o significante significa aquele da sua própria junção, que pode ou não compartilhar coincidentemente com o social, pois gostoso também tem a ver com o paladar, porém, a interpretação paranoica abole a diferença que o significante comporta, pois o significante se congela em um sentido único, não é relativizado por sua diferença, de poder significar outra coisa.

O paranoico vai dar o seu sentido único e não necessariamente o social vai poder justificar essa lógica. É até possível, já que os paranoicos muitas vezes passam despercebidos, mas o que o faz afirmar a união do significante com o significado posto é arbitrária ao quadrado, por assim dizer. A linguagem do paranoico demonstra uma arbitrariedade absoluta, perdendo o caráter de uma arbitrariedade sistêmica, própria das relações que se estabelecem entre si. Não se trata também da livre escolha deste sujeito, pois, se se tratam de sujeitos assujeitados, invadidos por um Outro avassalador, como falar em escolha? Não é possível responder isso pela linguagem, e só sendo pelo seu aspecto de não-toda, comportando um real, uma impossibilidade, um não-sentido. Mas, é preciso, além de reconhecer esse vazio, entender o sistema, a noção de valor e as relações sintagmáticas e associativas.

A relação estabelecida no signo linguístico é entre o significado e o significante. A partir da relação de valor que os signos estabelecerão entre si dentro do sistema, há uma outra relação. Segundo Saussure (2006, p.130), nosso pensamento é constituído por uma massa amorfa, indistinta, em que não há nada delimitado de antemão. Não há uma anterioridade das ideias e dos sons, e é o signo que nos possibilita “distinguir duas idéias de modo claro e constante”. O esquema abaixo representa bem isso, no plano A, a massa amorfa “das idéias confusas” e no B, a massa amorfa dos sons. As linhas pontilhadas que cortam verticalmente as massas amorfas representam os recortes que a língua arbitrariamente faz no pensamento e no som, produzindo uma forma e não uma substância.

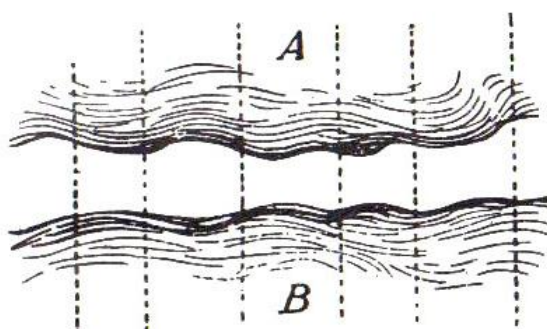


Figura 6: Ilustração das massas amorfas
Fonte: Saussure (2006)

Não havia um antes. As ideias e sons não tinham limites definidos, era um caos, uma impossibilidade de pensar. Significa dizer que não há ideias nem sons anteriores a ideia saussuriana de língua. Podemos fazer aqui um contraponto à ideia de lalangue em Lacan, pois, segundo sua teoria, onde a língua é incomunicável, livre de qualquer entendimento que lalangue fala, longe de uma língua de todos, serve somente ao uso individual de cada sujeito,

que através de seu uso pode disso dar uma forma ao que é inominável, ao não-sentido, pensando este não como a negação do sentido, mas sim como um sentido presente por sua negação. Para reafirmar isso: “A linguagem, sem dúvida, é feita de alíngua. É uma elucubração de saber sobre alíngua. Mas, o inconsciente é um saber, um saber-fazer com alíngua. E o que se sabe fazer com alíngua ultrapassa de muito o de que podemos dar conta a título de linguagem” (LACAN, 1972, p. 90). Lalangue possibilita pensar o que seria esse caos, essa impossibilidade de pensar ou falar algo que Saussure aponta na figura das massas amorfas. Não há ideias nem sons anteriores à língua, não há nada antes. O signo presente no sistema é que vem dá uma forma: “A língua é uma forma não uma substância” (SAUSSURE, 2006, p. 131). Antes, não havia forma, e sim caos, e a língua vem delimitar isso.

Pensar o signo em sua dinâmica na língua é pensar também na noção de valor. Esta é a relação arbitrária de um signo com os demais dentro da cadeia. O valor de um termo depende da presença simultânea de outros no interior do sistema. O valor do signo não se confunde com a significação, pois esta será efeito do signo. “Visto ser a língua um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão-somente da presença simultânea de outros” (SAUSSURE, 2006, p. 133).

Saussure diz que o valor é um elemento da significação, e esta depende também do valor. Aqui parece que há algo de um vazio, pois elas não são a mesma coisa. O valor institui na língua a relação de oposição dos seus termos. “O mecanismo lingüístico gira todo ele sobre identidades e diferenças, não sendo estas mais que a contra parte daquelas” (SAUSSURE, 1916/1995, p.126). Essa identidade deve ser pensada no sentido de que um termo é aquilo que o outro não é, sua diferença. Defende ainda que na língua tudo se baseia em relações, e que estas se desenvolvem em duas esferas distintas, cada uma geradora de certa ordem de valor. Ele divide em duas as relações que movimentam a língua.

A primeira dessas relações é a relação sintagmática: “os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo” (SAUSSURE, 2006, p. 142). Ela existe *in presentia*, em que os termos estão igualmente presentes numa série efetiva. O sintagma é composto de duas ou mais unidades consecutivas no eixo horizontal.

A segunda relação é a associativa. No CLG, Saussure coloca que os grupos são formados por associação mental, não havendo limite para aproximação dos termos que apresentam algo em comum: “o espírito capta também a natureza das relações que os unem em cada caso e cria com isso tantas séries associativas quantas relações diversas existam” (SAUSSURE, 2006, p. 145). Um termo capta, sem que o falante perceba, uma série de outros

termos que mantém com ele alguma semelhança: “A relação associativa ou paradigmática une os termos in absentia numa série mnemônica virtual” (SAUSSURE, 2006, p. 143).

O valor do signo se apresenta na intersecção dos dois movimentos. No sintagmático, os termos se apresentam encadeados numa linearidade do discurso. O sintagma apresenta uma ordem de sucessão e com um número definido de elementos; já os termos das relações associativas não terão nem número definido e nem ordem determinada.

As duas relações estão interligadas e acontecem juntas. É como a poesia de Tom Zé (1976), que aponta a invasão que as relações associativas fazem no sintagma: “Menina a felicidade/ É cheia de praça/ É cheia de traça/É cheia de lata/É cheia de graça”. Os versos trazem a ideia de outras palavras que carregam a possibilidade de se juntar por uma união rítmica a essas outras, como “garça”, “raça” etc. Dando asas à imaginação surgem significantes que tivessem alguma aproximação com o anterior, pois é impossível dizer antecipadamente qual será o número de palavras sugeridas pela memória. Como diz Saussure (2006, p. 146): “Um termo dado é como o centro de uma constelação, o ponto para onde convergem outros termos coordenados cuja soma é indefinida”. O sintagma tem a capacidade de restringir as relações associativas. O exemplo que Saussure traz no CLG é em latim, em *dominus, domini, domino* etc., com o tema nominal domin-, porém, este sintagma limita o paradigma, pois essa série não é indefinida. Já existem outros casos onde fica bem mais difícil o sintagma restringir os termos. Quando muda a relação associativa, muda-se também o sintagma. Pensando na frase, “O gato subiu no telhado” e sendo introduzido um termo associativo no lugar de gato, por exemplo, cachorro, o sintagma será outro. Nóbrega (REFERÊNCIA) acrescenta: “É importante também observar que embora a relação paradigmática pareça apresentar-se ilimitada, já que as associações que suscita uma palavra”. Segundo o próprio Saussure, “não se apresentam nem em número definido nem numa ordem determinada” (Saussure, op. cit., p.146). Essa falta de limites só se dá se esta relação for pensada separadamente. Se compreendida como parte das relações que se estabelecem no sistema lingüístico, entendemos que haverá sempre o limite imposto pelas relações sintagmáticas. O que nos mostra, mais uma vez, o perigo de se ver apenas uma das relações independente da outra.

Em seu artigo *A articulação entre lingüística e psicanálise e a produção de sentidos na língua*, Nóbrega (REFERÊNCIA) faz referência à “cadeia significantes” de Lacan, que para Saussure se chama relações sintagmáticas, onde os elementos estão distribuídos em uma linha e um acontecendo em cada momento, ou seja, dois elementos não podem surgir ao mesmo tempo. Um ponto colocado por Nóbrega é o reconhecimento de Lacan da cadeia

linear, mas também o questionamento sobre as outras possibilidades que podem se atar ao discurso, além desses da própria cadeia. Como na avalanche de pensamentos, em que muitas vezes o sujeito se apresenta como verborrágico, “Mais de quinhentos milhões e quinhentos mil moradores morando no Teixeira Brandão Jacarepaguá Núcleo Teixeira Brandão Jacarepaguá E todo dia dá segunda terça quarta quinta...” (PATROCÍNIO, 2001, p. 48). Aqui parece ser um exemplo claro para qualquer linguista observar quase em câmera lenta as irrupções da cadeia associativa no sintagma, é uma fala que parece não ter fim e que não se limita as pontuações de uma frase com início, meio e fim. Ouvir um paranoico em surto remete a uma experiência mais clara ainda, pois quando se escreve o delírio do outro, a própria escrita tem uma função de organizar e circunscrever o gozo que a fala deixa escapar mais claramente. As relações associativas e sintagmáticas são as responsáveis pelo movimento da língua, e através delas se percebe o uso que o paranoico faz da língua.

O sujeito se apresenta, através da sua fala, na cadeia sintagmática, mas a partir de uma escolha que vem da cadeia associativa. Essas relações são, portanto, inseparáveis, e é esse movimento que dá a língua, segundo Saussure, a ideia de valor linguístico. Elas acontecem da mesma forma para o paranoico. Não se trata de um ser de outro planeta, Saussure foi muito sábio quando teorizou a ideia de um sistema de línguas, ou seja, um movimento de todos os falantes, porém, da mesma forma que Roman Jakobson foi buscar na afasia uma contribuição para entender os processos de metáfora e metonímia, Lacan recorreu à psicose para contrapor a ideia de normalidade. A psicose e sua estrutura significante contribuiu muito para o avanço teórico da psicanálise. E a leitura da teoria saussuriana auxilia para o entendimento dos movimentos de língua na paranoia, como também marca como sujeitos que carregam uma particularidade no discurso, auxiliando também no entendimento do próprio campo psicanalítico.

O conceito de arbitrariedade na linguística não é a livre escolha, até porque o sujeito não a possui. Não se trata também de normas impostas pelo social. Há algo que é do movimento da língua, das suas relações e valores; isso, sim, é totalmente arbitrário. A arbitrariedade contorna a linguística com algo do real, da impossibilidade. Ela se apresenta no corte das massas amorfas, na relação entre os signos dentro da cadeia e também na união do significante e do significado. Talvez foi a saída encontrada por Saussure para responder o que não se responde, assim como também o Real foi para Lacan uma resposta para o que está fora da cadeia significante, algo que não responde a nenhuma lei.

A paranoia fortalece a ideia de se buscar compreender o mecanismo da língua não apenas no que está presente na cadeia sintagmática, mas também com o que se apresenta na

ausência, ou seja, a cadeia paradigmática. Esta última é a presença da ausência, é o que causa desejo, é o objeto a na cadeia sintagmática, é o que a faz acontecer em sua linearidade, porém, a cadeia paradigmática só pode ser suposta. Pensando na ideia lacaniana de que o psicótico é o que carrega o objeto a no bolso, ao escutar um paranoico em surto o que parece acontecer é a presença massiva da cadeia paradigmática, esta faz a cadeia sintagmática perder a força e o limite. Há um rompimento feroz no sintagma pelo paradigma. Como na fala de um paciente interno de um hospital psiquiátrico: “qual é a atividade do dia”?; responde-se com uma pergunta: “O que se faz aos sábados?”; e ele responde: “Feira, tomate, limão, cebola, carne, leite, pão, comida, cachorro...”. Uma resposta que parece não ter fim, precisando-se intervir, pois o paciente parecia não parar de falar. A ideia é que sua fonte associativa não se permitiria ser barrada pelo sintagma, precisaria aparecer, seria uma desconhecedora do recalque.

A certeza da paranoia é o que caracteriza o seu sintoma, pensando neste como o modo peculiar a cada sujeito de gozar do inconsciente. Todavia, esse sintoma não se trata de um sintoma substitutivo, na psicose ele não substitui nada, não há verdade para revelar. Não se trata como no sintoma do neurótico de uma verdade que revele algo, de uma ordem de um significante no sintoma que esteja em posição metafórica em relação a outros. A certeza na paranoia não se refere exatamente ao delírio, pois este também pode ser colocado em dúvida pelo sujeito paranoico. A certeza, o sentido está ligado a algo do que lhe acontece, que se refere a ele, está dirigido a ele. Há um enigma de não saber do que se trata, e por isso algo do saber capenga pode ser construído, mas existe uma dupla certeza que diz dele, de que em alguma parte isso se sabe. O delírio faz a articulação do significante do fenômeno elementar com o S2, e isso possibilita relativizar o gozo mortífero.

O Outro que encarna esse saber e que tem em mãos os meios de gozo tão ameaçantes para o psicótico não está no simbólico. O significante psicótico é um significante no Real, o Simbólico está foracluído. O significante da interpretação delirante, o da alucinação é um significante encadeado, mas de uma forma diferente da neurose. O paranoico conta com a relação especular, tem a prevalência do Imaginário escópico sobre o Simbólico, há uma prevalência do olhar sobre a voz. Como nos versos de Orides Fontela (2008, p.31): “Um deus/olho/ôlho no olho”. É uma voz que vê, são palavras emolduradas por metáforas escópicas. Por haver essa prevalência imaginária é que há um Outro, sem relativização simbólica e, se há Outro, há articulação significativa. Porque há Outro é que se produz algo da ordem de um saber, da estrutura de um saber, da articulação de um saber. Ante o paranoico, o (S1) lhe percebe (\$). Algo fica para o sujeito, em alguma parte se sabe (S2), por mais que ele não possa situar isso, fica como estrangeiro diante deste saber, como uma pergunta que se faz

diante do seu delírio: “Quem organizou isso?”; “Quem faz isso?”. A autoreferência é essa certeza, esse significante no Real, algo que aponta que os acontecimentos ao seu redor se dirigem ao paranoico. O S1 do fenômeno elementar se enlaça ao S2 graças ao delírio, e essa elaboração de saber, segundo Freud, é uma via de cura. Não obstante, esse S2 é preciso ser reconhecido pelo Outro, é preciso ter laço com o social. Como no delírio de Schreber, ser aquele que vai instituir uma nova raça na terra (S1), não é uma inscrição efetiva, portanto não se enlaça e retorna no real mediante uma voz que grita, ou de um insulto, não é um S2 que encontra um lugar no mundo. O delírio não é apenas o Outro que fala no psicótico, mas o um no Real. O que se fala, fala a si mesmo, produzindo no sujeito a certeza e que este fala dele.

A fala representada pelo intervalo significante é aquela que suporta a verdade, o enigma, que vem da cadeia associativa. Aqui aparecem os equívocos, os mal-entendidos, bem como o delírio. Essas construções subjetivas são estruturadas por signos em movimentos nas relações associativas, sintagmáticas com as suas leis linguísticas. Remetendo a Saussure (2006, p.107): “falar de lei lingüística em geral é querer abraçar um fantasma”. Fantasma que responde tanto pela coletividade como pela subjetividade do que cada um faz com a língua materna. Eis a singularidade, na língua tudo se passa pela negatividade, o valor é aquilo que os outros não são, é a presença marcante da diferença na relação.

Na paranoia a experiência com a língua se trata de uma invenção, de poder construir um delírio como algo do subjetivo capenga do sujeito. Essa invenção incide no laço social, o problema está na relação com o Outro, e se isso for possível fornecerá a ideia de grande utopista ou de gênio. A invenção vem da ex-sistência do órgão-linguagem que antecipa o encontro da função. O fato de ex-sistir faz com que o sujeito encontre para ele uma invenção, o delírio é uma invenção do sentido. Só que o paranoico é obrigado a fazer esforços desmedidos para resolver essa questão. O neurótico também sofre, mas fica do lado do discurso estabelecido. Qualquer ato para o paranoico é entupido de significações. A questão é o Um sozinho acreditar na loucura, sendo este crucificado, mas às vezes muitas pessoas também embarcam nisso. Há alguns delírios que não se socializam, sendo paradigmáticos, pois respondem à solidão e à originalidade de cada um na língua.

A linguagem para esses sujeitos fica à deriva, mais vulnerável à decomposição ou ao congelamento. Como nos versos de Fontela (2008, p. 23): “Aprender a ser terra/ e, mais que terra, pedra/ nuclear diamante/ cristalizando a palavra./ A palavra definitiva./ A palavra áspera e não plástica”. O significante não substitui, ele é concreto e busca um sentido sem falhas. O funcionamento da linguagem não pode contar com o amparo dos discursos, pensando neste como a linguagem aparelhada pelo gozo, é um sujeito que passeia pelos discursos do lado de

fora, é estrangeiro. Há algo ainda que precariamente faz laço, há algo que insiste, mas que o deixa do lado de fora do saber ou do lado totalmente de dentro, sem separação, alienado no outro. Eis a psicose como paradigma da linguagem, pois denuncia a posição de estrangeiro que todos estão diante da língua materna que é oferecida, porém, a paranoia é preciosa no sentido de se congelar neste lugar e, portanto, ser um referencial na percepção dos movimentos de língua.

3.3 A LÍNGUA COMO DELÍRIO DE TODOS

A hipótese de Lacan do “inconsciente estruturado como uma linguagem” traz questionamentos a que linguagem se refere, uma vez que o pronome indefinido “uma” sugere que existem várias linguagens. Para Allouch:

Uma linguagem: a fórmula convida a admitir que existem linguagens, e a consideração desse plural (designado, aliás, por Lacan, num comentário da sua fórmula) repercute sobre o enunciado, dando ao uma um valor dêitico. Só que além de não se encontrar em Lacan uma lista estabelecida de linguagens, também não se sabe, dentre aquelas que se poderia tentar alinhar numa folha de papel, qual é a que seria capaz de ser esta linguagem suscetível de responder pela estrutura do inconsciente (2007, p.135).

Há algo na linguagem que escapa a qualquer definição dela, o conceito não abarca a totalidade da coisa, sempre resta algo da linguagem impossível de ser representado, isso é o Real. A ideia saussuriana de sistema de língua não se interessa por aquilo que na linguagem aparece como ruptura, ou seja, atos falhos, equívocos. O sujeito nesta lógica estruturalista fica de fora, bem como os efeitos de real que permeiam qualquer sistema linguístico.

A linguagem na teoria lacaniana foi sendo modificada ou construída de acordo com o rumo teórico que Lacan foi tomando. Na década de 1950, havia um Lacan mais próximo do estruturalismo e, posteriormente, um Lacan mais topológico.

No texto *A significação do falo* (1958/1998), Lacan assegura ao falo o recebimento da mensagem do Outro e os efeitos da significação. O Nome-do-Pai é o significante que possibilita o sujeito a dar significação à sua fala. Para isso, o sujeito transforma a sua enunciação em enunciado, pois é uma fala dirigida ao campo do Outro, que neste momento é o tesouro dos significantes. Em *O Seminário 3* (1955-56), Lacan refere a frase viva, aquela que apresenta uma significação, diferente de uma fala que também é escutada, porém, não há significação subjetiva do sujeito, fica no vazio. O que une um significante a outro na sua articulação é o sentido dado pelo próprio sujeito apreendido no campo do Outro.

No decorrer do seu ensino, Lacan vai desenvolvendo a teoria do gozo, diferenciando o gozo fálico, aquele que se inscreve pela castração nas relações entre os homens e o gozo do Outro, como o que não passa pela norma fálica, como o impossível de ser dito pelas palavras, o gozo d'A mulher que não existe. O gozo do Outro é experimentado no próprio corpo pelo sujeito, um corpo que não é pensado na lógica significante.

O que se trata aqui é de um corpo que, pela via do Real, demonstra uma debilidade do sujeito em saber sobre o seu gozo, não é o corpo constituído imaginariamente pelo estádio do espelho, mas como aquele que suporta a exclusão do sentido. Fica a questão: como ir desse gozo autista que é de cada um e é da ordem do incomunicável, como afirma Miller (2005, p.129) “igualdade de cada um a respeito do gozo e da morte” para articular o sujeito no campo do sentido, da significação, de S2? Cada sujeito – neuróticos ou psicóticos – faz um enganche que passa pelo sintoma de cada um, cada um vai inventar um modo de nomear o impenetrável Real que se faz a partir do objeto a, causa de desejo.

A teoria de Lacan sobre lalangue refere a um simbólico que não é referido ao Outro, mas ao Um, a palavra serve de veículo de gozo e não de comunicação. Lacan (1972-75) propõe, no seminário *Mais Ainda*, o gozo e a lalangue como anteriores ao Outro e à linguagem. Como Lacan escrevia no Seminário 20, esse Um é a ex-sistência marcada por um fora-da-linguagem, fora-mundo. Cada lalangue é incomparável a qualquer outra, não existem dois ditos iguais, por isso que ela só se sustenta no mal-entendido.

Se o Um existe, não seria múltiplo nem teria partes, nem começo, nem fim. O Um não está em lugar nenhum, não envolve uma coisa nem é envolvido por ela. O Um não é igual a Outro, mas também não é o mesmo. Há de se pensar a localização – topológica – do Um como ex-sistência a todos os Uns que de alguma maneira participam dele, isto é, do que ex-siste à linguagem, ao mundo (VIDAL, 1995 apud BRANCO, 2000, p.85).

A língua para Saussure é constituída dentro de um sistema, ela é necessária para que a fala seja inteligível, para que seja compartilhada com todos, tem a função de comunicar, mas não só isso, pois a noção de arbitrariedade do signo linguístico dá à língua a possibilidade de ser constantemente modificada. A arbitrariedade da língua é da ordem do real, pois não está embasada no simbólico da comunicação e de compartilhar socialmente o mesmo código linguístico, mas há algo que não é transmissível, não é assimilável, é fora das teorias de demonstração.

A língua em Saussure com a sua constituição arbitrária faz uma ponte com a lalangue em Lacan, pois esta comporta algo de real, do que não é assimilável pela língua coletivizada, é a língua única do inconsciente.

Quando o sujeito aprende a falar, ele se apropria inicialmente da linguagem como instrumento de gozo, antes mesmo de estabelecer qualquer função de comunicação. É o gozo da lalangue (LACAN, 1973-74). A partir da sua invenção, Lacan se afasta do campo do Outro como lugar do reconhecimento. Da lalangue não saem significantes que proporcionam a comunicação, e sim uma nova significação da palavra, uma significação que não faz laço social. “Lalangue só se sustenta do mal-entendido, porque os sentidos se cruzam e se multiplicam sobre os sons” (MILER, p. 70); a homofonia é motor de lalangue.

Toda comunicação contém em si o gozo incomunicável. Segundo Lacan, não há comunicação sem mal entendidos, mas há um sentido comum da fala, do que se compartilha da experiência da linguagem e do contato com o Outro. A língua é o uso que cada sujeito faz da linguagem, é na medida em que o sujeito é afetado pela sua língua materna, pelo impossível que ele fala, fala o ser – falasser – um ser que experimenta a linguagem em seu último limite, exilada de qualquer significação. Como se transmite e se compartilha a língua de códigos, a língua comum? Segundo Veras (2010, p. 121):

o Um, em sua afinidade com o núcleo do narcisismo primário freudiano, passa a ser vivido como um corpo estranho ao Eu que fala. O ser encontra no dicionário do Outro apenas as palavras da intersubjetividade, e são elas que ele fabrica a lalangue, ou seja, é delas que ele pode extrair a matéria para nomear o incomunicável. O Um em questão não se conta no mundo dos objetos e das palavras, mas é dele que surge a condição para se apreender o brilho dos objetos e das palavras.

O laço social é ordenado pelos discursos, as trocas intersubjetivas e um além da significação das palavras, o modo como elas vibram no corpo como instrumentos de gozo. Um corpo que não é do imaginário, mas um corpo resistente à significação, desta forma, resistente também ao laço social (VERAS, 2010). Na neurose, esse gozo é coletivizado quando aparelhado ao campo do Outro. Através da fantasia e na paranoia, o sujeito busca a localização desse gozo no Outro por seus mecanismos. O delírio é uma forma de aparelhar esse gozo.

O paranoico – bem como o neurótico – busca igualmente aparelhar esse gozo através de mecanismos que lhe sejam próprios. Lacan, neste período, passa de uma forclusão restringida, aquela que se apoia no Nome-do-Pai para uma forclusão generalizada, que recai

sobre o objeto a, pois a resposta não pertence ao Outro, mas tem função de ex-sistência. O sintoma é inscrito no Real.

A forclusão generalizada vem apontar uma igualdade nas estruturas clínicas. Há uma falta de um significante em qualquer uma das estruturas e, logo, todo sujeito delira. Este significante não está incluído em nenhuma estrutura. Miller enfatiza a existência de um delírio generalizado equivalente ao “todos loucos”, o que é diferente de “todos psicóticos”. É notória a construção dos conceitos lacanianos no decorrer do seu percurso, a passagem da forclusão do Nome-do-Pai exclusiva para a psicose para a forclusão generalizada. Não descarta a primeira como uma ferramenta teórico-clínica fundamental, porém, coloca todos, neuróticos e psicóticos, em pé de igualdade, cada um na sua singularidade deve criar seu modo de amarração para estar na língua, para estar no mundo.

A forclusão generalizada sublinha o vazio do Outro, aponta que o Outro não existe, trata-se da invenção de cada um, de uma suplência. É justamente por faltar um significante no campo do Outro que o sujeito vai reparar essa falta através da fantasia, do sonho, do delírio ou de qualquer outra invenção.

O paranoico marcado pela forclusão cria meios criativos para elaborar suplências. O Nome-do-Pai se torna apenas uma forma, entre outras criações, para obturar a falha estrutural do Outro. Para o Lacan dos anos 1970, ele será visto como uma suplência bem sucedida, assim também como o ato e a escrita. Lacan passa a pensar sobre a direção do tratamento a partir do Um do gozo e não mais a partir do Outro simbólico. Ocorre uma homogeneização dos registros do Real, Simbólico e Imaginário (VERAS, 2010)

A língua para Lacan passa a ser o uso que cada sujeito faz da linguagem, afetada pelo impossível que lhe concerne. O laço social não é a possibilidade de comunicação garantida pelo Outro simbólico, e sim o modo como cada um se vira a fim de manter os três registros bem amarrados. O laço social e a linguagem são pensadas a partir do gozo do Um. O sintoma em *O Seminário 23* (1975/76) não se trata de um sintoma como mensagem, pela via metafórica, mas sim como uma criação. É o uso da linguagem levando em conta o real que ela comporta, ou seja, é o uso do simbólico a partir do que lhe causa, algo do campo do real da língua.

A língua para a linguística vai além da comunicação, Barrêto (2008) sublinha que quando Saussure afirma no CLG que a língua não é uma nomenclatura, não existem ideias preexistentes às palavras, e é por esse ponto de vista que não existem traduções exatas. O genebrino prevê aí os equívocos, algo da ordem da não-comunicação. A ideia saussuriana é da língua como todo absoluto, mas sua utilização se realiza na experiência particular do falante a

partir do sistema de todos. Isto é, a partir do dicionário do Outro, o sujeito vai tendo subsídios para nomear o incomunicável da *lalangue*.

A teoria saussuriana mudou a epistemologia do signo linguístico e, consequentemente, da palavra. A ordem diacrônica e sincrônica da língua fura a ideia da fixidez entre significante e seu sentido e dá lugar a outros campos de estudos no que se refere à linguagem, língua e fala. Há, assim, a possibilidade de entrada para o sujeito na linguística, um campo de estudo científico que passa a fazer ponte com a teoria lacaniana do sujeito, do resto, do troçoço.

Lacan busca em Freud seus aportes teóricos que, somados à linguística de Saussure, o possibilita desenvolver a relação do sujeito com o significante. A partir disso desenvolveu o campo Simbólico e do seu resto, o campo do Real. Estabelecer o S1 como função nominativa, S2 como função de saber e disso restar uma brecha que denuncia a falta de objeto. Esse espaço vazio coloca a divisão do sujeito em evidência, a divisão entre o ser e o saber, entre o gozo e o saber da sexualidade, da morte. Lacan coloca o sujeito no campo da linguagem de Saussure e disso ele faz outro uso, um uso próprio. Para Lacan, não faz sentido uma linguística sem alguém que fale para outro.

A linguagem para Lacan é uma linguagem que permite diferenciar o código da mensagem. Ela surge do que é a fala do sujeito, mas também os efeitos que a língua tem no próprio discurso. A diacronia e a sincronia saussuriana dialogam aqui. A sincronia não responde a nenhuma ordem, não responde a uma questão de origem, ela diz de uma linguística que não tem nada de estática. Como diz Saussure (2006, p. 111): “Em resumo: os fatos sincrônicos, quaisquer que sejam, apresentam uma certa regularidade mas não têm nenhum caráter imperativo; os fatos diacrônicos, ao contrário, se impõem à língua, mas nada mais têm de geral”.

A linguagem se faz com a parceria de um Outro, que se apresenta como suporte simbólico. Uma criança com 13 meses de idade passeia com a mãe no parque da cidade. A mãe olha para a criança e diz: “Vamos embora”, e começa a arrumar os brinquedos espalhados pela grama. A criança chora e responde: “Ua, ua”. A mãe fica surpresa ao ver a filha responder com esse significante em que a significação é “rua”, pois a resposta aponta para a mãe a interpretação que a criança faz da sua colocação “Vamos embora”. O que é interessante observar é que pelo caráter simbólico da linguagem o significante “rua” é possível de substituição pelo “ua”, e isso não representa perda na comunicação, pelo contrário, há ganho na linguagem e na fala. A mãe também afirma que a filha usa o mesmo “ua” para a “lua”, o que garante a diferenciação é o contexto. Isto permite afirmar que a repetição significativa, com o mesmo signo “ua” não é idêntica. A diferença passa a ser

representada por uma mesma representação significante. É claro que para isso há uma sustentação de um Outro primordial que lhe é imperativo, pois a mãe responde “Ah, é a Lua” ou “É a rua”, e o que para a criança, em um primeiro momento se tratava de dúvida, passa a ser certeza. A criança balbucia na língua materna, apesar de não falar uma língua de todos.

Há uma passagem da língua materna ao discurso que todos falam, isso vai depender da língua e do Édipo. Através da língua o indivíduo fala, mas só a passagem pela matriz edípica permite o sujeito se colocar como eu, de travar um lugar. A linguística permite o eu se colocar no discurso, mas nega a sua transcendência, o além desse eu que é convocado no verbo.

É no intervalo de S1 e S2 que o sujeito pode interrogar a sua verdade. Dizer que o psicótico está na linguagem é diferente deste ser capturado por ela. Talvez o seu mundo seja a de um signo fechado e não o mundo aberto do significante. Como se transmite a linguagem? Pela fala. Teoricamente, estamos todos preparados para a linguagem, pensando no que se é transmitido geneticamente, mas se não houver uma fala de transmissão, pegando essa palavra não em seu sentido literal, não se transmite a mesma coisa e sim outra, o saber inconsciente é equivocado. Há um outro que dirige a palavra ao infans, que o possibilitar falar, mas essa passagem é feita através de um não saber. Um saber que não se sabe, o do inconsciente que guarda o equívoco.

Saussure dizia que a língua é social e a linguagem faculdade. O que é social se transmite, e o que é faculdade? É preciso que haja capacidade, ela é necessária para a língua e a fala. Mas, quem é esse sujeito que fala na língua que é de todos?

O significante é a materialidade necessária para que a ordem da língua se organize de acordo com a lógica da linguagem. É através dessa materialidade que existe a possibilidade de um sujeito que fala, mas fala também por um saber fazer da *lalangue*, há uma incomunicabilidade do gozo no encontro com o Outro, há um corpo como ser de gozo e não como imagem. A articulação significante possibilita o sentido, a invenção sobre esse gozo indócil, relutante às leis da linguagem.

O Real ex-siste na linguagem, tanto do lado da psicanálise como do lado da linguística. Não é possível localizar a origem de um signo, ele está pautado na sua arbitrariedade. O que faz um sujeito escolher um significante e não outro não é da norma, o sujeito é assujeitado pela linguagem, é o que Lacan coloca quando refere que todos – neuróticos e psicóticos – padecem da linguagem. A língua mantém um caráter de alteridade e de estranheza para o próprio falante, o momento claro é quando este pronuncia um ato falho, é algo que escapa à sua intenção. O sujeito fala de uma língua que lhe é exterior, ele se constitui a partir da língua de um Outro. O Outro que em mim é estranho a mim mesmo é o próprio

corpo, algo deste corpo que é alteridade. O discurso é a forma de aparelhar esse gozo excluído da linguagem, então, por mais que os neuróticos tenham essa relação de estranheza e estrangeirismo da língua de um Outro, tem por outro lado a possibilidade dos laços sociais ou semblantes para dar um salto sobre esse Real do impossível. Na paranoia, há o delírio como criação, mas há algo que a primeira clínica de Lacan marca como diferença, a forclusão do Nome-do-Pai o coloca como estrangeiro, como sujeito de um inconsciente a céu aberto, de um saber exposto, de um fora do país, já que não existe fronteira de demarcação.

Loucos, exilados, apátridas, excluídos: todos estão presos do lado de fora. Fora das fronteiras do seu país, fora dos laços da sua língua materna; fora, fora de casa. Teria havido uma casa, de onde forma expulsos? Haveria um vestígio visível, legível, dessa casa? O lugar do exílio tornou-se para eles exílio mais preciso e violento do que a partida que os levou até ali; desse exílio atual, ausentou-se a própria dor da fratura da partida; nesse exílio extinguiu-se a nostalgia daquele que poderia nomeá-lo, o Pai. Mas os verdadeiros presos do lado de fora são os loucos, para sempre exilados do seu inconsciente: não são apenas estrangeiros no seu exílio, mas também estranhos a si mesmos, estranhos à sua história, estranhos à língua da infância (RABINOVITCH, 2001, p. 7).

Qual o uso que o sujeito faz da linguagem?

Questionar sobre o uso que o sujeito faz da linguagem é pensar também sobre a origem desta. Talvez isso não seja possível de estabelecer, mas é possível avançar sobre essa discussão justamente porque a linguagem possibilita retorno. A possibilidade de olhar para trás e poder dizer *a posteriori* só é possível para sujeitos de linguagem, nenhum outro animal realiza esta façanha.

Segundo Milner (1987, p.11), “Linguagem: nada mais em si mesmo do que um ponto a partir do qual as línguas podem ser reunidas em um todo, porém um ponto ao qual se conferiu extensão ao se acrescentarem aí propriedades enunciáveis”. A língua é este núcleo que em cada uma das línguas suporta tanto a sua unicidade como a sua distinção. Ela é representada como forma, invariante, através das suas relações, porém é possível também fazer valer sua dimensão do não-idêntico, do equívoco, tudo o que suporta o duplo sentido. Milner (op. cit., pp.13-14) traz na asserção saussuriana o que se coloca: “a língua é uma forma e não uma substância”; e continua: “a fórmula que salva o idêntico, a substância da língua revelando, enfim, o que ela é: o não-idêntico a si”.

Uma língua não é idêntica a ela mesma, há algo de real que insiste “e que a lingüística ou a gramática entendem negar” – e que Lacan denominou de *lalangue*. Esta é o que faz com que a língua não seja comparável a nenhuma outra, é o que consagra o equívoco. “O puro

conceito de língua é aquele de um não-todo marcando a alíngua (lalangue); ou a língua é o que suporta a alíngua enquanto não-toda” (MILNER, 1987, p.19).

Como o paranoico fala na língua?

Milner (apud GADET; PÊCHEUX, 1981, p. 61) afirma que, sem a poesia, não teríamos a ideia que a língua se inscreve no real e “(...) os lapsos seriam apenas acidentes”. Cabe aqui também a loucura, pois, como ensina Branco (2000, p. 62), “(...) a loucura e a poesia compartilham dessa radicalidade que consiste em escrever a experiência do outro – seja ela a emergência da poesia ou a emergência da loucura – em sua radical alteridade”. A poesia e a loucura levam a linguagem a seu limite, a seu exterior, tangenciam o inominável, o impronunciável, o Real.

O paranoico faz uso de uma língua particular, assim como todos, neuróticos ou psicóticos, porém, a língua privada na paranoia apresenta uma resistência ao laço social. Ele não faz uso da linguagem para um laço com o outro, ele fala lalangue. Esta se apresenta na psicose em seu uso pleno.

A linguagem como elucubração sobre lalangue organiza o social, as convenções. Ela vai na via de diminuir o gozo da lalangue, fazendo funcionar as normas, a gramática e possibilitando as significações. O movimento do neurótico é se servir do discurso normalizado para possibilitar uma ordenação de seu corpo; já a paranoia faz um uso privado da linguagem, o gozo da lalangue se encontra aí em estado pleno.

Diferente do esquizofrênico, o sujeito paranoico não está à deriva na língua, e sim retido por um significante justificado pelo conceito de *verhaltung* (retenção) que o coloca como sendo o Um do significante, significante unário.

O sujeito paranoico tem como estrutura a psicose, e isso denuncia o porquê de o sujeito não se reconhecer em diferentes pontos da cadeia significante, talvez por isso ele a repita insistentemente. O paranoico pode até apresentar um discurso bem sucedido, ou seja, comunicável, porém, mesmo usando significantes diferentes, eles apontarão para uma mesma significação. Todas as vozes, almas, raios dirigidos a Schereber indicavam que ele foi o escolhido para ser “a mulher de Deus”. Através do delírio, o sujeito paranoico responde de uma forma incessante, pois não encontrará uma função simbólica que a signifique, que coloque o sujeito no lugar de enigma e o faça deslizar na sua certeza e, a partir disso, simbolizar algo.

A língua do paranoico é ordenada sintagmaticamente. Muitos delírios apresentam uma organização sintática e são comunicáveis dentro de uma norma social. O paranoico pode se fixar a um significante mestre que seja compartilhado socialmente, como o exemplo de um

caso de paranoia citado por Veras (2010), onde a amarração de sua paciente que garantiu por 48 anos não surtar, mesmo tendo uma estrutura psicótica, foi a metáfora delirante “dona de casa”. O que a fez passar ao ato foi perder esse significante que a fixava, justificado pela contratação, por seus familiares, de uma nova faxineira para sua casa. Essa contratação rompe com o significante mestre que a nomeava. A dona de casa estabeleceu uma relação mortífera e especular com o outro – nova faxineira – ela era totalmente representada por esse significante, até que a nova contratação apontou para o insuportável, foi então que a paciente surtou e agrediu fisicamente a nova faxineira. Antes do ato, havia um delírio. Como se tratava de um significante compartilhado socialmente, em determinado momento reforçava o laço social. É diferente, por exemplo, de delirar como Schreber “a mulher de Deus”. Neste caso, a loucura seria facilmente detectada. O paranoico é tão bem articulado que não necessariamente é pescado nos filtros do laço social como louco. Esta é a sua peculiaridade, conseguir realizar, mesmo fazendo uso de um significante privado da ordem do gozo da lalange, uma produção de saber, S2. Desta forma, conseguem realizar suas excursões pelos laços sociais, às vezes até de uma forma despercebida, como um sujeito que tem um uso comum da língua de todos.

O Um do traço unário é um S1 que representa o sujeito para outro significante. Nesta forma, em relação ao Um o sujeito se inscreve como ausente, ele se furta, passando a ser o significante pulado da cadeia, o significante menos, o significante barrado (\$). O sujeito é o -1 do significante mestre, é o menos um do Um. Ele escapa deste Um, não se deixa representar totalmente. Na paranoia o sujeito não está ausente em relação ao S1, este pode ser mortificante. A alucinação do sujeito é algo que vai além da palavra, do que seria, por exemplo, para a linguística ao ouvir a fala do sujeito. Para a psicanálise as palavras alucinadas são muito mais que palavras, é o que Lacan vem chamar de objeto vocal, o que seria da ordem de um fragmento que se extrai do Outro e que possibilita ao sujeito, pelo delírio, uma organização, uma construção.

O que organiza não é o significante puro “dona de casa”, mas a ligação com outro significante. Ela *a posteriori* articula uma sequência de ideia, S2 que faz laço com o significante da nomeação. Algo da linguagem se extrai e isso passa a ser o referencial para organizar o mundo. É isso que o paranoico faz, passa a ser representado sem ausência por um significante que, ligado a tantos outros, diz dele, mas sempre volta para o mesmo, o que às vezes aparece como mortificador, o Um da referência. O outro diz lá, mas é para mim que ele fala. Há uma coleção de signos atrelados a um significado fixo, sem deslizamento, pois o Nome-do-Pai não se faz presente para dar ao sujeito a possibilidade de metaforizar, ou seja, de usar da substituição de outra significação.

O sujeito paranoico, através do delírio, faz uma tentativa precária de se representar, porém o sujeito não fica no intervalo significante, essa é a diferença da neurose, por exemplo. É possível para um neurótico se representar por “dona de casa” e disto fazer várias outras significações. Justamente por este significante não dizer muito do sujeito há um enigma, um furo, um espaço a ser sempre preenchido. Na paranoia o “dona de casa” é total, sem relativização. Pensando na operação da alienação-separação, o paranoico se encontra alienado, porém, não separado e por isso fora do discurso. Mesmo assim, é possível utilizar as letras S1, S2, \$ e a em relação ao paranoico. Se existe um S1 e um S2 na paranoia, porque não existe o intervalo? A resposta encaminhada por Soller (2002, p. 63-65) é que o S1 não representa Schreber em seu delírio, pois os significantes se apresentam no Real e representariam a Deus. Lacan, em *De uma questão preliminar a todo tratamento possível na psicose*, traz a fórmula da metáfora ou da substituição significante, para em seguida aplicar na metáfora paterna.

$$\frac{\text{Nome} - \text{do} - \text{Pai}}{\text{Desejodamãe}} \frac{\text{DesejodaMãe}}{\text{Significad oparaosujeito}} \rightarrow \text{Nome-do-Pai} \left(\frac{A}{\text{Falo}} \right)$$

O Nome-do-Pai está para o desejo da mãe assim como o desejo da mãe está para o significado para o sujeito. Lacan propõe (1998, p. 563): “Tentemos agora conceber uma circunstância da posição subjetiva em que ao apelo do Nome-do-Pai corresponda, não a ausência do pai real, pois essa ausência é mais do que compatível com a presença do significante, mas a carência do próprio significante”. Essa carência do significante deve ser entendida como carência da eficácia, como carência de significância. O paranoico não consegue exercer a sua subjetividade, dar a sua própria significação, a ideia que ele carrega é que é o Outro avassalador que lhe impõe significantes. E assim que Lacan, em *O Seminário 3, As psicoses*, aborda a função simbólica, a realização simbólica e a função real do pai. O pai na sua função simbólica transmite o nome. Já a sua realização simbólica é por via do conflito imaginário, que equivale ao Édipo freudiano. É através do conflito imaginário que se faria a integração simbólica e por último a função real do pai. Deste, Lacan (1988, p. 243) diz: “No delírio é a função do pai na geração que vemos surgir sob uma forma imaginária”.

A falta dessa função paterna explica a paranoia, mas nem todo psicótico é igual, já que a paranoia traz uma simbolização primeira que a esquizofrenia não traz. Esta simbolização primária se refere ao Outro, inicialmente à mãe que com a criança tem uma relação de objeto no Real. A mãe só se torna um significante através da simbolização da sua ausência. Quando

o sujeito puder interrogar essa ausência real, colocar um enigma aí do que a sua mãe pode estar fazendo fora da sua presença, ou seja, dar um sentido a isso, esta ausência se torna significativa. Essa primeira simbolização é para Lacan o matema do significante e do significado. O significante DM e o seu efeito de significado x , incógnita, o enigma do que quer ela: $\frac{DM}{x}$. Lacan vem situar a paranoia aí. Só que falta a outra operação da metáfora paterna que para completá-la precisaria do significante Nome-do-Pai, este que substituiria metaforicamente o DM . Os sujeitos esquizofrênicos não possuem nem essa simbolização primária que o paranoico tem, e é por isso que aqueles não falam discursos coerentes com a língua que todos falam, como os paranoicos. Estes, sim, muitas vezes são tão coerentes na fala que passam despercebidos. A paranoia é encontrada além dos hospitais psiquiátricos, mas também na vida comum. Ele é um intérprete, que em tudo vê sinais que ligam a ele. Nada é arbitrário, tudo conspira para ele. Este aspecto megalomaniaco, do centro do mundo casa bem com o discurso contemporâneo, o qual apela para que o sujeito seja visto, seja famoso, seja especial, talvez por isso seja difícil perceber na vida cotidiana que o discurso paranoico é sem sentido.

A partir de Schreber se percebe que o seu delírio é carregado de significação. O Outro emite um $S1$, um mandado, e Schreber completa a significação. Solter (2002, p.64) diz: “(...) ele é aquilo sem o qual as vozes não representariam nada”. Ele é o $S2$ e não o intervalo entre significantes, eis a diferença da neurose. Ele é o que recebe e responde a Deus ($S1$) e o qual goza com ele. Ele faz a vez de objeto a , pois realiza o coito total com Deus, mas se este desaparece, Schreber cai, como dejetos. Schreber representa um fora-do-discurso em que o significante não o representa e não há uma barreira para o gozo, existindo uma relação sexual na psicose. Ou seja, não há falta, a relação sexual existe no sentido de total completude, não há intervalo significativo entre $S1$ e $S2$ para que o sujeito, o equívoco possa aparecer, não há intervalo. Uma fala de Stela do Patrocínio que representa bem isso: “Só depois da relação sexual é que eu posso carregar tudo pela língua e pela boca” (PATROCÍNIO, 2009, p. 92). Stela aponta para a completude da relação sexual, logo, a língua vai responder a verdade como possível de existir na psicose. Já que, na neurose, a verdade através do inconsciente, do sujeito dividido, só se apresenta como não-toda, colocando a relação sexual como impossível. Na psicose não há nada que faça barreira no gozo, o psicótico apresenta uma fala sem mediação, um inconsciente a céu aberto, a língua como materialidade para fazer do impossível, possível.

Na paranoia o sujeito é engolido pela língua da mãe, uma fala que não há equívoco. Ele é o falo da mãe, ficando atrelado a uma relação especular onde não há inversão de sentidos nem oposição. Em um paciente em surto, a ecolalia é uma manifestação que denuncia a falta da mensagem invertida que vem do Outro. Não há enigma. O que se ausenta é a possibilidade que o sujeito paranoico não tem de, a partir da língua materna (simbolização primeira), fazer outra coisa, uma invenção tendo como materialidade a língua que todos falam.

3.4 O PARANOICO E A LINGUAGEM: UMA RELAÇÃO DE ESTRANHEZA

O delírio do verbo estava no começo, lá, onde a criança diz: eu escuto a cor dos passarinhos. A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som. Então criança muda a função de um verbo, ele delira.

Manoel de Barros

Eis um novo empréstimo a Manoel de Barros para exemplificar a posição do psicótico na linguagem. Esta é uma posição de alucinação do verbo. O verbo tem a sua função outra, coloca-se através da voz e não está ligada aos órgãos do sentido. Um paciente de Cramer em 1896 tinha alucinações verbais mesmo sendo um psicótico surdo-mudo. Lacan aponta em *De uma questão preliminar a todo tratamento possível na psicose* (1958) que a psicose não é um caos, mas sim uma “ordem do sujeito”. Há, portanto, perturbações significantes que passam pela questão da falha no Outro. O termo estranheza é usado justamente porque é a ideia de se estar fora, expulso. Freud usa o termo em 1919. Ele usa a palavra alemã *unheimlich* para analisar o estranho, faz uma comparação com *heimlich* que tem haver com familiar e o *unheimlich* seria o não-familiar: “‘heimlich’ é uma palavra cujo significado se desenvolveu na direção da ambivalência, até que finalmente coincide com seu oposto, ‘unheimlich’”. (FREUD, 1976, p. 282-283).

Entramos na linguagem com algo que é estrangeiro a nós, é a mãe que serve como Outro que nos garante o banho de linguagem, talvez a sensação de pertencer a casa é ao mesmo tempo a de não pertencer, é saber que existe um fora da casa. A sensação de uma experiência analítica remete a isso, é um saber que nos causa expulsão. É surpreender com o nosso saber não sabido e que nos causa estranhamento, admiração, espanto. É se sentir estrangeiro a uma fala que nos é tão íntima. A neurose permite um movimento de pertencimento a esse estrangeiro, e na paranoia não há essa possibilidade. O paranoico vive

uma relação de estranheza com a língua sem a possibilidade de desfrutar da equívocidade do *heimlich*. É estranho, mas é familiar, talvez o paranoico porte apenas um sentido pleno de estranhamento e expulsão: “Foraclusão é o nome da fratura que os encerrou fora de toda inscrição, fora das pegadas na rota dos nossos sonhos, do céu dos nossos pensamentos, da casa na nossa dor ou da nossa alegria longe do nosso Heimlich” (RABINOVITCH, 2001, p. 8). Somos todos estrangeiros, mas os neuróticos têm a possibilidade de dar um pertencimento a isso, os paranoicos não, ficam presos do lado de fora. A questão é como dar contorno a um saber que vem do Outro, sem recurso algum de pertencimento.

A sensação de aprender uma língua estrangeira no plano teórico é ouvir a sonoridade significante e não poder significá-la, é ficar perplexo e não ter a armadura simbólica para poder significá-la. É a posição que o paranoico fica na sua fixidez a um significante mestre e, como saída, inventa um delírio que o permita dar significações próprias, criando a sua língua privada. É um uso da linguagem sem fazer laço com o outro. As palavras ficam encharcadas de significações próprias, significações que não comportam o equívoco, uma língua real. Uma língua de gozo que comporta o além da significação, um fora-do-mundo.

A língua aponta a nossa fragilidade, algo que nos invade e que não compreendemos, porém, é-nos também familiar, já que em um primeiro momento (infans) éramos estrangeiros da nossa própria língua. Por sermos falantes de uma língua que nos é exterior, pois nos constituímos a partir da língua do Outro. É assim que os significantes chegam até nós, porém, a neurose tem o álibi simbólico que permite compartilhar a língua, fazer semblante dela; já o psicótico não tem. É, talvez, o que vive na estranheza sempre, tendo o significante como imposição, congelado, sem relativização, causando perplexidade, pois a apropriação deste saber é feito pelo paranoico de forma total, é como o Outro, dono do saber que me pede para fazer, não há barra que fure essa fortaleza.

O paranoico é uma demonstração clara de como a linguagem é estrangeira e causa espanto. Ele denuncia para nós, neuróticos, isso, o Outro fala em mim. O Deus de Schreber fala para ele, causando-o perplexidade. Apesar de termos um saber inconsciente que nos surpreende, ele não fica claro como *standard* que é na paranoia. É através disso que a psicose nos coloca em xeque, ela denuncia algo que guardamos a sete chaves, a nossa estranheza, o estrangeiro de nós mesmos.

Na alucinação verbal a cadeia significante se impõe ao sujeito psicótico e lhe atribui algo, como no caso da paciente de Lacan, Aimée, que serviu de base para sua tese *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade* (1932). Lacan registrou que a paciente ouvia infortúnios de colegas e das pessoas nas ruas. Isto se apresenta como algo avassalador

que sem recurso simbólico fica difícil para o sujeito contornar, já que o Outro se apresenta como terrível e gozador.

A forclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro tem como seu efeito produzir a avalanche significante. Causar uma desordem imaginária que tem como consequência uma ruptura na cadeia significante. Um significante, ao ficar fora, desconecta-se do Simbólico e retorna no Real na forma de alucinações e delírios. Isto é presenciável na fala do sujeito, na forma de alucinações classificadas por Lacan (1958) no texto *De uma questão preliminar a todo tratamento possível na psicose* em dois tipos: os fenômenos de código e os fenômenos de mensagem.

Os fenômenos de código são os neologismos, na reduplicação significante em que os significantes aparecem sem sentido algum e na intuição que o vazio linguístico passa a ser substituído por uma certeza. O que ocorre aí é que não há ponto de basta de um significante com significado, como o Nome-do-Pai. Os fenômenos de mensagem seriam as mensagens interrompidas no momento em que uma significação ocorreria.

O neurótico não atravessa para o exterior do muro da linguagem, o psicótico sim, ele é habitado por um Outro que ordena, que fala. Ele é claramente, quase que absurdamente estrangeiro em si mesmo. Não dá conta das suas significações, o máximo que se diz é que as significações precárias não são dele e sim do Outro. Essas alucinações funcionam como suplente de um vazio de significação. Já que não é possível dizer do sujeito, ele delira e fica à margem, à deriva, sem se fixar em um lugar que possa lhe dar apoio, fica errante.

A posição estrutural do sujeito paranoico é ser objeto do gozo do Outro. Lá na primeira constituição em que a posição da criança era ser o falo da mãe e que de repente aparece ao pai para separar, é nesta posição que fica o psicótico, mas sem separação pelo Nome-do-Pai. O gozo da mãe é o gozo do Outro, e este aparece como enigmático.

Com a forclusão generalizada, o Outro não existe. Não basta o Nome-do-Pai, é necessário, portanto, uma invenção de cada um, uma invenção do sujeito que não toma a via do universalizante da linguagem, mas do que a transgrede, a lalangue.

A construção, a invenção é o que cada sujeito faz com a sua lalangue, é a forma como cada um vai garantir a amarração dos três registros. Miller (2003) traz a palavra invenção como um termo que difere ao da descoberta. Segundo o autor, descobre-se o que já está lá e inventa-se o que não está. Afirma que invenção tem mais haver com criação, pois a primeira é uma criação a partir de materiais existentes. Pensamos que o material de cada um na sua singularidade é a lalangue, é a partir dela que é possível inventar.

A ideia que todos precisam de um quarto nó não coloca todos no mesmo balaio de gato. O Nome-do-Pai é um quarto nó, uma invenção que funciona para a neurose. Já a psicose busca uma invenção outra, algo que pode ser suprido por algum outro elemento que faça as vezes do Pai, o *sinthoma* de cada um. No caso de Joyce foi a escrita.

O *sinthoma* é a suplência que tanto o paranoico como o neurótico utilizam para fazer parte na sua singularidade do discurso social, todavia, o paranoico realiza esforços desmedidos para conseguir tal façanha, já que estão desde sempre fora do discurso estabelecido, estão estrangeiros a este. Ele precisa inventar uma relação com o Outro, um laço social; é por isso que a psicose denuncia a inexistência do Outro também na neurose, pois afirma a possibilidade da sua invenção. Trata-se sempre de uma invenção, independente da estrutura.

Lalangue faz de cada um, um diferente, um anormal, que não entra na norma. Ela produz o traumatismo no sujeito, no significante que obriga a cada um uma invenção subjetiva. Uma invenção de sentido, um delírio. Há, porém, os delírios dos discursos estabelecidos, amparados pelo Nome-do-Pai e aqueles que não podem contar com essa amarração borromeana. A neurose pode se confiar no aparato simbólico e na sua invenção de achar que o Outro existe e pode responder, dar sentido aos significantes enigmáticos. A clínica lacaniana demonstra que os normais ou os loucos tem que saber-fazer com o seu traumatismo. O fato de o Outro não existir permite o sujeito se tornar um inventor, construir uma ancoragem para o gozo. O campo da estabilização é vasto e é o que orienta o ensinamento topológico de Lacan, a singularidade de cada um para inventar um quarto termo que ata os três registros. No entanto, é preciso vasculhar a cada caso o estilo de resposta que o sujeito pode inventar.

O delírio generalizado como advindo da *foraclusão* generalizada é compartilhado e serve de laço social, porém, o delírio paranoico é apenas do sujeito, não há possibilidade de transmissão sintomática. A paranoia fica em pé de igualdade com a neurose na segunda clínica de Lacan. Não se trata mais de déficit, e sim do que faz suplência. Trata-se de uma clínica borromeana caracterizada pela *foraclusão* generalizada e pelas diferentes formas de suplência, os arranjos singulares de cada sujeito com o seu gozo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É chegado o momento de concluir. Não somos paranoicos a ponto de estabelecer uma nomeação que dê conta desta discussão teórica. Estamos aqui do lado do contraponto, do dizer, do próprio equívoco. Estamos falando de língua, de subjetividade, de invenção, da heterogeneidade que compõem esses campos, da impossibilidade, da marca real que carregam. Marcados pela falta, desejamos ir além, não paramos com essa discussão por aqui, mas aqui é preciso fazer corte e finalizar.

O percurso no tema *O sujeito de uma língua estrangeira* implicou várias travessias teóricas. Em um primeiro momento, situamos um breve histórico da paranoia na psiquiatria clássica para logo em seguida desenvolvermos este termo no corpo teórico da psicanálise, começando por Freud e seus importantes ensinamentos, seguindo com Lacan, um precursor freudiano inspirador. Apesar da ênfase deste trabalho ter sido sobre o primeiro ensino de Lacan, dada a sua importância para pensar sobre a paranoia e a estrutura de língua, não recusamos suas elaborações da década de 1970, por acreditarmos na nova orientação para repensar as psicoses. Fizemos um diálogo com outro campo de estudo, a linguística, que nos convocou a sair do nosso lugar de escolha e trilhar novos rumos. Com esse movimento foi possível pensar a paranoia de um campo que era, inicialmente, estrangeiro a nós e justamente por isso nos dividiu, mobilizando a deslizar teoricamente.

Defendemos a ideia que o paranoico faz uso de uma língua particular, vimos também que neuróticos e psicóticos também fazem uso da lalangue, língua própria, porém, a conclusão a qual chegamos é que o sujeito paranoico fala lalangue, ele não faz um “bom” uso da linguagem para estabelecer laço com o outro, fica à deriva desta linguagem construída e compartilhada pela coletividade. A fala de pertencimento do paranoico é uma fala de lalangue que foracluiu a possibilidade simbólica de fazer semblantes.

Vimos também que o paranoico, diferente do sujeito esquizofrênico, apresenta uma fala organizada sintagmaticamente, dando a possibilidade de fazer laço, ainda que capenga com o social. Eis a marca da sua diferença: mesmo com essa possibilidade frágil, o sentido do delírio é sempre único, demonstrando uma arbitrariedade absoluta, com irrupções sem o freio do recalque, do eixo paradigmático sobre o associativo.

As regras sociais e todos os valores que lhe cabem são regidos por normas simbólicas que remetem ao campo das neuroses. Para o paranoico fica a questão de como se inserir nestes discursos. É preciso algo da ordem de uma invenção para que eles, mesmo se situando

fora da norma fálica, exilados do lado de fora, possam inventar uma nova referência que não o Nome-do-Pai.

Do que é possível fazer laço da língua compartilhada? Há uma citação de Proust que diz: “O escritor inventa na língua uma nova língua, inventa uma língua estrangeira de uma espécie qualquer (...) que não é outra língua, nem dialecto recuperado, mas um devir outro da língua, uma minoração dessa língua maior, um delírio que a arrasta” (DELEUZE, 2000, p.131). O escritor e a paranoia têm uma relação comum, pois o primeiro se utiliza do enlouquecimento das palavras, a escrita permite que a loucura, o delírio sejam socialmente compartilhado, não há recalque, apesar de funcionar como um litoral, uma inscrição de gozo, funciona também como possibilidade de laço, aceitam-se muito bem os delírios escritos. Segundo Barros (apud BRANCO, p.25) “(...) em seu gesto demiúrgico de renomear o mundo, de errar a língua, de perverter a linguagem, de injetar insanidade nos verbos para que transmitam aos nomes seus delírios”.

Todos são constituídos de uma língua que lhes é exterior, é a partir da língua do Outro que se constitui, porém, a invenção paranoica talvez tenha que ser muito mais inventada do que um invento neurótico, pois é preciso suportar o fato de estar oficialmente pensando na primeira clínica de Lacan, do lado de fora. “Porque os loucos são externados em seu confinamento fora, nós o internamos; é a nossa única maneira de reconhecer, no louco, o estranhou o excluído que é o outro para cada um de nós, no clarão súbito de uma liberdade que nós invejamos porque ela nos ofusca” (RABINOVITCH, 2001, p. 8).

A ideia que temos é que, dependendo do modo de estabilização encontrado pelo paranoico, ela será mais consolidada se aceita pelas pessoas que com ele convivem, justamente por o social carregar uma marca neurótica na sua constituição. Será mais fácil não exilá-lo, não excluí-lo caso a sua amarração seja entendida como uma forma de laço social pelo outro. A amarração no exemplo citado de “dona-de-casa” parecia facilitar a relação do psicótico com o social. É claro que, caso o paranoico tenha acesso a um trabalho clínico, o psicanalista não deve ficar à mercê desta ideia, a invenção é de cada um, não é algo ofertado pelo outro. Até porque, mesmo uma solução bizarra pode possibilitar que o sujeito passeie por funções sociais, possibilita uma organização do laço com os outros.

O modo como cada paranoico fará laço pode ser feito pela sua escolha de um significante que passa a designá-lo. Como se trata de uma identificação com o ideal sem mediação, baseada no imaginário, o laço se apresentará de forma rígida. É comum em casos de paranoia observar a facilidade que o paranoico tem de se colocar no lugar da exceção. Como aquele que sabe qual a melhor coisa a fazer. Como no conto de Miguel Sawa, *Judas*,

em que o personagem constrói um delírio em que acredita que Judas o persegue e que este matou todos os seus entes queridos, ele soube qual seria a melhor coisa a fazer: “E, por ter livrado a humanidade daquele homem maldito, por ter matado Judas o traidor, trouxeram-me para cá, para este manicômio” (SAWA apud COSTA, 2007, p.64). Ele passa a ser o ponto de exceção para aqueles que com ele convivem. No conto, ele salvou a humanidade dos castigos de Judas, já que este se colocava como o grande responsável por todas as desgraças da humanidade.

Em alguns casos esse Um da exceção funciona como vínculo com uma coletividade. É da ordem da contingência e da invenção. Esse referente ideal, S1 passa a significantizar o gozo, propiciando uma possibilidade de estabelecer laço social.

Finalizamos aqui, fazendo tropeço, pois teorizar sobre a paranoia no campo freudiano e lacaniano não foi e não é uma tarefa fácil, e existe algo que é da ordem da prática analítica de cada um. Para compor essa ideia citamos: “(...) a clínica, como forma de acesso ao sujeito do inconsciente, é sempre o campo da pesquisa” (ELIA, 2000, p. 23). Às vezes parecia que estávamos na contramão do discurso científico, apesar de a psicanálise derivar dele, pois temos um encontro constante com os tropeços, as falhas, as impossibilidades como grande marca teórica. A língua saussuriana também não fica por menos, pois se apresenta como mutável, como relativa, como algo que não responde pela rigidez. A sua materialidade significante e sua possível positividade caem por terra quando ligamos isso à sua qualidade arbitrária e à diferença que comporta. Há algo nela que não se inscreve, não se trata de um simples acaso. Entre o encontro dessas duas linguagens, a da linguística e da psicanálise, propiciado pelo nosso objeto de escolha, a paranoia, deparamo-nos com a castração que as duas apontam, de um real permeando a teoria. Sem castração e relativização simbólica só a paranoia e sua completude, de uma fala plena que nos ajuda a reconhecer as falhas, não no sentido de déficit, mas com aquilo que contamos para poder seguir em frente, o que nos causa desejo, reconhecemo-nos pela diferença e pela oposição, este saber Saussure ensinou muito bem. A linguística teve a sua contribuição para entendermos a linguagem do sujeito desse saber estrangeiro, e através dela fizemos um contraponto. Nisso ela é fundamental, pois foi possível uma relação especular, como aquilo que Lacan aponta em *Estádio do espelho como formador da função do Eu* (1949), em que a virtualidade fundante das relações de identificações com objetos imaginários instaura o transitivismo especular, base para as relações de conhecimento. É preciso inventar um Outro, para saber-fazer. Para se tornar inventor é preciso se alienar para depois se separar. Eis o encontro da linguística com a

linguagem lacaniana, estabelecemos um espelho para disso advir a diferença estruturante de cada uma.

REFERÊNCIAS

- ALLOUCH, Jean. *Marguerite, ou, A Aimée de Lacan*. Companhia de Freud: Rio de Janeiro, 2005.
- ARRIVÉ, Michel. *Linguagem e psicanálise, lingüística e inconsciente*: Freud, Saussure, Pichon, Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BARRETO, E. F. *Causalidade, linguagem e nomeação na psicose*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Paraíba, 2008.
- BARBOSA, Adoniran. *Tiro ao Álvaro*. LP Emi Odeon, 1987.
- BARROS, Manoel de. *Memórias Inventadas: a segunda infância*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2006.
- BRANCO, L. C. *Os absolutamente sós*: Llansol, a letra, Lacan, Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- BUARQUE, C. *Trocando em miúdos*. LP Chico Buarque, Philips, 1978.
- COSTA, F. M. *Os melhores contos de loucura*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.
- CRAMER, A. A propos des hallucinations chez les sourds-muets malades mentaux: avec quelques remarques sur la significations des images motrices de mots dans les hallucinations auditives. In: *Analytica*: cahiers de recherche du champ freudien. Paris: Navarin, 1982 (1896).
- DELEUZE, G. *Crítica e Clínica*. Lisboa: Edições Sécuro XXI, 2000.
- ELIA, Luciano. Psicanálise: clínica & pesquisa. In: *Clínica e pesquisa em psicanálise*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000.
- FLORES, V. do N. A lingüística de Ferdinand de Saussure, a psicanálise de Jacques Lacan: o que uma pode dizer a outra? In: *Correio da APPOA*, n. 131, dez 2004, p 5-11.
- FONTELA, Orides. *Poesia Reunida*. Rio de Janeiro: 7 Letras Cosacnaify, 2008.
- FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- _____. *Além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (1920).
- _____. *Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e na homossexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (1922).
- _____. *Análise Terminável e Interminável*. In: FREUD, S. *Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. Conferência XXXI - A dissecção da personalidade psíquica (1933[1932]) - In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud v. XXII*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Projeto Para uma Psicologia Científica. ESB, vol.I. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996 (1895).

_____. *Psiconeuroses de defesa*. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (1894).

_____. *A Psicopatologia da vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.

_____. *A interpretação das afasias: um estudo crítico*. Lisboa, Edições 70, 1970 (1891).

_____. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess (1892-1899). In: SALOMÃO, J. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

_____. *Inibições, sintomas e ansiedade*. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (1926).

_____. Luto e melancolia. In: FREUD, Sigmund. *Ensaio de Metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (1917).

_____. Um caso de paranóia que contraria a teoria psicanalítica da doença (1915) In: FREUD, Sigmund. *Ensaio de Metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: FREUD, Sigmund. *A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974.

_____. *Neurose e Psicose*. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (1924).

_____. *Novas Observações sobre As Neuropsicoses de Defesa (1896)*. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

_____. Feminilidade. In: SALOMÃO, J. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1972 (1933).

_____. *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia*. Rio de Janeiro, Imago, 1996 (1911).

_____. *O estranho*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. *O humor*. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (1927).

_____. Os Chistes e sua relação com o Inconsciente. In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud, v.8*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

_____. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1972 (1905).

_____. Psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. 20. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (1925).

_____. *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (1921).

_____. Recalque. In: *Edição Standard Brasileira*, Vol. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (1915).

_____. Totem e Tabu. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (1912-13).

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. *La Langue Introuvable*. Paris: Maspero, 1981.

GAY, P. *Freud: Uma Vida para o Nosso Tempo*. Companhia das Letras, São Paulo, 1989.

GENEROSO, Cláudia Maria. O funcionamento da linguagem na esquizofrenia: um estudo lacaniano. *Revista Ágora*, v. XI n. 2 jul.-dez 2008, Rio de Janeiro.

HARARI, Angelina. *Clínica Lacaniana da Psicose*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006.

HERREROS, Gerardo Raúl (1995). De La “loucura razonante” AL “trastorno delirante”. Notas sobre La historia de La paranóia,. Disponível em:
<<http://ebooks.gutenberg.us/Wordtheque/es/AAAAQKZ.TXT>> Acesso em: 12 dez. 2011.

HIDALGO, Luciana. *Arthur Bispo do Rosario - O senhordo labirinto*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

HILST, Hilda. *Do desejo*. São Paulo: Globo, 2010.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

JEFFREY Moussaief Masson (ed.). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904*. Rio de Janeiro, Imago, 1986.

JONES, E. (1953-55-57). *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

JULIEN, Philippe. *As psicoses – um estudo sobre a paranoia comum*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

_____. *Psicose, Perversão, neurose – a leitura de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

LACAN, Jacques. *O Seminário 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. *O Seminário 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. *O Seminário 9: A identificação*. Pernambuco: Centro Freudiano do Recife, 2003.

- _____. *O Seminário 11: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992 (1969/70).
- _____. *O Seminário 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- _____. Apresentação das memórias de um doente dos nervos. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003 (1966).
- _____. *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001.
- _____. Radiofonia. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003 (1970).
- _____. *O seminário 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- _____. O Aturdido. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003 (1966).
- _____. *O Seminário 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988 (1955-56).
- _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. De uma Questão Preliminar a Todo Tratamento Possível da Psicose. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998 (1957-58).
- _____. Le séminaire 7:: l'éthique de la psychanalyse. Paris: Seuil, 1986.
- _____. *O Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998 (1964).
- _____. *O Seminário 4: A relação de objeto*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994 (1956-1957).
- _____. *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- _____. *O Seminário 20: Mais, ainda*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985 (1972-73).
- _____. *O Seminário 22: R.S.I.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1974.
- _____. O problema do estilo e a concepção psiquiátrica das formas paranoicas da experiência. In: _____. *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade, seguido de primeiros escritos sobre a paranoia*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987 (1933).
- _____. A agressividade em psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998 (1949).
- _____. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998 (1949).

_____. *O Seminário 23: O Sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007 (1975-76).

LAURENT, Éric. Vigências de três exigências deduzidas dos ensinamentos de Lacan sobre as psicoses. In: _____. *Versões da Clínica Psicanalítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

LEMINSKI, Paulo. *Melhores poemas de Paulo Leminski*. 6ª ed. São Paulo: Global, 2002.

MALISKA, E.M. Entre linguística e psicanálise. 1ª ed. Curitiba: Juruá, 2009.

MAZZUCA, R. et. al. *Las psicosis*. Buenos Aires: Bregase 19, 2004.

MILLER, Jacques-Alain. *Silet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. (1995/2005). A invenção do delírio. Opção Lacaniana Online. In: MILLER, J.-A. et. al. *El saber delirante*. Buenos Aires: Paidós, 1995.

_____. A invenção psicótica. *Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, n. 36, Mai. 2003.

_____. Lacan e psicose. In: *Matemas I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

_____. *Lacan Elucidado: Palestras no Brasil*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.

_____. Lições sobre a apresentação de doentes. In: _____. *Matemas I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

_____. Produzir o sujeito. In: *Matemas I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

_____. (Org). *Pertinences de la psychanalyse appliquée*. Paris: Seuil, 2003.

_____. *Recorrido de Lacan*. Buenos Aires: Manantial, 1984.

_____. *La psicosis ordinaria*. Buenos Aires: Paidós, 2005.

_____. *Los signos del goce*. Buenos Aires: Paidós, 1998.

MÜLLER, A. Jr. Manoel de Barros: o avesso visível, In: *Revista USP* n. 59, São Paulo, Nov 2003.

NASIO, J-D. *Os grandes casos de psicose*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.

PATROCÍNIO, Stela do. *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. Rio de Janeiro: Azougue, 2001.

PEIXOTO, C. A. Jr. A lei do desejo e o desejo produtivo: transgressão da ordem ou afirmação da diferença? In: *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 14(1):109-127, 2004

PEREIRA, MÁRIO E.C, Formulando uma Psiciopatologia Fundamental. In: *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, vol. I, no. 1, 1998.

QUINET, Antonio. *A descoberta do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. *Na mira do Outro, a paranóia e seus fenômenos*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.

RABINOVITCH, Solal. *A forclusão – presos do lado de fora*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

REBOUÇAS, M. de V. *Surrealismo*. São Paulo: Ática, 1986.

ROUDINESCO, E. *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

SANTOS, N. S. *A psicose: Um estudo lacaniano*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

SAUSSURE, F. de. *Curso de lingüística geral*. 27ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. Notas Preparatórias para os cursos de linguística geral. In: BOUQUET, S. & ENGLER, R. (org). *Escritos de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2004.

SCHREBER, Daniel Paul. *Memórias de um doente dos nervos*. Rio de Janeiro, Graal. 1984.

SÉRIEUX, P.; CAPGRAS, J. As loucuras racionais – o delírio de interpretação: introdução. In: DALGALARRONDO, P.; SONENREICH, C.; ODA, A. M. R. *História da psicopatologia: textos originais de grandes autores*. São Paulo: Lemos, 2004.

SOLER, Colette. *O inconsciente a céu aberto da psicose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

VELOSO, Caetano. *Sampa*. LP. Muito – Dentro da Estrela Azulada, Phonogram, 1978.

VERAS, Marcelo F. A. dos S. *A loucura entre nós: uma experiência lacaniana no país da saúde mental*. Salvador: Aldeia Bahia Brasil, 2010.

ZÉ, Tom. Vai. LP. *Estudando o samba*, Gel Continental, 1976.

WEILL, A. D. Os três tempos da lei. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.